Maria Stella de Novaes

Do Instituto Histórico e Geográfico do
Espírito Santo

O RELICÁRIO DE UM POVO

O Santuário de Nossa Senhora da Penha

2ª Edição

BT660
.P39N93

ESPÍRITO SANTO
BRASIL
1958

IMPRESSÕES DE LEITURA

Dentre as biografias que temos lido, nos últimos tempos, poucas nos têm emocionado tanto como "Um Bispo Missionário", da autoria de Maria Stella de Novaes, onde se focaliza, de modo completo e brilhante, a figura primacial de D. Fernando de Souza Monteiro, primeiro Bispo espírito-santense.

....

.....

.. é um livro cuja leitura fizemos, mais de uma vez, sentindo lágrimas nos olhos, por ser um repasse circunstanciado e magnífico do que d. Fernando realizou, à frente da Diocese do Espírito Santo, em anos de lutas e incertezas, de privações e renúncias, de mortificações e canceiras, o que é assombroso num homem como êle foi, de compleição não muito robusta e sempre atacado por males que lhe tiravam o sono e produziam dores inauditas.

.....

.....

Poucos livros, repetimos, nos têm emocionado tanto como "Um Bispo Missionário", da maior escritora espírito-santense, essa estilista primorosa e historiadora erudita, que é Maria Stella de Novaes.

.....

.....

...Êle nos fêz acreditar na existência da bondade humana e derramou, em nossa alma, um perfume inebriante e inextinguível.

Dr. Carlyle Martins
Fortaleza. Ceará

HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO
(Inédita)

É um trabalho que não poderia se reduzir a um volume apenas. O rigor das pesquisas, o confronto de documentos e o sentido sociológico da obra conduziram a autora a desdobrá-la em quatro volumes, sôbre o desenvolvimento administrativo, industrial, agrícola, judiciário, sociológico, etc. do Espírito Santo, e sua posição, na Literatura, nas Ciências e nas Artes.

O Convento da Penha, visto de Vila Velha. No primeiro plano, estão o nicho, a gruta e a entrada da ladeira

(Oferta do Sr. Manuel Rodrigues)

Maria Stella de Novaes

Do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo

LIBRARY OF PRINCETON
SEP 16 1987
THEOLOGICAL SEMINARY

RELICÁRIO DE UM POVO

O Santuário de Nossa Senhora da Penha, no Espírito Santo - Brasil.

--- Segunda Edição ---

Alcandorado e belo, exposto ao raio e ao vento,
sentinela da barra, em perfil singular,
destaca-se, no espaço, o lendário convento,
o trono de Maria, entre a planície e o mar.

M. S. de Novaes.

VITÓRIA
Espírito Santo
1958

Da autora:

Publicados:

— Os moluscos nas suas relações com a geologia
— Um traço de união entre a física e a química. (Eletricidade). Tese de concurso. 1923. Esgotado.
— Entomologia econômica. Tese de concurso. 1925. Esgotado.
— Da ecologia e da morfologia dos insetos. "Diário da Manhã". 1922.
— Discurso de paraninfo. 1924.
— Discurso de paraninfo.4 1926.
— Discurso de paraninfo. 1932.
— Orquidários. "Diário da Manhã". 1936.
— Orquideas do Espírito Santo. "Diário da Manhã". 1936.
— Orquídeas do Espírito Santo. "Boletim da União Panamericana". 1940.
— Orquídeas do Espírito Santo. Colaboração e, "Orquídea", revista especializada. Foram publicados sete trabalhos.
— A Criança e a Natureza. Tese apresentada ao Congresso de Educação, no Rio de Janeiro, 1934.
— Da Natureza ao Folclore. 1944. Esgotado.
— Botânica e Folclore. 1944.
— Orquidários Científicos. 1950.
— O Carmo. (História).
— Da evolução mental e social das capixabas. (Discurso de posse, no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo).
— A Diocese do Espírito Santo e o Primeiro Bispo Espírito-Santense. (Trabalho apresentado ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo). 1945.
— Diversos trabalhos de botânica, pedagogia, história, folclore, sociologia, etc., em "A Gazeta" e "A Tribuna", de Vitória, no "Jornal do Comércio" (Rio), Poesias, em "Atenéia" Rio Grande do Sul), "Jangada" (Ceará), "Alvorada" (Uruguai), "Novo Mundo" (Mato Grosso", etc.
— Um Bispo Missionário (Dom Fernando de Sousa Monteiro). Premiado na Academia Brasileira de Letras, em 1952.
— Relicário de um Povo. O Santuário de Nossa Senhora da Penha, no Espírito Santo. (História e Folclore).
— Os Holandeses, no Espírito Santo. (História e Folclore). 2a. edição.
— Medicina e Remédios, no Espírito Santo. (Separata do "Douro-Litoral) (História e Folclore) — Esgotado.

— A Vila Velha e a Vila Nova do Espírito Santo. (Separata do "Douro Litoral") História.

Inéditos:

— Da Aprendizagem das Ciências Físicas e Naturais.
— Os Brinquedos e o seu Valor Educativo. (Pedagogia e Folclore).
— Álbum de Botânica. 500 figuras, em aquarela.
— Orquídeas do Espírito Santo. (Catálago Ilustrado). Literatura, aquarelas, fotografias, etc.
— Lendas Capixabas.
— Carumurus e Peroás. (História e Folclore).
— Maria Antonieta Tatagiba. (Ensaio de biografia).
— Educação Estética.
— Possibilidades Turísticas no Espírito Santo.
— História do Espírito Santo.
— Populário Capixaba.
— O Fogo e a Pirotécnica, no Folclore.
— Medicina e Remédios, no Espírito Santo. (2.º Edição).
— A Mulher na História do Espírito Santo.
— Saudade!... (Poesias).

Em preparo:—

— A Colônia Italiana, no Espírito Santo.
— A Igreja Católica, no Espírito Santo.
— Introdução à História da Literatura Espírito-Santense.

Em conferências proferidas, nas sociedades culturais de Vitória, e artigos publicados, na imprensa local, despertou o interêsse pelo folclore, no Espírito Santo.

Divulgou a idéia do "Dia do Capixaba" a ser comemorado a 23 de Maio, em todo o Estado. Traçou as diretrizes dessa instituição concretizada, depois, em Lei da Assembléia Legislativa, sansionada pelo Govêrno do Estado.

Estudou o **Tipo Capixaba no Folclore**, e a importância dos museus populares e de etnografia e folclore, para o Espírito Santo.

À Padroeira Querida

do Espirito Santo,

Nossa Senhora da Penha

Gratidão e Louvor.

Maria Stella de Novaes

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/relicariodeumpov00nova

Sobre a primeira edição:--

Com deslumbramento e encanto, lí o livro RELICÁRIO DE UM POVO, onde o Convento da Penha foi magníficamente louvado, em páginas de um fino e incomparável estilo literario. Vem com o prefácio de Dom Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá e membro da Academia Brasileira de Letras, valendo as palavras do augusto sacerdote por uma verdadeira consagração. Doravante, o Convento da Penha é santuário que pertence à autora do livro admirável e precioso para o folclore capixaba.

Escrever sôbre o Convento da Penha, depois de Maria Stella? Bom será desistir da tarefa eriçada de tantas dificuldades. Pode-se dizer o mesmo que Michelet, referindo-se ao monumental trabalho literário intitulado NOSSA SENHORA DE PARIS, escrito pela fulgurante pena de Victor Hugo:—

Alguém, escreve Michelet, marcou o monumento com tal garra leonina que ninguém mais, de futuro, se abalançará a tocar-lhe. Agora, NOSSA SENHORA DE PARIS é coisa sua, Hugo edificou, ao lado da velha catedral, **uma catedral de poesia.**"

Verdadeiro santuário de poesia, pode-se denominar igualmente êste que a ilustre literata, professora Maria Stella de Novaes, glória e orgulho das letras capixabas, edificou, ao lado do Convento da Penha.

A prece, escreveu o harmonioso Lamartine, não foi inventada, ela nasceu do primeiro suspiro, da primeira alegria e da primeira tristeza do coração humano. (Lamartine. VOYAGE EN ORIENT). Entre as poesias divulgadas no livro, con tanta devoção e arte, destaca-se êste magistral quarteto, dígno das melhores antologias e que parece uma prece gravada, na imagem que ilumina um breviário:—

Alcandorado e belo, exposto ao raio e ao vento,
Sentinela da barra, em perfil singular,
Destaca-se, no espaço, o lendário convento,
O tronc de Maria, entre a planície e o mar.

Pesquisando sempre, a folclorista possui, em seu RELICÁRIO. um capítulo repleto de lindas e encantadoras trovas populares. Trovas e cantigas das praias de Vitória e Vila Velha. Ela diz que os marinheiros cantam:—

Nossa Senhora da Penha,
Bota a bandeira no mar...

Os poetas e os santos sempre buscaram o mar, espelho do céu e fonte de inspiração divina. Chateaubriand amou o oceano, com suas águas espumantes e lá longe tem o seu túmulo. perante as ondas, no rochedo de Grand Bé. Afastando-se dos rumores da cidade, o poeta Hugo refugiado em Guernesey, buscava o cheiro das ondas selvagens, para melhor sonhar. Lamartine, navegando, pelas águas do Mediterrâneo, em suas viagens para o Oriente, deixou páginas pitorescas e poéticas, descrevendo a beleza impressionante das ilhas e das areias, na flor das espumas, em noites brancas e manhãs luminosas.

Sendo poetisa, não é de se admirar que Maria Stella tivesse sentido o encanto do oceano, em tôda a sua plenitude, porque sòmente o mar sabe falar, por Deus aos corações, no idioma celeste.

Nossa Senhora da Penha
tem janelas para o mar...
Nossa Senhora da Penha,
onde foi ela morar?
Lá no alto da pedreira,
tôda cercada de mar.

Simbolista, guardando a música dos violinos de Verlaine nas frases, a autora sabe escolher as jóias vocabulares, colecionando as trovas e cantigas mais interessantes e sugestivas. O mar continuamente fala, nas páginas do livro, e saudades cantam, nas vozes dos marujos:—

Quem me dera estar, agora,
onde está meu pensamento;
na Cidade de Vitória,
na ladeira do Convento.

A poesia das ondas é fonte de inspiração do cancioneiro capixaba:—

Saudade, — Gaivota, ao longe,
entre o mar e o firmamento,

para o Convento da Penha,
levando o meu pensamento.

A Lua, ao longe, cintila
num mar imenso de luz.
— Nossa Senhora da Penha,
pisando as ondas azúis.

Mas, por vêzes, existe um pouco de política, nas quadras e, igualmente, nos quadros que descreve, numa ironia suave e amena, lembrando uma frase faiscante de Anatole France, ou uma trova de Belmiro Braga, que sempre dizia seus gracejos em versos:—

E a polícia sanitária
e o vereador e o fiscal?
— Nossa Senhora da Penha,
livrai-nos de dano tal!

Rir é próprio dos homens, sendo preciso rir, não muito, mas, suficientemente, para castigar os costumes, conforme aconselhavam Juvenal, Rabelais e Voltaire.

———X———

Poetisa, historiadora, ensaista, agiógrafa, paciente no labor beneditino, douta em antiguidades, — após haver conquistado o Prêmio **José Veríssimo** da Academia Brasileira de Letras, em 1952, — a escritora patrícia, pesquisando os arquivos, consultando os alfarrábios, estudando a vida de Frei Pedro Palácios, burilou verdadeira maravilha, que honra a cultura capixaba e enriquece a literatura brasileira.

O Convento da Penha faz evocar os tempos antigos, quando a solidão imperava, no austero mosteiro, onde, por vêzes, ecoavam os poemas litúrgicos de Frei Monte Alverne, o Bossuet brasileiro. A poesia, cheia de graça, inteligência e cultura, faz uma prece, quando escuta a sinfonia dos sinos, na solidão. Preciso será ler e reler o livro, para se escutar as harmonias melancólicas que, ao longe, as ondas cantam, debruçando a brancura das espumas, na encosta escura dos penhascos, quando a ventania soluça, nas folhas dos arvoredos seculares; preciso é meditar e refletir, para se entender a voz do vento que geme, em profundos, lancinantes, aflitivos gemidos, nas muralhas do vetusto convento, porque, até nas pedras do claustro existe uma súplica, uma queixa transformada, por milagre, numa prece.

Em seu misticismo, em suas conversas com a divindade, a consagrada poetisa tem qualquer coisa dos antigos anacoretas ocultos nos desertos ,escutando a voz que vinha de Deus, nas grandes areias, contemplando as águas dos rios e dos mares sagrados da Palestina ou percorrendo as estradas de Damasco marcadas pela marcha das caravanas e pela marcha dos séculos, estradas onde ficaram igualmente gravados os sinetes das coisas celestes narradas nos textos poéticos dos livros da Bíblia.

Na imensidade do amor cristão, um MAGNIFICAT, eleva-se, misteriosamente, das páginas do RELICÁRIO em procura dos céus distantes num cântico profundo, amplo, majestoso, impressionante; eleva-se, numa prece, onde existe uma lágrima orvalhando os olhos. Parece que a prece chega até o céu porque as montanhas e os penhascos, ajoelhados, escutam misteriosas harmonias dos sinos tangidos pelas mãos dos anjos e a maviosa voz de Maria que reza, no rosário das estrêlas. .

Paulo Freitas

PREFÁCIO

Foi pelos fins do Século passado, ainda na minha meninice, em Guiabá, que comecei a conhecer e admirar o pequenino Estado do Espírito Santo, por isso que dois dos seus mais ilustres filhos, os irmãos Gomes de Oliveira, então simples sacerdotes, hoje ambos arcebispos metropolitanos, tinham sido destacados pelos seus superiores salesianos, para aquela vanguarda gloriosa da civilização, no mundo católico.

Em 1934, tive a honra de compor o hino oficial, para a inauguração dum monumento ao Padre Anchieta, em terra espírito-santense, na velha Rerigtiba, condecorada hoje com o seu nome de apóstolo e santo.

Finalmente, em 1951, acedendo a honrosos convites dos Govêrnos do Espírito Santo e da Diocese, foi-me dado proferir a oração gratulatória, à chegada da histórica imagem de Nossa Senhora da Penha, que, pela terceira vez, visitava a Cidade da Vitória, para ser coroada de ouro, em nome do Sumo Pontifice, por ocasião dos grandiosos festejos comemorativos do quarto centenário do berço da ínclita metrópole capixaba.

Fácil, pois, de adivinhar a satisfação, com que vou traçando êste prefácio, para o novo livro de Maria Stella de Novaes, intitulado "Relicário de um Povo", relicário, que é justamente o Santuário de Nossa Senhora da Penha e povo, que é o do Espírito Santo.

Com tantos primores de gentileza, fêz Maria Stella o seu pedido, que, mesmo no caso de ser uma desconhecida, não havia recusar-lhe. Mas, a verdade é que já bem a eu conhecia, máxime depois que a Academia Brasileira de Letras lhe consagrou a obra literária, premiando, em 1952, o seu grande livro: "Um Bispo Missionário".

Ninguém, melhor que Maria Stella podia cinzelar êste "Relicário", alma, que é, de poetisa e idealista, tão encantada pelas orquídeas, como pelo folclore da sua terra, ela, que deu as suas longas tranças de menina, para a cabeleira da Virgem da Penha, a qual, por sua vêz, lhe retribuiu com uma "boa cabeça".

A par de tudo isto, possui Maria Stella a paciência beneditina da pesquisa, o bom senso que a norteia por entre a

bruma envolvente, a confundir não raro, a história e as lendas, e finalmente um estilo, que, na sua simplicidade, vibra de fé, patriotismo e lindos pensamentos.

Prouvera a Deus que, com a minha singela apresentação, lograsse atrair muitos leitores a estas páginas, que vão propagar a suavíssima e salutar devoção à Virgem Mãe de Deus e dos homens, Mulher bendita entre tôdas as mulheres, que não se cansa de multiplicar sôbre a terra, os tronos da sua misericórdia, como êsse da Penha, no E. Santo, onde a montanha, o oceano e o firmamento falam tão alto ao nosso espírito!

Quantos de lá não sairam, cantando, na singeleza dos seus corações, a trova popular:

Nossa Senhora da Penha!
Sua capelinha cheira,
Cheira a cravo, cheira a rosa,
Cheira a flor da laranjeira!

E quantos outros terão exclamado, com o gênio revoltado de Múcio Teixeira:

No píncaro do monte, o templo se alevanta,
Conservando, no seio, a Imagem sacrossanta
Da imaculada Mãe dos náufragos aflitos...
. . . . . .
Ó crença dos meus pais! Ó tábua salvadora
Dos náufragos da vida! Ó luz núncia da aurora,
Que há de raiar depois da noite da mortalha!
Espalha sôbre mim os teus clarões! Espalha,
Sôbre a minha cabeça, a convicção, que é,
Para as chagas morais, o bálsamo da Fé!

Melhor, porém, do que outras quaisquer palavras, chama a atenção para o "Relicário de um Povo" e canta as glórias do Convento da Penha, em magnífica síntese, que é, uma como introdução a êste livro, o seguinte formoso sonêto da própria autora, Maria Stella, com que folgo de encerrar estas breves e pálidas linhas

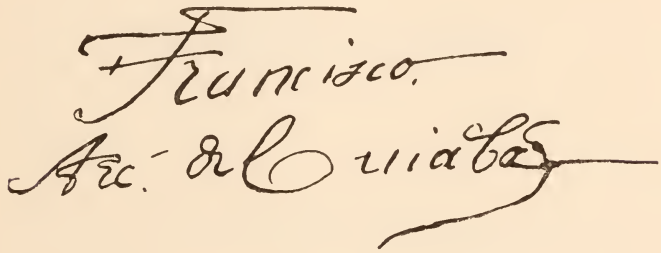
Ei-lo:

Alcandorado e belo, exposto ao raio e ao vento,
Sentinela da barra, em perfil singular,
Destaca-se, no espaço, o lendário convento,
O trono de Maria, entre a planície e o mar.

Peregrino, contempla o augusto monumento
Da terra capixaba! Ali vive a rezar,
Em hosanas de glória, ou rudez do tormento,
O coração de um povo! Oh! sim, vem meditar!

O sonho de Frei Pedro, o monge do painel
Perdido na montanha, à sombra das palmeiras,
Inspira um florilégio, em poemas e prosa.

O artista o registrou, num primor de pincel,
E a Fé tão superior aos cumes e às trincheiras,
Conduz as multidões à Virgem Poderosa!



DOM F. DE AQUINO CORRÊA
Arcebispo de Cuiabá

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA

e

FOLCLORE

O Convento da Penha

(Fotografia tirada do Campinho)

I

Alteado no cimo rochoso de um monte, na barra da belíssima Baía de Vitória, o Santuário da Penha atesta a quantos o contemplam, de passagem aérea ou marítima, a pujança da Fé palpitante no povo capixaba; sua devoção característica; seu refúgio, nas horas lancinantes da miséria, da viuvez, da orfandade, e finalmente, em todos os revezes da existência.

Dalí, do rochedo incomparável, jorra o lenitivo das bênçãos sôbre a humanidade que, ansiosa de luz e confôrto, se volta para a Virgem Imaculada.

Naquela ânfora da Paz, imersas na prece, revigoram-se as almas, como deliciadas pelo orvalho do Céu. Por isso, nos momentos felizes da sua História, o povo capixaba exclama:— "Nossa Senhora da Penha!" Nas horas amarguradas, confiante e esperançoso, invoca:— "Nossa Senhora da Penha! "Motivo êsse, talvez, por que Jaboatão dizia ser Pena a forma exata do têrmo e, relacionando-o com o latim **Poena**, concluia pela invocação — Nossa Senhora da Amargura, da Mágua, etc. Entretanto, numa pesquisa da origem secular dessa devoção, encontramo-la no Puy, no antiquíssimo templo da **Notre Dame de France**, a quem Luís XIII consagrou sua Pátria. Puy significa montanha, eminência; vem de **puisch** ou **puech**, na língua dos primeiros povoadores do lugar. (29) Penha provém do étimo céltico **pen** — pena, penasco. Sob a influência castelhana (peña), firmou-se penha, na língua portuguesa. (1)

Até o Século VI, o nome Puy era conferido sòmente à montanha. Hoje, a cidade estende-se, em anfiteatro, na vertente meridional do Monte Anis, no conjunto basáltico de Corneille. Conta-nos a História que, desde o tempo dos gauleses, venerava-se nêsse monte uma pedra maravilhosa, que ainda existe, no alto das escadas do templo. Chamavam-na **Pedra das Febres**, e se lhe atribuiam curas milagrosas, operadas pela Virgem Maria, que, posteriormente, ali apareceu. Então, o bispo de Voisy, decidiu-se a mandar construir um santuário.

No píncaro de um **dyke**, em Corneille, ergue-se, desde 1860, enorme estátua da Virgem Maria, em bronze dos canhões tomados, pelos franceses, na guerra da Criméia (1854). Resultou de 213 canhões russos. É obra do escultor Bonnassieux.

Puy foi sempre um centro de peregrinações célebres. A Romée, — Isabel, mãe de Joana d'Arc, por exemplo, fez uma romaria, a fim de colocar, sob a proteção de Nossa Senhora da Penha de França, a missão de sua filha quando essa deixou Domremy. Luís XIII, o Marechal Petain e outras figuras notáveis da História empreenderam romagens ao santuário famoso. Perante a imagem da Virgem, Carlos Mágno colocava o cétro e a coroa, quando viajava, repousava ou guerreava.

Como veremos, adiante, a devoção a Nossa Senhora da Penha (do Puy), originada na França, divulgou-se, na Espanha, transpôs a fronteira e penetrou em Portugal. Chegou, assim, ao Brasil.

———X———

Desejosa de conhecer, em seu princípio, êsse culto, que nos vem dos primeiros anos da colonização, no Espírito Santo, procuramos suas fontes, seus documentos e, de pesquisa em pesquisa, chegamos à história, à geografia da Espanha e aos seus tempos lendários das famosas jornadas cristãs.

Numa gruta natural, na Serra de França, havia uma imagem da Vírgem Maria. Sua existência, de época remota, fôra revelada ao monge Simon Vela, na França, mediante uma visão mística. Depois de muito peregrinar, Simon chegou ao lugar indicado e certificou-se do fato. Romarias e milagres começaram a atrair curiosos e devotos. Surgiu, assim, naturalmente, a invocação — Nossa Senhora da Penha (Peña) de França, já conhecida tradicionalmente, conforme veremos adiante e nos referimos, no princípio dêste capítulo.

— Mas, — dirá o leitor, — que seria uma Serra de França, na Espanha?

Trata-se de uma pequena serra paralela à grande cordilheira, que separa as províncias de Salamanca e Cáceres. Liga-se à mesma, por uma espécie de ístmo chamada **Passagem dos Lobos**. Dela se origina um rio o **Rio de França**, que atravessa a cordilheira, entre Penedo e Sotosserrano; penetra a Estremadura e lança-se no Tejo.

Na Serra de França, distinguem-se dois montes: — o

da Penha (Peña), no Oriente, e o de **Hastiala**, no Ocidente. O primeiro parece mais elevado e é mais escarpado. (1720 m.). Dizem que é uma admirável atalaia, de onde se descortina deslumbrante panorama que atinge a Serra da Estrêla, em Portugal, a Estremadura, os montes de Ávila, tôda a Salamanca e outras localidades da Espanha. Sua silhueta é original e imponente:— ergue-se para o Infinito! Mesmo em fotografia, como o observamos, desperta uma impressão singular, parecendo destinado mesmo a um pedestal para a estatua da Vírgem.

Quanto ao apelativo-Serra de França, divergem os historiadores para explicá-lo. Uns recorrem à lenda. Segundo o Pe. Matêo Vasco, por exemplo, a designação — de França, remonta à batalha de Guadelete (26-7-711), focalizada aliás, por Alexandre Herculano, em "Eurico, o Presbítero". Ao ver que Dom Rodrigo desaparecera, após oito dias de combate contra Tarik, chefe guerreiro árabe, a guarda real de Toledo retirou-se, aos poucos, seguida, de perto, pelos vencedores. Dom Rodrigo, assim vencido, conseguiu fugir, à rédea solta. Inutilizado, porém, o cavalo, continuou, a pé, sua jornada disfarçado com as vestes de um pastor caridoso, que o acolhera. Chegou a Portugal ou Galisa; entrou num convento, e terminou seus dias santamente. Figura, nos romances populares e lendas cavalheirescas da Península:—

Nos campos de Guadelete,
acabado se era o dia,
c'o dia, a grande batalha,
c'o a batalha, a monarquia.

Os anáfiles dos mouros
ressoam brava alegria;
Dom Rodrigo, Rei dos Godos
à rédea solta, fugia. (9)

São as duas primeiras quadras, da "Xácara de Nossa Senhora de Nazareth", escrita por Antônio Feliciano de Castilho, e na qual o poeta luso narra tôdo o episódio da fuga misteriosa de Ruderico, ou Dom Rodrigo, seu encontro com o pastor, a peregrinação em Portugal, a origem do templo e consequente devoção a Nossa Senhora de Nazareth, etc.

De certo, uma Serra de França e a Meseta del Francês, na Espanha devem ter uma explicação. Conforme as pesquisas de Dom Estevão Garibay, douto em antiguidade e que, se-

gundo o Pe. Colunga, passara dias recolhido, na Penha de França, para escrever a crônica dos Reis Católicos, nas investidas dos mouros, por motivos diversos ou, de modo especial, incitados pela Fé, a colaborarem com os espanhóis, contra os infieis, alí se refugiaram pessoas importantes da França. Construiram defesas, na referida serra, principalmente baluartes de pedra sêca, dos quais ainda existem vestígios.

Em "El culto mariano em España", Frei Augusto Sanches Peres (Madrid, 1943), conta-nos que uns cavalheiros franceses vieram à Espanha, alistar-se na bandeira de Carlos Mágno, contra os mouros, e levantaram fortes, no Monte da Penha. Sitiados pelos muçulmanos, os franceses, depois de esconderem uma imagem de Nossa Senhora, que veneravam, lançaram-se violentamente contra os agressores. As baixas foram imensas, de ambas as partes, ficando os cristãos dizimados, no lugar denominado logo Monsagro (Mons Sacer), monte sagrado, porque, ao chegar à França a notícia dolorosa, um bispo dirigiu-se ao lugar e o benzeu ,sob a denominação de Monte Sacro. A imagem permaneceu oculta, porque morreram todos os que sabiam do seu refúgio.

Um santo bispo, chamado Hilário, morreu nessa derrota, num lugar próximo da Penha de França e que recebeu, por isso, o nome de Sepúlcro de Hilário, hoje, aldeia **Sepulcrário**, corruptela da primeira designação.

Presume-se que as imagens encontradas, na Serra de França, teriam sido postas e ocultadas ali, a seu conselho, ou noutras campanhas, como, por exemplo, em 1173, quando, transpondo a fronteira portuguesa, os árabes atacaram Cidade-Rodrigo. Seus habitantes refugiaram-se, então, nas cavernas da Serra de França, levando suas preciosidades e suas imagens, que alí ficaram abrigadas, contra a profanação dos infiéis. Conservaram-se, portanto, veladas, nos anfratos e grutas, até que foram, providencialmente, descobertas.

Tudo confirma a referência de Musa, relatando ao califa Walid a guerra na Espanha, quando regressou a Damasco (715):— "Os godos são leões, nos castelos; águias, a cavalo; a pé, mulheres. Sabem aproveitar as ocasiões, mas quando vencidos, refugiam-se nas suas montanhas, como cabras".

Existe ainda a tradição de que o lugar serviu de cenário às lutas do próprio Carlos Mágno, contra os mouros. E o lendário Rolando, sobrinho do famoso Imperador, figura, por isso, nas poesias sôbre a Penha de França. Esta parece a versão mais aceitável. Segundo o sábio jesuita Pe. Camilo Torrend, Carlos Mágno era devoto de Nossa Senhora do

Puy. Nós já nos referimos às peregrinações do mesmo Imperador ao histórico santuário. Teria concorrido para a divulgação do culto de **Notre Dame de France**, na Espanha.

Correm outras opiniões, acêrca do nome — Serra de França, como, por exemplo, a existência de uma colônia francesa, cujo caudilho Dom Giral Bernal se distinguiu, entre os povoadores de Salamanca.

Outrossim, na restauração de Toledo por Afonso VI (1085), os franceses formaram um têrço de sua população, porque auxiliaram os castelhanos a reconquistar a cidade. Estavam, portanto, bem relacionados com o lugar. Aliás, se, no Brasil, existem Mar de Espanha. Nova Friburgo, Nova Hamburgo, etc., não podemos nos admirar de uma Serra de França, na Espanha.

———X———

— Mas, a imagem?

— Como foi descoberta?

Conforme a tradição antiqu,ssima, ligada à história do Santuário, uma donzela de Sequeros, chamada Joana, foi o instrumento do Céu, para revelar a existência de uma estátua de Nossa Senhora, oculta na referida serra. Adoecera gravemente e desfalecera. Recuperando os sentidos, revelou uma órdem, do Céu, recebida:— anunciar a seus pais os grandes revezes que teriam de atravessar, castigados por um negócio excuso.

"Ponde-vos de joelhos, voltada para a Serra de França, disse à sua mãe, — e rezai, fervorosa, três Ave Maria à Virgem Santíssima, em honra e reverência a uma imagem alí oculta, há duzentos anos. Sentireis logo o confôrto, em vosso espírito. Essa imagem será brevemente descoberta e o Senhor Onipotente fará muitos milagres e maravilhas. Muitos romeiros de tôdas as nações, aí, virão".

Profetizou ainda o aparecimento de três sinais, em formade cruz, ao pôr do Sol:— um sôbre as propriedades do Bispo de Salamanca, perto de San Martin del Castañar, nas quais se construiria um mosteiro da Ordem Dominicana. O segundo, sôbre a Penha de França, onde a gloriosa imagem seria descoberta, por um homem de vida exemplar. Alí, se faria um mosteiro dos Dominicanos. Seria um lugar de romarias e milagres. A terceira cruz cairia no ponto em que se devia construir o Santuário da Vírgem Imaculada.

Ainda a tradição aponta Simon Vela, a quem nos referimos, no início desta narrativa, como o escolhido para descobrir a imagem. Era francês, filho de Rolan e Bárbara, nobres e ricos. Nasceu em Paris. Abandonou a riqueza e o confôrto. — Deu tudo aos pobres e refugiou-se num mosteiro da Ordem Franciscana. Seu sobrenome-**Vela** resultou de uma constante advertência, que lhe parecia ouvir do Céu:— "Simon, vela!", em suas prolongadas orações.

Recebendo, no convento, uma revelação mística, partiu, em peregrinação, a fim de procurar a Penha de França.

— Onde estaria? — Em sua pátria?

Durante cinco anos, Simon andou, andou, inútilmente.

Avultavam, na Idade Média, as peregrinações ao túmulo do Apóstolo São Tiago, em Compostela. Seguiam o itinerário clássico da passagem pelo Santuário de Puy, tão famoso que se considerava sagrado o peregrino que o visitasse. A medalha de chumbo, de Nossa Senhora do Puy, servia-lhe de salvo-conduto.

Simon juntou-se a uma dessas romagens piedosas. Acompanhou alguns peregrinos a Castela e a Salamanca, esperançoso de encontrar, entre os universitários, notícias da Penha de França. Mas, apesar de tão perto do lugar, permaneceu seis mêses ainda, em buscas infrutíferas. Finalmente, uma tarde, meteu-se entre o povo, numa praça pública. Ouviu um pastor referir-se à Penha de França, nome tão ansiosamente acalentado. Logo, empreendeu a caminhada para o sítio apontado. Difícil foi atingí-lo. Dias e dias, buscou, entre as fendas e grutas, o que desejava, até que, exausto, uma noite, foi surpreendido, pela fúria de uma tempestade, no meio da qual se desprendeu uma pedra. Rolou, atingindo-o na cabeça e prostrando-o, desfalecido!

Na segunda noite, já, mais ou menos, refeito, em oração, ouviu a mesma voz que o acompanhava:— **Simon, vela y no duermas!**

Repetia-se o aviso que o levou a trocar o nome de Rolan pelo de Vela.

Na terceira noite, rezando, rezando sempre, percebeu extraordinário clarão, no meio do qual distinguiu uma cadeira tão adornada que parecia de ouro. Uma senhora formosíssima veio sentar-se alí. Trazia, nos braços, um menino encantador! Falou-lhe:— "Aqui, cavarás e o que achares deverás pôr no mais alto do monte, e uma casa farás. Tu a começarás e

outros virão concluí-la. Estou satisfeita, meu filho. Cumpriram-se as profecias divulgadas, há dez anos. (Profecias da donzela de Sequeros).

Simon desceu a San Martin del Castañar, onde encontrou cinco pastores, que se prontificaram a auxiliá-lo nas pesquisas. Após muito trabalho e muitos revezes, descobriram todos a desejada imagem da Virgem Maria, com o Menino Jesus, nos braços. Um dos pastores, escrivão, tudo anotou. Estavam em 19 de Maio de 1434. (3)

Simon curvou a cabeça e tocou-a na imagem. Curou-se, imediatamente, da cicatriz que a pedra lhe fizera e que se agravara, com o frio e a falta de medicamento.

Conhecido o fato, organizaram-se romarias de preces e construiu-se uma cabana, para abrigo do precioso achado. — Assim, como Pedro Palácios, no Espírito Santo, Simon Vela foi o iniciador do Santuário da Virgem da Penha, na Espanha. Faleceu em 1437, cinco mêses após o estabelecimento canônico da Ordem Dominicana, com sete religiosos, na Penna de França. Quando exumado, seu crâneo apresentava ainda o sinal deixado pelo bloco de pedra. (4)

II

Divulgado na Espanha, o culto de Nossa Senhora da Penha de França chegou a Portugal. Foi introduzido em Lisboa pelo entalhador Antônio Simões, para cumprir a promessa de regressar incólume da batalha de Alcácer Kibir (1578), da qual se salvou milagrosamente. Vendo-se perdido, com a sua tropa, acantonado junto a uma enorme rocha, prestes a ser atacado pelos mouros, recorreu, fervoroso, à Virgem Maria. Teve a confortadora Visão da imagem de sua Protetora, circundada de luz e estendendo-lhe as mãos, sôbre o penhasco. Misteriosamente, recuaram os mouros e Antônio salvou-se, com os seus companheiros.

Regressando a Lisboa, esculpiu nove imagens de Nossa Senhora e, correspondendo ao desejo do jesuíta Mestre Inácio Martins, célebre autor da "Cartilha de Pe. Inácio", fêz a última conforme a invocação de Nossa Senhora da Penha de França. (O Pe. Colunga, em "Ntra. Sñra. de la Peña de Francia", diz nove imagens; Alberto Pimentel, em "História do Culto de Nossa Senhora, em Portugal", diz sete). Segundo ainda Alberto Pimentel:— "por memória de outra imagem de igual invocação que tinha um santuário na Espanha, junto a Salamanca, e estava enchendo a Península com a fama dos seus milagres". (5).

Colocou-a na ermida de Nossa Senhora da Vitória. Construiu. depois, no cimo de um monte — Cabeça de Alperche, uma capelinha, cuja pedra fundamental foi lançada, a 25 de março de 1597. (6) Êsse templo foi benzido, a 10 de Maio de 1598.

Começaram a afluir ali numerosas romarias de penitentes. Conta-se, então, que um peregrino, vindo de longe, portanto fatigado, adormecera na relva. Mas, escapou de ser picado por uma grande serpente, porque um lagarto, saltando rápido, sôbre o mesmo peregrino, o acordou. Essa a razão por que se representa Nossa Senhora da Penha, em Portugal,

tendo aos pés um romeiro, uma serpente e um lagarto.

Essa lenda, porém, repete-se, com diversas variantes, noutros lugares. Em "Migalhas Folklóricas", Mariza Lira registra-a, relacionada com a Penha de Irajá, no Rio de Janeiro. E Pereira da Costa, no Vol. III dos Anais Pernambucanos", pgs. 417-421, diz que "os religiosos capuchinhos, quando em 1656, construiram o seu hospício com a sua competente igreja, colocaram, no seu altar-mor, uma imagem de Nossa Senhora da Penha de França, segundo a lenda cristã do aparecimento da Senhora ao Pastor Simão Pedro, nas fraldas dos Pirineus, perto de Pau, às margens do Gave, quando, dormindo, ia sendo acometido por um crocodilo, salvando-o assim da morte". Há porém, confusão, nesse registro, pois, na França, nunca existiram crocodilos. O Santuário de Nossa Senhora de França encontra-se no Puy, — a Penha de França.

Quanto à Penha de Irajá, a tradição registra que o Capitão Baltazar Abreu Cardoso Sodré comprou aos jesuítas um trato de terras, para os lados da Fazenda Maricá, no Rio de Janeiro, perto de Imbuí. Estava em sua propriedade, junto ao penhasco, onde se ergue atualmente a igreja, quando foi acometido por enorme serpente. Desarmado, invocou, em altas vozes:— "Valha-me Nossa Senhora da Penha!"

Logo, surgiu um lagarto, que o defendeu.

O fato passou-se, em 1711. Tratou o Capitão Baltazar de melhorar o templo, já existente, no outeiro de Irajá, dando-lhe magnificência e ornamentação. (1734)

Esta é a lenda. A História, porém, ensina que o apêlo de Baltazar de Abreu Cardoso Sodré relaciona-se com a invasão de Duguay Trouin, em Setembro de 1711, quando o Almirante francês incendiou a cidade e perseguiu o governador Francisco de Castro Morais, em sua retirada famosa. Baltazar comandava a tropa, em Irajá. Vendo-se perdido, entre os franceses e o atoleiro, invocou:— "Valha-me Nossa Senhora da Penha!"

Como por encanto, os franceses içaram a bandeira branca. Receberam a notícia de que o Governador, para libertar a cidade pagaria os tributos impostos pelo corsário.

Outros santuários e templos atestaram igualmente que, em Portugal, se difundira logo a devoção divulgada na Espanha. Segundo referências de historiador ilustre, eram dedicadas a Nossa Senhora da Penha de França as ermidas edificadas pelas extinta Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, e existentes, quando Pedro Palácios chegou ao Espírito Santo.

Praticava-se, portanto, na Europa, a escultura de imagens de Nossa Senhora da Penha de França, antes da batalha de Alcácer-Kibir.

Em princípios de 1599, saira de Lisboa uma frota, a caminho das Índias Orientais. Na travessia, foi rudemente batida pelos ventos e atacada pela inclemência da peste. Logo, Dom Jerônimo Coutinho, seu Capitão, recorreu a Nossa Senhora da Penha de França e, com sua gente, prometeu instituir uma confraria, que lhe fôsse dedicada. No regresso a Lisboa, cumpriu o voto e a Virgem recebeu o novo título de **Protetora dos Navegantes**.

A irmandade chamou-se "dos Fidalgos e Marítimos".

No "Itinerário da Índia por terra", Frei Gaspar de São Bernardino, ao narrar os tormentos sofridos pela nau "São Jacinto", que partira da Índia em 1605, diz:— Vendo-se sem govêrno, um dos companheiros, que na nau vinha, pusera um Retábulo, que trazia, da Senhora da Penha de França, na cadeira do pilôto, para que ela governasse como Mãe da Misericórdia. Assim o fêz, três dias e noites, sem a nau nêles atravessar nunca, nem tomar de luva, ou pôr doravante, o que certo foi evidentíssima maravilha".

No convento dos Religiosos de Santo Agostinho, o Pe. Vieira pregou, em 1652, o célebre "Sermão de Nossa Senhora da Penha de França".

Em Nova Cáceres, nas Filipinas, erigiu-se um Santuário a Nossa Senhora da Penha de França, em 1712.

Em 1833, os lisboetas elegeram Nossa Senhora da Penha de França **Protetora de Lisboa**.

Pelo que temos investigado, o Santuário da Penha, no Espírito Santo, é o terceiro, em ordem cronológica, após o de Puy. O da Espanha data de 1434, quando Simon Vela construiu a cabana para a imagem encontrada na Serra de França. O de Portugal, de 1597, conforme registramos; o das Filipinas, do Século XVIII.

É o primeiro do Brasil. A igreja da Penha de Irajá, no Rio de Janeiro, data de 1635, mais ou menos, segundo as pesquisas da folclorista Mariza Lira. Foi uma capela fundada pelos beneditinos. No Recife, os religiosos capuchinhos receberam a doação de umas terras, em 19 de Abril de 1656. Construiram um hospício, com igreja dedicada a Nossa Senhora da Penha de França. Levantaram, depois, novo templo, cuja pedra fundamental foi lançada, a 6 de Novembro de 1870.

A chegada de Frei Pedro Palácios. — 1558

(Quadro de Benedito Calixto)

III

Já existia a igreja do Rosário, em Vila Velha, quando, no outono de 1558, ali chegou um irmão leigo franciscano cuja fama de santidade se afirmara, desde a travessia marítima. Foi o primeiro franciscano que pisou no solo capixaba, onde os jesuítas exerciam o seu ministério, desde 1551.

Natural de Medina do Rio Sêco, perto de Salamanca, província que se tornaria o ponto irradiante do culto de Nossa Senhora da Penha de França, Pedro Palácios, de certo, conhecia o ocorrido com Simon Vela. Seria o prosélito da Virgem, na Terra de Santa Cruz.

De origem nobre espanhola, trocara o solar dos Palácios pelo rigor monástico, no mosteiro de São José dos Reformados, em Castela.

Passara daí para o de Arrábida, em Portugal, à instância de um parente próximo, talvez seu irmão, o Pe. Dr. Paulo Palácios, pregador e esmoler da Rainha Da. Catarina da Áustria, espôsa de Dom João III. Serviu de enfermeiro, no Real Hospital de Lisboa, até viajar para o Brasil.

Nas **Maravilhas da Penha**, lemos que, no convento de Arrábida, o religioso tivera um sonho místico:— um anjo, descendo do Céu sôbre uma porção de indivíduos quase a se afogarem em um pêgo, salvara-os, agarrando-os pelos cabelos. Ninguém pereceu. Jamais, porém Pedro Palácios, em sua humildade, pensara que aí estivesse o símbolo da missão que lhe confiaria a Providência. Mas, desembarcado na vilazinha do Espírito Santo, observou logo o desleixo, a sordidez e o vício, denunciados pelas feições e aparência dos moradores. Recordou-se daquela visão alegórica. Dirigiu-se imediatamente à igreja do Rosário, a fim de agradecer a Deus tê-lo conduzido à gloriosa missão de, com a palavra e o exemplo, desvendar àquêle povo o luminoso caminho da salvação. Isso porque, pior do que o paganismo do silvícola, se lhe deparava a desmoralização dos civilizados!

Confortado pelo fervor da prece, procurou logo um lugar onde colocasse um quadro da Virgem, que trouxera da Europa. Tratava-se de um painel de procedência castelhana (7), segundo o pintor Edson Mota, que o restaurou, em 1944.

Corre uma versão de que Pedro Palácios não conseguiu abrigo na Vila. Acolheu-se numa caverna, à pequena distância do lugar destinado pela Providência para o cenário do seu apostolado. Tal assertiva, porém, discorda dos registros históricos e da própria situação do lugar, perto da Vila e junto à praia, no ponto de desembarque. Fácil, de certo, seria encontrar-se o recém-chegado. A gruta, aliás, não comportava duas pessoas e dois animais — o religioso, um prêto velho, um gato e um cão. É muito pequena.

De acôrdo com as pesquisas de Frei Basílio Rower, coordenadas em **Páginas da História Franciscana no Brasil,** os historiadores da Ordem localizam o ponto em que o religioso foi encontrado, no "**Campinho**, ao pé do penhasco" e "numa cabana feita de ramagens". Existia, aliás, nesse ponto, uma cabana, para o vigia da barra. E existia, também, uma gruta. Diz Jaboatão que "os moradores de Vila Velha tiveram o pensamento de subirem a um alto morro; e, na Serrania dos Penedos, que ali, ao pé da Vila, se levanta, sôbre um empinado Monte e no mais alto deles, como simples Pomba, que para se segurar do caçador vai fazer o ninho, nas aberturas da Pedra, chamada pela vóz do seu destino, acharam a Frei Pedro, em uma das daquela Penha mui descansado". (35. Novo Orbe Ser. Bras. L. Ante-Primeiro)

Descobriram-no, portanto, ali os moradores da Vila e convidaram-no a descer. Obsequiosos, como ainda o são os capixabas, se lhe ofereceram para o que desejasse. Indicando, porém, as palmeiras, no pico rochoso, Frei Pedro lhe disse que "já achara o que desejava".

Êmulo dos anacoretas enaltecidos pelos escritores sacros, viu, naquele encantado píncaro do Novo Mundo, um paraíso ideal para a meditação e o recolhimento, — a vida entre o Céu e a Terra. Melhor resolveria assim o plano da grande obra que lhe confiara a SS. Virgem. Isolou-se, por isso, dos moradores da Vila; embrenhou-se na espessura da floresta. Segundo Machado de Oliveira, foi o primeiro eremita do Brasil. Dividia o tempo, entre aquela morada silvestre e a gruta, na base do monte.

Índios e portuguêses voltaram-se, então, extasiados, perante os seus ensinamentos, e, sugestionados ainda pela narrativa dos viajantes, sôbre as suas virtudes. Interessaram-

se pela singular personagem, envolta já, doravante, para êles, na auréola da santidade.

Tudo nos orienta à conclusão de que o religioso trazia o seu plano elaborado. Descobriu uma gruta, aopé do monte, em Vila Velha. Enquanto não desenvolvesse o seu objetivo, poderia ali repousar, nas visitas ao povoado. Para o quadro da Virgem, construiu um nicho, ou passo, num bloco de granito, junto àquela morada dos povos primitivos. Nos dias chuvosos, refugiava-se na gruta, que se tornaria famosa, no futuro. Residia, porém, no alto do Monte.

Diz Gomes Neto que o pavilhão era forrado de tafetá carmesim e revestido de cortinas de oleado verde, protetoras das intempéries. Nas horas de prece ou de visitas, suspendiam-se, dos lados e na frente. À noite, ali se reuniam os prosélitos de Pedro Palácios, atentos às suas instruções.

Confirma-se, de certo, uma versão antiquíssima, descrita aliás, sob atraente forma literária, pelo autor acima referido. Pedro Palácios tivera, ainda na Euroça, a seguinte notícia:— Existiam, no cimo de um monte, na Capitania do Espírito Santo, duas palmeiras, índices de um lugar incomparável para uma ermida de Nossa Senhora, palmeiras que, no dizer de Gomes Neto, "estavam expostas, de dia e de noite, ao ar violento, agitadas pelas asas da ventania, tremendo como o caniço nos brejos, mas, não cedendo o lugar que sòmente deveria pertencer a um altar" (8)

Deslumbrado pelo cenário que se lhe apresentava, na terra exuberante e linda, onde o luso implantara a fôrça, contra o domínio natural do silvícola indefeso, rude, sincero e, por isso mesmo, revoltado contra o esbulho do seu direito, Pedro Palácios, parece, sentiu-se arrebatado pelo extraordinário projeto de erigir, naquele cimo escalvado, um trono do qual se irradiasse a proteção da Virgem sôbre o novo rincão beijado pela ternura das vagas cerúleas do Atlântico.

E a lenda, sempre de par com a História, saturando-a de poesia, revela-nos o paralelismo dos marcos seguidos, na formação dos santuários de Nossa Senhora, nos penhascos do Brasil, de Portugal e outros países. No Rio de Janeiro, encontramos a Penha de Irajá; Lourdes tem a gruta de Massabielle, famosa pelas visões de Bernadette; Fátima, em Portugal, atrai peregrinos, ansiosos das bençãos inefáveis da Virgem; Salamanca já foi referida, em linhas atrás. No "Tratados da Terra e Gente do Brasil", Fernão Cardim escreve que a Ermida das Palmeiras lembra a de Nossa Senhora da Penha de Sintra, existente sôbre uma rocha (9). Por isso, con-

cordamos com o autor de "As Maravilhas da Penha":— Perante as lendas do painel e da imagem, em vulto de Nossa Senhora da Penha, dos milagres e da edificação dos conventos pelos religiosos de Santo Antônio, na Espanha, em Portugal e nesta Capitania, parece ler-se uma só e mesma coisa, com a diferença das datas, sendo a da Espanha a mais antiga. (10)

Prossigamos, porém, no registro lendário.

Pedro Palácios descia, diàriamente, para o desempenho do seu apostolado, — difundir os ensinamentos da sua religião, batizar, confortar as almas, etc. Um dia, os habitantes de Vila Velha sentiram sua falta. Procuraram-no. Os latidos do cãozinho denunciaram sua presença, no monte, em plena floresta. Vencendo, então, o emaranhado agreste dos cipós, na espessura da ramagem, seus amigos subiram a encosta. Descobriram-no em sindicâncias. Afirmava que o painel de Nossa Senhora desaparecera. Finalmente, após acuradas pesquisas, foi o precioso registro localizado, entre as palmeiras, no cimo rochoso.

Reconduziram-no, cuidadosos, ao pavilhão, junto à gruta.

Temos, porém, aqui, apenas outra lenda.

Devoto fervoroso de São Francisco, Pedro Palácios construiu, numa clareira, ou chapada, ao pé do rochedo, a capelinha dedicada ao Santo Fundador da sua Ordem. Para êsse novo oratório, levou o quadro de Nossa Senhora e a imagem do Pobrezinho de Assis. Com o tempo, o lugar recebeu o nome de **Campinho** e, agora, sofreu as consequências do progresso que o transformou em praça de automóveis, calçada de paralelepípedos, novidade que lhe tirou o encanto de sua verdura sempre nova, como pedestal destacado e belo de um rochedo incomparável.

E dêsse alcantil predestinado para as glórias da Virgem Poderosa, descia, diàriamente, o piedoso varão, a fim de reunir o povo, junto ao nicho, onde colocava o painel; rezava o Têrço e ensinava a doutrina cristã.

Vivia de esmolas. Dormia sôbre uma tábua, na capelinha de São Francisco, repousando a cabeça nos degraus do altar. E, quando se ausentava dêsse retiro de prece e penitência, deixava, para os seus companheiros, o cão e o gatinho, tantos montículos de farinha quantos os dias de sua peregrinação apostólica. Obedeciam-lhe os animais e comiam uma ração diária, sendo a última, no regresso do asceta.

"Com as armas da Cruz e um bordão de peregrino, percorreu grandes distâncias, matas espessas e os esconderijos das tribos acossadas pela fôrça dos colonizadores. Conquistou, assim, pela mansidão e coragem, a simpatia dos silvícolas revoltados contra os intrusos. E, sempre mediador entre os seus protegidos e os colonos portuguêses, que os escravizavam, Palácios sofria, diante do resultado dos seus esforços, a seu ver, insignificantes, em comparação ao que desejava realizar". É o que nos relata Machado de Oliveira.

Aos domingos e dias santificados, Frei Pedro Palácios assistia à Santa Missa, na Vila, confessava-se e comungava.

Continuemos, porém, o registro singelo da tradição semelhante à de Bemposta, em Portugal, quando a imagem de Nossa Senhora desaparecia da ermida do Espírito Santo. Outras vêzes, a segunda e a terceira, o painel trasladou-se para o rochedo e foi encontrado entre as palmeiras.

Êsse fato reduz-se, porém à continuação da lenda, referida, atrás.

Cumpre-nos, ao certo, ponderar que os cronistas da Ordem, como Frei Apolinário e Jaboatão, citados em "Páginas de História Franciscana no Brasil", não se referem ao desaparecimento do quadro, como sinal, para a construção da ermida. Tudo se realizou, em consequência da fervorosa devoção que Pedro Palácios dedicava à SS. Virgem. O religioso cumpria um programa formulado ainda na Europa, conforme descrevemos, em capítulos anteriores.

O fato de trazer o painel, diàriamente, para o nicho e reconduzí-lo à capelinha de São Francisco deu origem à lenda.

O painel que Frei Pedro Palácios trouxe de Portugal, em 1558

(Oferta do Sr. Manuel Rodrigues)

IV

Crescia a concorrência do povo às horas de prece, na capelinha de São Francisco, o templo cujas ruínas ainda podemos apreciar, na orla do Campinho, Urgia, ampliá-la; mas, o piedoso irmão resolveu executar o seu plano:— fazer a capela de Nossa Senhora.

Vieram-lhe ao encontro muitas pessoas prestimosas de Vila Velha e seu particular amigo Melchior de Azeredo, rico fidalgo e Provedor da Fazenda Real, de Defuntos e Ausentes, além de Braz Pires e Amador Gomes. E, na alma do povo, permaneceram as "histórias contadas", resultantes, quem sabe? de criações imaginárias. Conta-se, por exemplo, que iniciada a construção da ermida, sobreveio a sêca. Rios, fontes e lagoas secaram! Nem para beber, os operários encontravam água!... Pedro Palácios não desanimou. Prosternou-se no rochedo ardente, batido pela plenitude do Sol. Rogou à Virgem Santíssima que se compadecesse daqueles homens desejosos de serví-la. Brotou, imediatamente, água na pedra e durou, enquanto prosseguiram os trabalhos, nos quais se empregou óleo de peixe na argamassa, conforme se usava, naquele tempo.

Segundo, porém, uma notícia antiga, o frade levantou, junto à rocha, uma cisterna ou depósito das águas pluviais. Projetou a obra, modelada pelo Bom Jesus de Sintra. (A Província, 22-4-1851).

Mas, a história da água, semelhante aliás à encontrada noutros santuários de Nossa Senhora, resultantes de revelações místicas, perdurou. Ainda, em princípios dêste Século (1906), vimos, em Cachoeiro de Itapemirim, vidrinhos de Água de Nossa Senhora da Penha", em mãos de pessoas que visitaram o Convento. Deparou-se-nos, depois, a oportunidade de observar, em 1907, um pequeno depósito, numa escavação natural da rocha, na base do edifício, quase à entrada da capela — a Fonte de Nossa Senhora. Nos trabalhos realizados, em 1910, pelo Cônego João Maria Cochard, verificou-se, porém, a existência de um sistema de captação das águas meteóricas, no telhado, recurso, aliás, muito usado, antigamente.

Dom Fernando de Sousa Monteiro proibiu que se distribuisse "Agua da Penha" aos romeiros.

Justificam-se, portanto, as variações de volume da fonte, e que eram, erroneamente, atribuidas a atos ignominosos, praticados naquele sítio sagrado.

Desde que tratamos do Sanutário da Penha, sob o ponto de vista histórico e folclórico, devemos registrar todos os aspectos em que é visto pela Fé e pela imaginação do povo, sem demérito, quanto à verdade histórica.

No lugar da Fonte de Nossa Senhora, construi-se, depois, uma caixa, ou depósito, que podemos ver, à esquerda, acima da Casa dos Romeiros.

Além dessas tradições, recolhemos outra sôbre o ocorrido, durante a construção da ermida. Um operário, pedreiro, perdera o equilíbrio, num andaime, enquanto trabalhava. Ficara, porém, "parado na queda", a um sinal de Pedro Palácios, até que lhe atirassem uma corda, para salvar-se de morrer esfacelado contra a parte mais íngreme do rochedo.

Levados aos ombros os materiais, até o Campinho, daí para cima, iam sirgados, pela fôrça muscular.

Dêsse modo, construiu-se a ermida, iniciada, em 1566. Colocou-se o painel, no lugar predestinado, entre as duas palmeiras cuja existência foge à fantasia lendária. Ainda, em 1910, quando o Cônego João Maria Cochard exercia o cargo de capelão da Penha referia-se, admirado, aos "restos ou vestígios, sob o altar mor", encontrados pelo marcineiro Pinin, de quem falaremos adiante. (Não eram grelos, como o afirma Gomes Neto. Definhando-se, com o tempo, os estipes não brotavam; os grelos das palmeiras são os brotos ou palmitos).

Pedro Palácios providenciou, depois a troca de uma imagem de vulto (das que se esculpiam na Península Ibérica), para o pequeno templo de Nossa Senhora. Conta-se, então, que a pessoa encarregada de trazê-la de Portugal se esquecera da encomenda; foi surpreendida, porém, pela entrega de um volume, por um desconhecido, na véspera ou no dia da partida do vapor para o Brasil. Abrindo o envólucro, se lhe deparou a imagem, de acôrdo com as indicações do religioso. E não encontrou explicação para o caso.

Essa é a lenda. Segundo, porém, Frei Agostinho de Santa Maria, no "Santuário Mariano", a cabeça e os braços da imagem de Nossa Senhora, e o Menino Jesus vieram de Portugal; Frei Pedro Palácios completou a primeira imagem, talhando-a em madeira da própria mata do Outeiro da Pe-

nha. Seguia aliás uma norma do tempo na feitura das imagens de roca.

Estava satisfeito o primeiro anacoreta do Brasil, o enviado de Maria, para lançar as bases do maior monumento da História do Espírito Santo. Idoso, pedira a Deus que lhe conservasse a vida, até que pudesse realizar a primeira festa de sua excelsa Rainha.

Sentindo aproximar-se o término de sua jornada terrena, despediu-se dos seus amigos, na última vez que desceu à Vila. "porque não tornaria mais a vê-los".

Assim aconteceu.

Decorrida a solenidade da Páscoa, a 30 de abril de 1570, realizou-se, pela primeira vez, no Espírito Santo e, talvez, no Brasil, numa segunda-feira da Pascoela, a festa de Nossa Senhora da Penha de França. No dia 2 de Maio seguinte, falecia Pedro Palácios, na capelinha de São Francisco. Misteriosamente, dobraram os sinos da ermida, alguém o afirmou e o povo conservou a delicadeza dessa última homenagem, talvez imaginária, que o Céu prestava ao seu troglodita sublime, como o enalteceu a oratória igualmente sublime de Dom Francisco de Aquino Corrêa. (11)

Um prêto, seu companheiro, no monte, escravo de Melchior de Azeredo, tendo verificado o ocorrido, logo, desceu a Vila Velha, para comunicar aos moradores o que se passara. Encontraram o religioso ainda de joelhos, encostado ao altar, com as mãos unidas, em posição de prece.

Formou-se uma romaria. A Irmandade de Misericórdia (fundada em 1545), os padres da Companhia de Jesus e o povo da vila subiram, a fim tributar sua homenagem de saudade ao santo eremita cujos despojos foram sepultados, no mesmo dia, no túmulo prèviamente preparado pelo monge.

Acentua o biógrafo que Frei Pedro Palácios finara-se, na montanha da Penha, perto do Céu, do mesmo modo que Moisés, no cimo do Nebo, na Palestina. Vira, igualmente, de longe, a Terra da Promissão! (12)

Em "Novo Orbe Seráfico", conta-nos Jabottão que, para fechar-se o túmulo de Frei Palácios, gastaram-se três dias, no lugar onde, posteriormente, se fêz o alpendre, porque "havia uma gruta, à moda de sepultura", que ao fazer-se a ermida, encheu-se de terra, "única terra existente naquele corucheu da Penha superior". (Prova da gruta, no alto).

Durante algum tempo, a capela foi administrada pelo segundo donatário. Faleceu em 1589.

Desvelaram-se os irmãos da Confraria de Nossa Senhora da Penha, pelo culto divino, principalmente Nicolau Afonso, rico proprietário e amigo de Frei Pedro Palácios que, prevendo a morte, lhe recomendara obras necessárias à melhoria do templo.

Auxiliado pelos moradores de Vila Velha e Braz Pinto e Amador Gomes, Nicolau Afonso cumpriu a vontade do finado religioso; melhorou a capela e ornou-a custosamente.

Assim, em 1970, teremos o quarto centenário do Santuário de Nossa Senhora da Penha, iniciado, em 1566.

A imagem de Nossa Senhora da Penha.

V

A imagem de Nossa Senhora da Penha, venerada no Estado do Espírito Santo, desde 1570, mede 76 centímetros de altura e conserva tôda a perfeição da sua côr primitiva. Difunde uma expressão indefinível de ternura e majestade. Confirma o relato de Gomes Neto:— Parece atrair o visitante, em qualquer ponto da capela, como se percorresse, com o olhar, todo o recinto. Reproduzia, a princípio, as minúcias da imagem descoberta na Penha de França:— o Menino Jesus, no braço esquerdo, a cabeça coberta sòmente pelo manto, o vestuário, a mão direita em posição de bênção, etc. Atualmente, porém, a mão está prêsa ao tronco e a cabeça tem cabeleira, por motivos explicados noutros capítulos.

Não se tem notícia do artista que modelou a imagem do Menino Jesus, os braços e a cabeça da Virgem. Nem a época dêsse trabalho. Já vimos, atrás que o tronco foi talhado, em madeira do Monte, pelo próprio Frei Pedro Palácios. Trata-se, contudo uma obra prima, ponto em que diverge daquela e se justifica pela diferença da época do entalhe e consequente avanço da arte religiosa.

Conforme registramos, noutra parte dêste livro, as crônicas do Santuário da Penha, em Salamanca, não elucidam como foram parar, na gruta, a imagem da Virgem Maria e outras dentre as quais um Cristo Crucificado tôdas rústicas e imperfeitas. Existem apenas suposições baseadas na História.

De acôrdo com as referências da donzela de Sequeros, a imagem, da Espanha, se encontrava na gruta da Serra de França, havia mais de duzentos anos. Simon peregrinou, durante cinco anos, e chegou, à Penha de França, em 1433. Encontrou a imagem a 19 de maio de 1434, dez anos após as referidas profecias. Portanto, ela foi posta ali, antes de 1229. Talvez se relacionasse com a reação provocada pelo nestorismo e o III Concílio de Efeso (431), que o condenou. Foram causas do desenvolvimento verificado pela devoção a Nossa Senhora. Tentaram os herejes baní-la do seu trono glorioso; mas, os católicos reagiram e se afervoraram em venerá-la. Numerosos templos, dedicados a ídolos, converteram-se em

igrejas que lhe foram consagradas.

No Puy, por exemplo, havia um grande templo consagrado a Mercúrio e para o qual o escultor Zenodoro modelou gigantesca estátua, antes do povoamento pelos romanos.

Da recusa de Nestório, em dar-lhe o título de Mãe de Deus, resultou ainda ser a Virgem Santíssima representada, por tôda a parte, com o Menino Jesus nos braços.

O historiador do Santuário da Penha, em Salamanca, diz que "a imagem lá venerada corresponde bem à maior parte dos exemplares deixados pela Idade Média".

Contemplando a imagem de Nossa Senhora da Penha, de Vila Velha, procuramos situá-la na iconografia cristã. Meditamos na evolução da inteligência humana, desde as suas primeiras manifestações artísticas, nas cavernas, quando o homem, conduzido naturalmente pelas suas faculdades psíquicas e pelo seu sentimento estético, tentava retratar, na matéria bruta, o que lhe impressionava o espírito. Do Quaternário Superior, quando se firmou a arte propriamente dita, pelo trabalho técnico, em esculturas de alto relêvo, nas paredes das grutas e cavernas, figuras de marfim, sílex, rena, etc., culminando com a decantada Idade do Bronze, passamos aos reinos fabulosos da Assíria e da Pérsia, aos monumentos e à estatuária do lendário Egito, à Grécia, com a perfeição maravilhosa dos seus vasos e de suas esculturas, e a Roma, na imponência dos seus templos e preponderância dos seus ídolos, substituídos e suplantados pela grandeza do Cristianismo.

Segundo Larousse, as primeiras igrejas não tinham imagens; eram apenas lugares de reuniões, porque se evitava, na religião nascente, tudo o que se relacionasse com o paganismo. "O verdadeiro templo é o coração do homem", dizia-se.

Êste rigor, porém, teve duração efêmera. Às lutas desencadeadas pelos iconoclastas, seguiu-se o incremento ao culto das imagens. Converteu-se numa das principais formas da piedade e ornamentação das igrejas, relacionando-se íntimamente com a liturgia. E os defensores das imagens, obrigados a justificar suas convicções, elaboraram uma verdadeira teologia vasada nas doutrinas neo-platônicas, que estabelecem relação direta entre a imagem e o seu protótipo, aureolados pelo mesmo respeito.

Transformou-se, então, a arte religiosa, antes mais ou menos simbolista, e alcançou sua grandeza épica, sobretudo, com a arte bisantina. "As imagens do Salvador e dos Santos,

os fatos do Antigo e do Novo Testamento, — diz César Cantu, — deram às artes os assuntos que até então lhes eram fornecidos pelo politeismo, conseguindo seduzir os bárbaros que, empenhados em conhecer a significação das pinturas, não raro, alcançaram o conhecimento das verdades morais do Evangelho". Por isso, Gregório III, dirigindo-se ao iconoclasta Leão, o Isauro, dizia que, "mediante as imagens, que nos recordam a figura representada, elevamos o nosso espírito embotado e grosseiro".

Tudo isso, de certo, porque o espírito humano volta-se necessàriamente para o Belo e anseia pela intuição. Jamais lhe poderemos aniquilar ou comprimir as faculdades e o frêmito de criar. de realizar o que imaginou. Reage. Sobe. Atesta-o a iconografia profana ou religiosa, porque representa a revelação mais forte do poder criador da inteligência, uma necessidade invencível do sentimento.

Sim, o homem precisa de ver, contemplar e conservar as figuras dos entes queridos, de tudo o que preza e do que se relaciona com o sobrenatural, com o Infinito!... Recorre à poesia, quando a linguagem comum é incapaz de exprimir certos estados da alma e o apuro dos seus sentimentos; vale-se da escultura e da pintura, para representar o que jamais poderia dizer e multidões compreender ,sem êsse recurso intuitivo. Poesia e iconografia são portanto irmãs; trilham a mesma senda. Por isso, muito justamente, um arqueólogo disse que a "iconografia é a parte poética da arqueologia".

Gilbert e Chinchole, em "Les Origines", consideram as esculturas do Período Quaternário também uma brilhante manifestação da inteligência humana.

No Santuário da Penha, em Vila Velha, temos uma assertiva de tudo acima apreciado. Nota-se que o escultor anônimo procurou imprimir na imagem centenária uma expressão de ternura e majestade, que impressiona o visitante mais indiferente.

Ali, o historiador imparcial não sòmente encontra um relicário da história regional, como ainda uma fonte valiosa de estudos variados e interessantes.

Em 1723, Frei Agostinho de Santa Maria registrava:—

"Tem esta terra do Espírito Santo duas coisas que a fazem muito estimada e ilustre em todo o mundo, por ser muito singulares. A primeira é a Serra de Mestralva, mineral de Pedra Iman.....

A segunda, que sempre merece ser a primeira, é a imagem de Nossa Senhora da Penha, cujo Santuário está situado uma légua da barra. Com a mesma virtude e maior prodigiosamente resplandece êste santuário da Senhora, porque é Maria pedra Íman que atrai a Si todos os corações e ainda aquêles que parecem formados de aço".

("Santuário Mariano". T.X, liv. I, Tit. XXV)

VI

Fato comovente, nos registros da Penha foi, sem dúvida, a romaria dos jesuítas Inácio de Tolosa, Luiz da Grã e outros companheiros, em 1573. Foram agradecer a Nossa Senhora da Penha o salvamento de suas vidas, no naufrágio do navio, na foz do Rio Doce. Haviam partido de Vitória, a 28 de Abril. Impossibilitados de prosseguir a viagem, regressaram àquele pôrto e esperaram, cinco meses, a construção de outro transporte.

Em 1584, realizou-se nova romaria de sacerdotes jesuítas, que viajavam para, com o Visitador Cristóvão de Gouvêa, percorrer a missões da Companhia, no Brasil. Sairam de Lisboa, a 5 de Março de 1583. (13). Chegaram à Bahia, em 9 de Maio do mesmo ano. A 14 de Novembro de 1584, partiram para o Sul e, em consequência do mau tempo, sòmente a 21, aportaram ao Espírito Santo. Tiveram, em Vitória, festiva recepção, descrita, minuciosamente, no "Tratados da Terra e Gente do Brasil".

Foram à Penha.

Dessa romagem, então indispensável aos visitantes da Capitania, o nomeado cronista e ilustre jesuíta Fernão Cardim deixou o seguinte relato:— Na barra dêste pôrto está a ermida de Nossa Senhora, chamada Pena, e certo que representa a Senhora da Pena de Sintra, por estar fundada sôbre altíssima rocha de grande vista para o mar e para a terra. A capela é de abóboda pequena, mas de obra graciosa e bem acabada. Aqui fomos em romaria, dia de Santo André, e todos dissemos missa com muita consolação, e V. Ra. foi bem encomendado à Senhora, com tôda a Província, o que também fazíamos em as mais romarias e contínuamente em nossos sacrifícios, e eu sou o que ganho pela consolação que tenho com tal lembrança; pois a devo a V. Ra. e aos mais padres e irmãos dessa Província, por tantas vias. Êste dia nos agasalhou o Sr. Governador com muita caridade". (14)

Passado algum tempo, desejoso de incrementar a religião católica, no Espírito Santo, o segundo donatário, Vasco Fernandes Coutinho Filho, pediu ao Custódio, na Bahia, Frei Sebastião de Santa Catarina que mandasse religiosos

para sua Capitania. Morreu, porém, a 5 de Maio de 1589, antes que se realizasse tão piedosa aspiração. Mas, a Sra. Luíza Grimaldi, sua viúva e substituta no govêrno, o Ctão. Miguel de Azeredo, adjunto da Governadora, o vigário e ouvidor na Vara, Pe. Francisco Pinto, Marcos de Azeredo e outras pessoas distintas receberam festivamente os dois sacerdotes Franciscanos, que chegaram a Vitória, em Novembro do mesmo ano, — Frei Antônio dos Mártires e Frei Antônio das Chagas. (15)

Tratava-se, de certo, do primeiro passo para o estabelecimento de um cenóbio, na Capitania. Vieram os referidos religiosos examinar as condições do novo meio que se lhes oferecia para o trabalho da salvação das almas. Hospedaram-se na casa de Marcos de Azeredo. Regressaram a Olinda, dois meses depois, e levaram informações favoráveis ao estabelecimento da Ordem no Espírito Santo. (16)

Vieram, por isso, definitivamente, em fins de 1590, e chegaram a Vitória, em Janeiro de 1591. Estabeleceram-se nessa Vila. Decidiram, então, as autoridades da Capitania entregar-lhes a Ermida das Palmeiras. Devidamente autorizados pelo Custódio da Ordem, aceitaram essa preciosa dádiva, cuja escritura foi assinada, a 6 de Dezembro do mesmo ano.

Constitui essa resolução da Governadora Luíza Grimaldi mais um feito notável da sua esclarecida e prudente administração.

Foi o documento apresentado ao administrador Eclesiástico Bartolomeu Simões Pereira, no Rio de Janeiro, a 7 de Março de 1592, para a devida confirmação, que, de fato, se verificou. Extinguiu-se, então, a Confraria de Nossa Senhora da Penha, já referida, neste pequeno relato.

O Administrador Eclesiástico residiu, algum tempo, no Espírito Santo; mas faleceu no Rio de Janeiro, em 1603.

Pungidos ainda pela recordação de haver partido para a Eternidade o seráfico enviado de Maria, o paladino do seu culto, nas plagas espírito-santenses, carpiram os colonizadores outro golpe assás doloroso: a 9 de Junho de 1597, falecia, no interior da Capitania, o Pe. José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil, conforme o panegírico do Administrador Simões Pereira, então, residente no Espírito Santo. Recolhemos a notícia — uma tradição verbal, de que os índios, seus fi-

lhos espirituais inconsoláveis, transportaram o seu cadáver para Vitória e, na passagem pela Vila do Espírito Santo, chegaram à Ermida das Palmeiras, esperançosos talvez de um milagre da ressureição!

Pelo que temos encontrado, em relação à Penha e ao Pe. Anchieta, parece que, nesse ponto, há confusão. Existia o Cais da Penha, onde atracavam as embarcações para o transporte, de Vila Velha até Vitória. De certo, vindo de Benevente, conduzindo o esquife do santo jesuíta, os índios chegaram ao Cais. Alí, tomaram a passagem para a Ilha. O povo sempre imaginosso, **estendeu** o itinerário ao Santuário.

Decorreram anos silenciosos, em relação à capelinha da Penha, até que a Vila do Espírito Santo abalou-se, perante a notícia de que Frei Leonardo de Jesus, Custódio da Ordem, na Bahia, determinara ao Guardião do Convento de São Francisco, Frei Antônio da Estrêla que trasladasse para Vitória os ossos de Frei Pedro Palácios, a fim de perpetuar-se, na memória dos cristãos, a lembrança edificante dos seus exemplos.

Choraram os habitantes de Vila Velha. Protestaram contra a retirada injusta de sua preciosa relíquia.

Choraram!... E chorando, acompanharam, alanceados, o cortejo piedoso da trasladação para o túmulo de pedra lavrada, no São Francisco, à semelhança do que se fêz, em Roma, com os santos mártires, no altar da igreja de São Cosme e São Damião. Pedro Palácios teria, assim, para suas relíquias, o mesmo escrínio que Marcos, Marcelino, Tranquilino e outros heróis da Fé.

Seguia-se, portanto, nesta Capitania tão distante da Itália, o exemplo do que se passara na Cidade Eterna. Da Ilíria e da Dalmácia, o Papa João IV removera, para a capela de Latrão, os despojos de Venâncio, Anastácio e Mauro. Paulo I o mesmo fizera com a venerável Petronilha.

Tôda essa legião valorosa derramara o sangue em testemunho da Fé; Pedro Palácios extinguira-se, exangue do trabalho e do sacrifício, pela florescência dessa mesma sublime virtude que realizara, no Espírito Santo, não apenas o "transpor montanhas", porém, obra mais vultosa e perene:— a implantação de uma fortaleza irredutível da Fé, no pináculo de um alcantil!

Aberta a sepultura, a 18 de Fevereiro de 1609, pelo Guardião e outros religiosos, em presença do povo, alí estavam um pedaço de cordão e outro do manto, que foram recolhidos, entre lágrimas e saudade, pelos antigos amigos do asceta. Esta-

vam igualmente limpos os ossos; o crâneo, com os miolos sêcos e incorrúptos.

Formou-se, depois o préstito solene e doloroso, até Vitória, durante o qual todos desejavam tocar na urna conduzida, aos ombros dos principais, do povo, com numeroso concurso de ambas as vilas, entre muitas luzes e cânticos sagrados. (17) E conta-se que se restabeleceram os doentes que tiveram contato com os preciosos despojos, sendo assim privilegiados Frei João dos Anjos, Duarte de Albuquerque e uma filha de Lourenço Afonso.

— Quem não desejaria uma relíquia de Frei Pedro Palácios? Uma partícula dos seus ossos, um retalho do manto?

Na capela de São Boaventura, no Convento de São Francisco, até 1924, quando se iniciaram as obras do Orfanato Cristo Rei, existia, encravada na parede, a sepultura do anacoreta de Maria. Culpa-se ao Pe. Leandro del Uomo a destruição dêsse inestimável relicário. Devemos entretanto ponderar que se tratava de um sacerdote estrangeiro, alheio à história e às tradições do Espírito Santo. Existiam, porém, autoridades eclesiásticas e civis, que permitiram a demolição dêsse verdadeiro marco do passado, quando lhes cumpria o dever de preservar da destruição o patrimônio histórico, religioso ou profano, da cidade.

Prosseguiram, ardorosos, os franciscanos, em suas construções, na Vitória, quando, em 1616, a Ordem recebeu a notícia de que havia o Custódio Frei Vicente do Salvador instado junto ao Administrador da Prelazia do Rio de Janeiro, Rmo. Dr. Mateus da Costa Aborim, para que se inquirisse da vida e dos costumes de Frei Pedro Palácios, a fim de promover-se, em Roma, sua canonização. Instaurado o processo, a 27 de Julho de 1616, em Vitória, depuseram, como testemunhas, Amador de Freitas, Nuno Lima, Nicolau Afonso, Gomes d'Ávila e André Gomes. (18) Funcionou, no processo, o escrivão Gonçalo Mendes da Costa.

Início da catequese. Frei Pedro Palácios, o nicho do painel, a gruta e os catecúmenos.

(Quadro de Benedito Calixto)

VII

Perante as notícias dos milagres de Nossa Senhora da Penha, avultaram as romagens piedosas, tanto da própria Capitania quanto das outras limítrofes.

Em "A Vida do Venerável Anchieta", lemos "que era contínua a romaria dos devotos que faziam novenas à Virgem Senhora Nossa".

O próprio José de Anchieta era visto celebrando a Santa Missa, em êxtase, depois da elevação da Hóstia e do Cálice. (19). Recordemo-nos, agora, de que a confiança do Apóstolo do Brasil, na Augusta Senhora, evidenciara-se, aliás, no conselho dado aos vitorienses para que afuguentassem os invasores com o repique dos sinos e preces a Nossa Senhora da Penha. (20)

Numa pesquisa paciente dos fatos ocorridos naquele centro da devoção à Mãe do Salvador, encontramos o registro do primeiro milagre ali verificado. De acôrdo com os cronistas e a imprensa local, foi o mais significatvo. Concluídas a capela e a estrada, espalhou-se, pelo Brasil, inteiro a notícia de uma impressionante ocorrência, na Penha. Aparecera, naquele santuário, um romeiro cego, vindo de longe, conduzido pelo poder da Fé. Arrebatado pela confiança, prosternou-se diante da imagem da Nossa Senhora, distendeu os braços e implorou:— "Vista"! Ergueu-se, depois, a fim de oscular os pés da Virgem Poderosa, enquanto suplicava, enlevado:— LUZ!

Seus olhos, antes toldados para os clarões da luz que, irradiante, nos permite a contemplação das belezas do Universo, fitaram-se, então, naquela Aurora da Paz, naquele foco perene da Esperança.

Realizava-se, na Penha, o primeiro milagre da Virgem! (21).

Celebrada a primeira festa de Nossa Senhora da Penha, no Espírito Santo, divulgou-se ràpidamente sua devoção, na Capitania.

Maria da Penha era o nome preferido para a primogênita das famílias capixabas. Nenhum lar espírito-santense desprezava a honra de contar na sua prole uma filha — Maria da Penha. E surgiram os apelidos:— Penha, Penhita, Penhinha.

Além disso, Nossa Senhora da Penha era a madrinha de todos. Quantas viagens exaustivas se empreendiam para que os neófitos recebessem, na Penha, as águas do batismo, sob o olhar dulcíssimo de sua insígne Protetora? Orgulhavam-se, depois, de ser afilhados de Nossa Senhora da Penha.

E repetia-se a trova tão vulgarizada, no Brasil e em Portugal:—

Nossa Senhora da Penha
é madrinha de João;
eu também sou afilhado
da virgem da Conceição.

E os casamentos?

Quem dos tempos antigos, na Cidade da Vitória, não guarda recordações daqueles cortejos nupciais?

Na frente, conduzida pelo braço do genitor, ia a noiva, de véu e grinalda e o indispensável bouquet de flores de laranjeira. Duas crianças sustinham-lhe a cauda enorme do vestido de cetim branco. Seguiam-na, o futuro espôso, com o raminho de laranjeira, na lapela, seus pais, sua futura sogra, os padrinhos e convidados.

Concluída a cerimônia religiosa e distribuídos os botõezinhos de flores de laranjeira, trincados pelos dentes da noiva, "para darem sorte", a grinalda e o véu ficavam no Convento, oferecidos a Nossa Senhora da Penha. Muitas vêzes, o jovem par juntava uma fotografia ao carinho dessa dádiva. Por isso, o povo compôs: —

Nossa Senhora da Penha,
sua capelinha cheira;
cheira a cravo, cheira a rosa,
cheira a flor de laranjeira.

De longe, principalmente os campistas da Paraíba do Sul vinham, em romaria, "pagar promessa". Demoravam-se às vêzes, seis meses — pais e filhos — entregues aos mais rudes trabalhos:— amassar barro, cavoucar, derribar mato, desbastar madeira, transportar materiais para o cume, etc.,

estimulados ainda pelos exemplos de Pedro Palácios, aquêle que transportara da Europa a mais preciosa gema que haveria de refulgir no predestinado alcantil.

Fixaram-se algumas pessoas, nos arredores da Penha.

Tudo se passava para Nossa Senhora. Avultaram, assim, os legados, as doações, as heranças, de modo que o Promotor de Resíduos e Capelas chegou a hesitar em que dispor o dinheiro de Nossa Senhora.

No decorrer do tempo, crescia o entusiasmo pelas festas da Penha, porque os sucessores de Pedro Palácios desvelaram-se pelo brilhantismo das solenidades, até que, no Século XIX, Frei João Nepomuceno Valadares introduziu o complemento dos banquetes. Com antecedência, os guardiães despachavam servos para o interior do Espírito Santo, e às províncias vizinhas, a fim de recolherem esmolas destinadas ao custeio da festa.

Resultava dessa propaganda a concorrência dos romeiros vindos de todos os recantos, portadores de oferendas, ao passo que os síndicos, localizados no município, enviavam generosas esmolas. E tão importante se reconhecia "ir à Penha", no dia da festa que se apontavam, com recriminação, os faltosos a êsse dever dos capixabas.

No crescendo popular dessa fervorosa devoção a Nossa Senhora da Penha, surgiu a Lei n.º 7, de 12 de Novembro de 1844, que declarava de **grande gala** e, portanto, feriado em tôdas as repartições públicas, o dia da festa da Penha. Refere-nos Gomes Neto, em "As Maravilhas da Penha", que, interpelado pelo Parlamento sôbre a sanção dessa lei, cuja expressão **grande gala** foi ali ridicularizada, o Presidente da Província, Dom Manuel de Assis Mascarenhas, respondeu que os espírito-santenses tê-lo-iam fulminado com os raios da execração pública, se tivesse impedido êsse voto dos deputados provinciais, tal, era a exaltada devoção do povo a Nossa Senhora da Penha.

Vila Velha enchia-se de uma população provisória e mista:— devotos, curiosos, romeiros, turistas, aventureiros, etc., enquanto Vitória ficava, mais ou menos deserta. E sobrava a exploração dos proprietários, naquele lugar, para a hospedagem dos recém-chegados, embora se notassem gestos generosos de famílias hospitaleiras.

São João da Barra e Campos concorriam com maior contingente de festeiros que, por mar e em caravanas, afluiam à pequena vila florescente aos pés da montanha privilegiada. Famílias abastadas fretavam barcos e traziam bandas de

música inteiradas por pessoas de sociedade; cumpriam o voto de tocar, ou cantar, no côro durante a festa de Nossa Senhora da Penha.

Mas, dirá o leitor, em que consistia essa decantada comemoração religiosa?

— De início, uma novena de preces, à tarde, completada pelas Vésperas solenes. Missas, desde as quatro horas até as nove, no dia ansiosamente esperado, sendo a última cantada e com um sermão de maravilhas. Ao meio dia, espocavam os fogos! Era o delírio da multidão. Seguia-se o banquete oferecido às autoridades e aos festeiros.

À tarde, as Vésperas encerravam, com o **Te Deum**, a parte religiosa. Havia ceia, regada a vinho puro e divertida por diversos folguedos:— músicas, danças, fogueiras, etc., até meia noite.

Lanternas iluminavam o templo e fogueiras crepitavam na ladeira. Tôdas as casas de Vila Velha ostentavam luminárias, na frontaria.

Lindos fogos de artifício brilhavam, no céu da Penha, enquanto o povo delirava:— Viva a Penha! Viva Nossa Senhora da Penha!... E surgiam trovas, poemas e sonetos, porque, de par com as dádivas, as solenidades, os fogos e o banquete, expandiam-se os devotos, divulgando suas produções poéticas. As trovas encantavam o povo:—

Nossa Senhora da Penha
mora num alto convento;
espalhou o seu registro
por êste sertão a dentro.

Nossa Senhora da Penha,
Onde foi ela morar?
— Em cima daquele monte,
para a seu povo olhar.

Nossa Senhora da Penha,
poderosa intercessora;
diante do vosso Filho,
patrocinai-me, Senhora!

Nossa Senhora da Penha,
Ela é a minha protetora;
do Céu é Ela a Rainha
e do mundo uma doutôra.

Às vêzes um gracejo:—

Nossa Senhora da Penha,
é madrinha de João;
eu também sou afilhado
da panela de feijão.

Numa dessas romagens festivas, que abalavam tôdas as fibras do coração humano, um poeta escreveu, na praia, o nome da Virgem da Penha. Logo o arrôjo de uma onda varreu aquela inscrição hàbilmente modelada na areia. Apressou-se, então, o vate inconformado a compor um mote, depois, glosado:—

TEU NOME!

Teu nome escrevi, na areia,
ao pé do vizinho mar
as mesmas ondas quiseram
teu nome virem beijar!

Com devoção, com vanglória,
fui te ver, Oh! Penha, um dia;
pois teus milagres ouvia
contar-se, com pasmo e glória.
Teu templo vi que a história
relata, com epopéia;
da Vila Velha (ou aldeia)
saltei, na praia afamada,
e, antes de ter à calçada,
teu nome escrevi, na areia

Que maravilha excelente!
Juntos céus! Eis vem do prado,
eis surge do mar salgado
sacra turba, alta luzente,
que adorar vinha contente
teu sacro nome, sem par.
Nome excelso e singular,
teu santo nome bendito,
que eu devoto tinha escrito
ao pé do vizinho mar.

Subo o cume, sem demora,
da rocha onde está teu templo
nêle, oh! Virgem te contemplo
tal qual como o Céu te adora,
Vejo, em fim como, Senhora
de tudo os céus te fizeram
pois té letras que escreveram
minhas mãos vis e indinas
que adorar, como divinas,
as mesmas ondas quiseram

E tudo isto ainda é nada,
à vista das maravilhas
que Tu, que nos astros brilhas,
Virgem Mãe, Espôsa amada,
do Deus dos céus adorada,
grandes coisas tens que obrar.
Por isso, te vejo dar
as nações suas riquezas
e, pelas suas grandezas
teu nome virem beijar

José Gonçalves Fraga
Correio da Vitória — 5/9/1855

Aas palmeiras do cimo, onde se construiu a ermida, apareciam, nas trovas, embora figuradas:—

Nossa Senhora da Penha
tem um "coqueiro" na porta;
Senhora, me dai um côco,
quero ser vossa devota.

E os romeiros, de longe ainda, contemplavam o Monte querido e cantavam:—

Nossa Senhora da Penha,
onde foi ela morar?
Lá no alto da pedreira,
tôda cercada de mar.

E as trovas continuam a viver na alma do povo, traduzindo suas emoções, seus amores, seus desejos:—

Meu anel de sete pedras,
carreirinha de A B C;
tenho fé na Mãe da Penha
que me caso com você.

Minha menina bonita,
minha estrelinha do Norte,
Nossa Senhora da Penha
queira lhe dar boa sorte.

Nossa Senhora da Penha,
tenha de mim compaixão,
embora vancê num saiba
que é sofrê do coração! (Uma paixão, sem con-
(sôlo...)

Nossa Senhora da Penha
Ela está no seu convento.
Quem está fora não vê
a beleza que está dentro.

Os navegantes cantam, igualmente, suas trovas e têm os milagres nos quadros da sala especial, no Convento:—

Nossa Senhora da Penha
bota a bandeira no mar,
para salvar seus filhinhos,
os que não sabem nadar.

Nossa Senhora da Penha
tem um manto e um guião;
numa ponta tem São Pedro
e na outra, São João.

O manto é o pálio bendito, acolhedor de todos os devotos da Virgem Poderosa. O guião, o seu estandarte desfraldado, na frente de um povo, que trabalha e vive, confiado na proteção de Nossa Senhora da Penha. O povo é naturalmente poeta. Poeta simbolista.

E muita gente, que passou momentos de confôrto espiritual, no Santuário querido, medita:

Quem me dera estar agora
onde está meu pensamento;
Na Cidade da Vitória,
Na ladeira do Convento

Além das romarias comuns, para a festa memorável, outras esparsas continuavam, durante o ano. Conta-se, por exemplo, que, em fins do Século passado, os habitantes de Vila Velha notaram, à noite, labaredas extraordinárias, no Campinho. Organizaram, logo uma caravana devidamente municiada — cacetes, revólveres, etc. Mas, que surprêsa interessante! Encontraram um acampamento, em volta de uma fogueira: colonos italianos, do interior do Estado, chegaram ao anoitecer e subiram; percebendo, porém, a espessura da mata, recearam o ataque de animais ferozes, durante o sono, ao relento. Homens, crianças e mulheres, ali, estavam, dormindo, à guarda de dois companheiros vigilantes e do espantalho da fogueira. João Ramires, o zelador do Convento, respirou, tranquilo, e, no dia seguinte, bem cedo, subiu novamente a ladeira, para abrir o Convento à visitação daqueles piedosos romeiros.

De par com numerosas passagens documentadas pelo crisol da piedade cristã, surgiram, porém, outras singulares, cômicas até, na vida do lendário Convento. Assim, uma noite, os sinos da Penha badalaram descompassados, à semelhança dos sinais antigos para incêndios. Alarmaram-se os moradores de Vila Velha. Que seria? Outra caravana, armada e decidida, enfrentou o pavor da noite, ladeira acima, comandada pelo sacristão Ramires. No Convento, as portas estavam fechadas. Entraram os corajosos batedores, munidos de velas e lamparinas. Que surprêsa!... Sôbre o altar-mor, estava um homem, de braços abertos:— um desequilibrado, o herói de tôda essa aventura. Trouxeram-no para Vila Velha, prenderam-no. E a criançada aproveitou a oportunidade para, no trajeto da praia, romper em tremenda vaia!...

Até nos desafios da roça, o povo capixaba invoca sua querida Protetora:

Nossa Senhora da Penha,
Bom Jesus de Nazareth,
Por que deixaram êste tinhoso
Cantar com Manuel José!

E, às voltas com as exigências da municipalidade, murmura:

E a polícia sanitária,
e o vereador e o fiscal?!...
Nossa Senhora da Penha,
livrai-nos de dano tal!

Outras:—

Nossa Senhora da Penha,
protegei-me, noite e dia,
amparai-me, com teus braços,
sêde minha eterna guia.

Nossa Senhora da Penha
subiu na pedra e não desceu;
quem pôs nela tôda a fé
nunca jamais padeceu.

Nossa Senhora da Penha,
dai juizo a quem não tem,
dai juizo aquela gente,
p'ra tornar-me querer bem.

Nossa Senhora da Penha
veste um manto todo anil;
êsse manto se distende,
protegendo o meu Brasil.

Outrossim, não faltou um abecedário, dedicado a Nossa Senhora da Penha, no folclore capixaba:—

ABECEDÁRIO A NOSSA SENHORA DA PENHA

Ave, Senhora da Penha,
Tôda coroada de luz,
Por Vós a graça nos venha
Do vosso filho Jesus

Bendita sois entre as mulheres,
Sois o lírio, entre os espinhos,
As vossas mãos esmoleres
São mais puras que o arminho.

Coração Imaculado,
Cheio de amor e perdão,
Sois o pôrto desejado
Pelo nosso coração.

Deixai que se engolfe o mundo
Nas passageiras delicias;
De Maria o amor profundo
Tem mais suaves carícias.

Efluvios misteriosos
Tem o seu celeste olhar,
Neles, astros luminosos
Nunca deixam de brilhar.

Favo de mel fabricado,
Lá nas colmeias do Céu,
Vosso sorriso encantado
Estasia o próprio incréu.

Guarda de nossa ventura
Que aos nossos destinos vela,
Maria é a mulher mais pura
E entre tôdas a mais bela.

Hora de paz procurando,
Viemos, em romaria,
A fim de encontrar o brando
Piedoso olhar de Maria.

Inefáveis dons e eternos,
Dados por nosso Jesus,
São brasões supernos.
Sois a aurora e sois a luz.

Jesus que os ventos impera,
Que domina os temporais,
Ao vosso rôgo obtempera,
Vós podeis e os dominais.

Kalendários, de ano em ano,
Repetem o vosso nome,
Que é tão belo e soberano,
Que nem o tempo o consome.

Lampejos de vossa gala
São raios de vossa luz,
Esta luz que a nós congraça
Que nos guia e nos conduz.

Mãe de ternura suprema,
Que livrais os corações,
Rompei as nossas algemas,
Quebrai os nossos grilhões.

Nunca se ouviu, nem agora,
Na terra acaso dizer
Que deixastes em má hora
Filho algum vosso sofrer.

Ouvidos prestai às preces
Das turbas e romarias,
São, Senhora, as vossas messes,
Do vosso povo, Maria.

Partindo de terras longes,
Deixando haveres e lar,
Devotos, quais outros monges,
Vimos junto ao vosso altar.

Que outros cantem as façanhas
Dos heróis de terra e mar,
Viemos a esta montanha
Glórias da Virgem cantar.

Rainha excelsa do empírio,
A quem dedico êstes versos,
Tendo como cétro lirios
A dominar o Universo.

Senhora dêste penedo,
Vigília dêste alcantil,
À sombra dêste arvoredo,
O vosso povo é feliz.

Trono de imensos fulgores,
O vosso celeste trono.
Não deixeis os pecadores,
Senhora, em triste abandono.

Urna santa de alabastro,
Cheia de amor e ciência;
Vindes de astros e mastros,
Enlevando as consciências.

Vaso de perfume cheio,
Fogo de esplendida luz,
O vosso bendito seio
Do qual nos nasceu Jesus.

Xisto, Virgem, que era papa
Diante de Vós, jazia,
Assim, ante a vossa lapa,
Eis-nos prostrados, Maria.

Yvo, êsse grande santo,
Senhora, que vos amava,
Horas de supremo encanto,
Diante de vós passava.

Zelosos, nós também vimos,
Como filhos dedicados,
Galgar, Senhora, êste cume,
Expiar nossos pecados.

Aqui, Senhora termino
O devoto abecedário.
Aceitai-o vós, agora,
Como a reza de um rosário.

Oferta de um anônimo

A Visão dos Holandeses.

(Quadro de Benedito Calixto)

VIII

Existe, no Convento da Penha, um quadro de Benedito Calixto — "A Visão dos Holandeses". Recorda-nos a passagem histórica da segunda investida dos flamengos sôbre a Capitania do Espírito Santo (1640), ponto sempre visado, no Brasil, pelos aventureiros e piratas, ávidos de suas riquezas decantadas pelos cronistas e viajantes.

Após a derrota sofrida, na Vila da Vitória, a 27 de outubro de 1640, fortificaram-se, em Vila Velha; no dia 2 de Novembro, foram atacados e desalojados, pelos Capitães Adão Velho e Gaspar Saraiva. Recolheram-se aos seus lanchões, deixaram o pôrto, no dia 6.

Lendas, trovas e poemas foram os troféus que os capixabas conservaram dessa luta para a defesa do seu domínio. Conta-se, por exemplo, que os holandeses tentaram escalar o Monte da Penha. Retrocederam, porém, porque se lhes deparou extraordinária visão:— o Santuário transformava-se em poderoso castelo defendido por esquadrão de soldados, enquanto, a pé e a cavalo, descia muita gente, "com armas luzentes e bem preparadas". Entretanto, a ermida estava deserta e a própria imagem de Nossa Senhora fôra removida cautelosamente para o Convento de São Francisco, em Vitória.

E o povo começou a cantar:—

Nossa Senhora da Penha
tem um manto de alegria;
Deus lhe deu os seus soldados
pra denfender a baía.

Nossa Senhora da Penha
tem soldados a valer,
que lhe deu Nosso Senhor,
pro seu povo defender.

Nossa Senhora da Penha
tem um manto de alegria;
foram os soldados que deram,
quando vieram da Bahia.

(Alusão aos que foram com Salvador Corrêa de Sá e Benevides e voltaram para a Capitania, protegidos pela Virgem da Penha).

No "Poema Mariano sôbre a Penha do Espírito Santo", Domingos de Caldas declama:—

CXI

Aqui chega a nefanda companhia
e o vermelho estandarte levantando,
campos, bosques e montes desafia,
bombas, peças e balas disparando.
Anda o negro Plutão, nesta porfia,
os reforçados bronzes atirando;
e girando se vê, por tôda a parte,
a Belona cruel, o fero Marte.

CXII

Porém, essa pequena cidadela
que milagrosa praça se afigura,
com pouca fôrça as naus muito atropela,
mediante o favor da Virgem pura.
Teme o fero holandês, chegando a ela,
no mesmo arrôjo, achar a sepultura,
e das fúrias cruéis, deixando a ira,
infiel e medroso se retira.

Na Quinzena de Arte Capixaba, promovida, em Vitória, pelo Sr. Dr. Augusto Emílio Estelita Lins, em 1947, o Sr. José Elesbão de Castro, recordando a passagem histórica de 1640, pronunciou, pelo rádio, o seguinte:—

Em 1640,
Quando forçava
o corsário-invasor
os flancos da cidade, um capixaba
lembrou-se de rogar, com puro amor,

a proteção do Céu, que não se acaba
como se acaba a fôrça transitória;
e, na porta do templo, assim rezava:—
"Senhora da Prainha
Da Vitória,

Livrai-me do invasor que se avizinha!

Entrando, enfim,
dispôs-se, sem medida,
a tôdas as façanhas o inimigo.
Em Vila Velha, então, desguarnecida,
mereceu, afinal, justo castigo,
e ao capixaba coube tôda a glória,
por ter pedido, dêste modo, assim:—
"Senhora da Prainha
Da Vitória,

Salvai-me, como pródiga Madrinha"!

Dizem melhor
do que meus versos rudes
as telas que ficam recordando,
no Santuário da Penha, as atitudes
de tão livre, feroz e estranho bando;
elas também recordam, como a história,
de um capixaba a súplica maior:—
"Senhora da Prainha
Da Vitória,

cobri-me, com o vosso manto, a Pátria minha!"

Nossa Senhora da Prainha era venerada, em Vitória, num pequeno templo, situado no antigo Largo da Conceição.

Posteriormente, receberam de um português, informações das riquezas da Penha — ouro, prata, alfaias, pedras preciosas, jóias etc. De passagem pelo Espírito Santo, aproveitaram, mais uma vêz, para o desembarque, em Vila Ve-

ina, e certificaram-se do tesouro de Nossa Senhora. Subiram a montanha. Surpreenderam o irmão Frei Francisco da Madre de Deus orando, perante o altar da milagrosa imagem. Invadiram o Santuário, espalhando o pavor entre os religiosos, que procuraram fugir dessa importuna visita. Frei Francisco permaneceu imóvel. Tudo saquearam; mas, ao tentarem retirar a coroa e o manto da Virgem, o religioso suplicou não o fizessem — êle mesmo os tiraria, a fim de evitar tanta profanação. Enquanto o português se apoderava do Menino Jesus, um flamengo esforçava-se, em vão, para retirar um anel valioso da imagem de Maria. Inúteis, porém, foram as tentativas de cortar-lhe a mão e o próprio dedo!...

Suplicou Frei Madre de Deus que deixassem o Menino Jesus, mas o português respondeu-lhe que o levaria para brincar com outro Menino, que existia no Recife. Retrucou-lhe o religioso:— "Vai-te embora e lá verás os brincos que te hão de custar caro; e êste será o último atrevimento dos teus companheiros, no Brasil. Porque isto bastava por teus pecados, para castigo teu e dos mais".

Partiram os holandeses para o Sul, a fim de pilharem rêses, em Cabo Frio. Levaram tôdas as preciosidades e os escravos da Penha. Foram, porém, flechados pelos índios. Só escaparam os que permaneceram a bordo. Regressaram apressadamente a Pernambuco; mas, dias após, a 27 de janeiro de 1654, terminou o seu domínio, no Brasil. Os escravos, as alfaias e os ornamentos foram recuperados para o Convento da Penha. Do Menino Jesus, não apuramos o destino. Consta que ficou em Olinda.

No "Poema Mariano", já referido, lê-se:—

CXVI

Mas, o holandês sacrílego e desumano,
com duro peito e ânimo felino,
rouba as prendas do templo soberano,
e, da Senhora, o erário diamantino;
e a tanto chega o seu furor insano,
que lhe rouba também o deus Menino.
Só não pode, por mais que fôrça empenha
movê-la do altar da sacra Penha.

CVII

Oferece o Menino Onipotente
à cidade de Olinda, majestosa,
nome tão sem mistério competente
ao encarnado botão da pura rosa.
Ali, é festejado, anualmente,
com fiel devoção, pompa lustrosa,
no mesmo dia em que, da sua planta,
a Penha nos louvores se quebranta

E a alma do povo continua:—

Nossa Senhora da Penha
tem janelas para o mar,
para ver seu bento Filho
que, de certo, há de voltar.

Encerram as crônicas do Convento outro fato impressionante:— o milagre da cerração. Certa manhã, ao despontar esplêndido do Sol, os moradores de Vila Velha divisaram, no horizonte, uma esquadrilha impelida pelo nordeste e semelhante, ao todo, àqueles assaltantes bem informados da riqueza natural da Capitania. Demandava a barra.

Voltaram-se preces a Nossa Senhora da Penha, a Protetora do Espírito Santo. Galgaram os seus devotos a ladeira. Uma fervorosa multidão encheu o templo, rezando e entoando hinos à Virgem Poderosa. Ainda prêsas das recordações tétricas das passagens tormentosas de Cavendish e dos holandeses, todos se voltaram para o Céu, pedindo socorro, naquela hora de apreensões.

Avançam os barcos fantasmas. Tenebrosos! Mas, o esplendor daquele dia tolda-se gradualmente, e denso véu de neblina opõe-se à mira dos corsários, que retrocedem, tementes de enfrentar o perigo de um canal cercado de ilhotas e alfaques.

IX

Indispensável continuava uma visita a Nossa Senhora da Penha, para todos os viajantes, em trânsito pela Capital do Espírito Santo, costume aliás perpetuado até os nossos dias. Dentre os registros antigos dessas romagens de Fé, distingue-se, além de a dos jesuítas, já mencionada, a de Dom Luís de Céspedes Xeria, quando vinha da Europa, a fim de assumir o Govêrno do Paraguai, na segunda quinzena de Janeiro de 1628. Cumpria um voto de subir, descalço, a ladeira da Penha. Foi agradecer à Virgem Maria ter salvo a sua vida, na acidentada viagem durante a qual, nos Abrolhos, na costa baiana, quase naufragara a possante canoa, em que se arriscara a bordejar até o Rio de Janeiro.

De certo, sua **Relacion de Viage** não representa o mais antigo documento sôbre a Ermida das Palmeiras; precederam-no os relatos de Fernão Cardim, Anchieta e Simão de Vasconcelos, embora de publicação póstuma.

Eleito, em 1639, Guardião do Convento de São Francisco, em Vitória, Frei Paulo de Santo Antônio empreendeu melhoramentos na Penha:— reformou a Ermida das Palmeiras, transformando-a, então, em capela-mor, porque levantou a nave ou corpo da igreja, com barra de azulejos e ampliou a sacristia.

Ainda sob a direção do mesmo sacerdote, calçou-se a ladeira, que foi dividida em lances, entremeados de vãos, já referidos.

Que trabalho insano e magnífico! Até hoje, se tivermos o fervor de renunciar ao confôrto de um automóvel e, mesmo, à vantagem da nova estrada de rodagem, poderemos calcular o sacrifício arrostado pelos empresários dessa obra secular, para o transporte e o nivelamento dos blocos, polidos, agora, pelo desfile constante dos piedosos romeiros!

E o povo imaginou:—

Na ladeira do Convento,
tem um cravo, pra se abrir;
eu quisera ser sereno,
para, no cravo, cair.

Multiplicam-se as variantes:— Na calçada do Convento, Na subida do Convento, etc.

Outras vêzes, é o desânimo, consequente do sacrifício da escalada, que inspira uma súplica:—

Fui ao Convento da Penha,
todos subiram, eu fiquei;
dai-me a mão, Nossa Senhora,
que eu também subirei.

E qualquer indireta a um gracejo desagradável:—

Lá vem a Lua saindo,
redonda como um vintém;
Nossa Senhora da Penha
dai vergonha a quem não tem.

A 3 de Maio de 1643, Frei Paulo iniciou a construção da nave, conforme registramos atrás, melhoramento concluído, em 1645, após sua transferência da guardiania de São Francisco para outra casa da Ordem. Colocou-se então a imagem de Nossa Senhora da Penha no altar-mor, no dia 25 de Abril, talvez para a festa que, anualmente, atraía já os devotos da Virgem Santíssima.

Resultou, de certo, essa construção da necessidade inadiável de aparelhar-se o templo, de modo a corresponder ao Decreto de S. S. Padre Urbano VIII, em data de 23 de Março de 1630, constituindo a SS. Virgem Maria, sob o título **da Penha**, a primeira Protetora da Capitania do Espírito Santo.

Uma das consequências mais proveitosas da viagem singular, verdadeira epopéia, do Custódio Frei João Batista, que, a pé, excursionou da Bahia até Santos, em visita às re-

sidências da Ordem (1649), foi a inspeção realizada no Espírito Santo. Verificou, de certo, o desenvolvimento da Capitania, em todos os sentidos, e o vulto crescente das romarias à Penha. Resolveu, então acatar o desejo dos seus confrades, relativamente a um convento, no Outeiro. Autorizou-lhes, por isso, providências quanto aos materiais necessários a essa construção.

Cumpriu-se tudo, com o maior contentamento, mormente pelo Irmão leigo Frei Francisco da Madre de Deus, o mesmo religioso que teria de assistir ao saque da capelinha pelos holandeses, fato já referido. (1653)

Com o falecimento de Frei João Batista, a 13 de Janeiro de 1650, no Convento de Santos, seu substituto Frei Sebastião do Espírito Santo, Guardião, no Rio de Janeiro, tendo de ir à Bahia de Todos os Santos, para celebrar a primeira Junta, passou pela Capitania do Espírito Santo. Investigou, na Penha, a configuração do rochedo, para a construção planejada. No Salvador, a 21 de Novembro do mesmo ano, a Congregação, ou Junta, resolveu aprovar a planta do cenóbio, com nove quartos, ou celas, para os religiosos, e duas, para hóspedes, corredores, cozinha, dispensa, etc., de acôrdo com a topografia do lugar. Simultâneamente, nomeou Frei Francisco da Madre de Deus, Superior da casa recém-instituída.

Segundo o novo Custódio, os alicerces do Convento deviam ser firmados como os de uma fortaleza, ou castelo, sôbre as anfratuosidades do rochedo, aproveitando-se tôdas as cavidades. Foi ao Rio de Janeiro, pedir ao Governador uma subvenção, para essa obra cuja planta teve o cuidado de levar-lhe. Salvador Corrêa de Sá garantiu-lhe uma ordinária anual, conforme veremos, adiante.

Frei Francisco da Madre de Deus era o Enfermeiro das Contas Brancas, figura que se tornaria lendária, em virtude do seu piedoso costume:— dedilhar um rosário branco, orando, orando sempre, nas caminhadas pelas ruas de Vitória. Depois de muito trabalhar pelo então Convento da Penha, cuja pedra fundamental foi lançada, em 1651, pelo mesmo Custódio, Frei Sebastião do Espírito Santo, em 1653, Frei Madre de Deus passou o cargo de Superior ao seu confrade Frei Nicolau de São Tomé. Faleceu, em Vitória, no ano seguinte. (1654)

Sua vida religiosa, em Vitória, está ligada à seguinte lenda capixaba:—

"Extasiado pela majestade dos cenários, atônito, pela

divergência entre o viço da Natureza, a poesia dos sítios e a miséria moral dos povoadores; exausto de pregar a virtude e combater o vício, tomava do seu rosário de contas brancas e percorria os caminhos da Vila, a passos vagarosos, dedilhando-o, enquanto murmurava as palavras da Ave Maria.

Caía a tarde.

O franciscano, perseverante no seu apostolado, descia a encosta do São Francisco, passava o rosário branco à guisa de colar e badalava, pelos caminhos ainda primitivos, uma campânula enorme de metal precioso, anunciando aos habitantes a hora do **Angelus**.

A campânula era "o sino de ouro" de Frei Francisco da Madre de Deus.

Certa vêz, desapareceu o instrumento magnífico. Frei Francisco não descia do Convento.

Procuraram-no.

— Eu? Para que badalar o sino de ouro, no meio de corações de ferro? Basta que a voz do campanário da matriz ecoe nas selvas e suba às estrêlas. O sino de ouro jaz sepultado. no solo de Vitória. E será encontrado sòmente, quando, no Espírito Santo, todos souberem ler os livros que louvam a Deus e ensinam aos homens os preceitos da Honra, da Lealdade e da Justiça.

X

Crescia, portanto, o grande monumento da Fé, na Capitania de Vasco Fernandes Coutinho. E muito concorreu para êsse progresso a doação do General Salvador Corrêa de Sá e Benevides, a 17 de Junho de 1652:— cem mil réis por ano, em vinte cabeças de gado, tiradas dos seus currais, em Campos da Paraíba, ordinária valiosa que os descendentes do glorioso Governador do Rio de Janeiro aumentaram para trinta, e mais duas, a título de esmola, quando Martim Francisco Vasques Anes, em 1664, visitou a Penha.

Como prova de gratidão a êsse benefício que, de certo, muito favoreceu as obras do Convento e a vida religiosa, na Penha, a Ordem Franciscana do Brasil conferiu, a 10 de Setembro de 1653, a Salvador Corrêa de Sá e Benevides e seus decendentes o título de "Padroeiros Venturosos daquele Santo lugar" e "participantes de todos os sacrifícios, e cada um dos sufrágios e prerrogativas dos Religiosos ali assistentes".

Urgia, porém, uma providência para o abrigo e a conservação dos animais, em lugar amplo e acessível à fiscalização pelos religiosos. Por isso, em 1654 (?), os franciscanos compraram o campo de Piratininga, por 5$000, a Da. Catarina de Vide, viúva de Manuel de Vide, o compadre e amigo de Anchieta.

O Convento da Penha continuou a auferir as vantagens desa ordinária, durante séculos, tanto assim que, proclamada a Independência e sequestrada a fazenda de Campos em poder dos herdeiros de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, S.M. o Imperador Dom Pedro I atendeu ao requerimento do Procurador Geral dos Franciscanos e ordenou, a 31 de Agôsto de 1824, o prosseguimento da generosa doação de trinta novilhos. (22) Tal benefício perdurou, até 1849, faltando, porém, outras notícias, daí em diante. (Frei Basílio, Páginas...)

Em atenção ao pedido de Frei Sebastião do Espírito Santo, a 6 de Novembro de 1653, o Convento da Penha rerecebeu outra ordinária valiosa:— uma pipa de vinho, um quarto de azeite, uma quarta de farinha do reino para hóstias e duas arrobas e cêra lavrada, tudo no valor de 90$000 que, de acôrdo como o Rei Dom João IV, deveria ser pago

anualmente com muita pontualidade, sem redução alguma.

Tendo substituído o Enfermeiro das Contas Brancas, no cargo de Superior da Penha, Frei Nicolau de São Tomé incrementou as obras do Convento, iniciadas pelo seu antecessor. Durante quatro anos, trabalhou com dedicação pelo futuro Santuário, tão querido e admirado, em nossos dias. Sucedeu-lhe, em 1657, Frei Antônio dos Santos cuja atividade concorreu para que, terminada a fábrica do Convento, o Capítulo de 1659 elevasse a Guardião o cargo de superior da Penha, conferindo-o a Frei Manuel dos Mártires.

Prosseguia assim metódico o desenvolvimento daquela extraordinária obra iniciada por Frei Pedro Palácios. Tanto na vida religiosa quanto na parte material, a Penha avultava para transformar-se na montanha sagrada, orgulho da terra capixaba.

A 4 de Dezembro de 1660, concluída a construção do primitivo cenóbio, Frei Antônio das Neves assume o cargo de Guardião, passando-o em 1662, a Frei Francisco, o Fundão que, em 1664, teve a honra de receber a visita de Martim Francisco Vasques Anes, filho de Salvador Corrêa de Sá e Benevides. O ilustre excursionista aumentou a ordinária concedida pelo General seu pai, conforme registramos anteriormente. Viera ao Espírito Santo, em sindicâncias da crise financeira atravessada pela Capitania.

Estabelecida a comunidade, na Penha, contava quinze religiosos, em 1730.

Durante muitos anos, pairou o silêncio, em tôrno do Convento da Penha. Sòmente as romarias movimentavam a placidez da vida religiosa, no outeiro, porque, segundo Frei Apolinário, concorriam os habitantes de tôdas as capitanias "a visitar a sagrada imagem, uns a pedir e outros a agradecer, e nenhum deixava de se elevar na sua presença, parecendo-lhe estaria já de posse da bemaventurança, e que quem logra esta não tem mais que apetecer".

Terminava o cronista dizendo que não tinha mais o que desejar, no mundo, quem chegasse a gozar da visita ao Santuário da Penha. Justifica-se portanto a declaração de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, quando foi venerar a Virgem da Penha:— "se não o prendesse o vínculo matrimonial e não o detivessem os negócios de S. M., alí ficaria tôda a vida". (27)

Sobra, portanto, fundamento, para a trova popular:—

Fui ao Convento da Penha,
visitar a mãe querida;
agora, posso dizer
que já fui ao Céu, em vida!

Essa trova, cujo autor é Luis Barbosa dos Santos, poeta capixaba, do Século passado, tem muitas variantes, como, por exemplo a que serve de Mote à Glosa popular do Real Convento:—

Eu fui ao Real Convento,
Ver minha mãe tão querida,
M'envolvi em tal grandeza
Que senti o Céu, em vida.

Comprazeu a Divindade
Do nosso Pai **amostrá**
Numa penha **colocá**,
No cimo da imensidade,
Aquela Mãe de bondade
De tanto **mericimento**.
Tocada de um pensamento,
Fui **vê** nossa **Adevogada**,
Subi a grande **carçada**
E fui ao real convento.

Entrei, fiz minha oração
Me dirigi **prô artá**,
Para, de perto, **amostrá**
A **dô** do meu coração.
Fiz a minha confissão,
Dos **pecado arripindida**,
Contei **despois** minha vida.
Como filha **obidiente**,
Irei continuamente
Ver minha Mãe tão querida.

Vi o seu manto dourado,
Sua capela mimosa,
Amada Mãe extremosa,
Com o seu Filho adorado,
No seu trono colocado.

Por mistério da grandeza,
Brilhando no claro dia,
E de vê tanta alegria,
M'envolvi em tal grandeza.

De nada mais me alembrava,
Só das canseiras do mundo,
E qual Sol ardente ao fundo,
A Mãe de Deus contemplava,
E Ela me amostrava
A minha alma engrandecida
No seu olhar envolvida.
Senti tamanho prazê,
Que digo e torno a dizê
Que senti o Céu, em vida.

E o povo continua:—

Quando subo pela encosta
daquela Penha querida,
pela pressa com que subo,
me parece uma descida.

Fui ao Convento da Penha,
tive o ensejo de sentir
que a sua encosta descer
custa mais do que subir.

Mas, a celestial assistência que, desde os primórdios da colonização, irradiando daquela montanha predestinada, pairava sôbre o Espírito Santo, para conservá-lo imune do pirata e dos invasores, quer nas investidas de Cavendisch (1592), quer nas tentativas inglórias dos holandeses, jamais arrefeceu, confirmou aliás que "os pés do hereje não calcam impunemente um território colocado sob a gloriosa proteção da Virgem Imaculada". (28) Outrossim, nos dias aflitivos de tôdas as provações espirituais e corporais, à Penha voltaram-se, infalíveis, as preces do povo capixaba.

Confirmaram-no, por exemplo, os dias dolorosos de 1669, quando irrompeu terrível epidemia, em Vitória. Organizou-se um préstito, para trazer a imagem de Nossa Senhora da Penha, até a Vila martirizada, onde permaneceu quinze

dias. O povo rezou, fervoroso, e não tardou em receber o favor suplicado, — o declínio do mal que o dizimava.

Esta parece ter sido a primeira viagem de Nossa Senhora da Penha, em procissão, de Vila Velha a Vitória, porque, na guerra holandesa, a imagem veio incógnita, para o Convento de São Francisco, onde se conservou, algum tempo, guardada.

Em meados do século XVIII, Frei Agostinho de São José, então Provincial, considerando que se elevava o número de religiosos da Ordem, no Espírito Santo, resolveu ampliar o Convento da Penha. Determinou, para isso, a construção de mais um corredor e celas, com treze janelas para o mar, na parte leste do rochedo. É o corredor inferior. À sua direita, ficam as referidas celas. De certo, foi arrojada essa construção, no declive mais forte do rochedo. Resultou disso o acréscimo da comunidade que, em 1765, era de vinte e três religiosos. (23)

Viagem de Nossa Senhora da Penha a Vitória, em 1769.

(Gravura do Século XIX. Oferta da Sra. Maria de Lourdes Melo Silva)

XI

Decorreram alguns anos e uma sêca jamais verificada no Espírito Santo assolou a Capitania, prejudicando-lhe tôdas as fontes da vida:— secaram-se os rios e os poços desapareciam os campos, morriam os rebanhos e as aves, encareciam os gêneros alimentícios, de modo que a fome rondava, já, a população. Tudo era tristeza e desânimo!

Enquanto, porém, as colinas e os montes circunvizinhos, cobertos de uma vegetação crestada pelo Sol, perdiam sua beleza natural, o Morro da Penha ostentava o frescor de sua mata magnífica, despertando, no povo, a idéia de recorrer à Virgem Santíssima, sua protetora infalível.

Organizou-se uma procissão marítima, com as embarcações daquele tempo e, numa lancha de pintura renovada, ricamente guarnecida de colchas cetinadas, flores e demais atavios, colocou-se a preciosa imagem de Nossa Senhora da Penha. Autoridades civis e militares, ordens religiosas e irmandades juntaram-se ao povo, nesse dia de fervorosa prece à Rainha do Céu.

Salvas das fortalezas!
Bimbalhar festivo dos sinos!
Espocar contínuo dos fogos!

E a Senhora da Penha chega à Vila da Vitória, recebida pelo delírio do povo:— Ave Maria! Santa Maria! Ave Maris Stella!

Segue a procissão pelas ruas embandeiradas, juncadas de flores e folhagens, enquanto, nas janelas, drapejam as colchas de damasco e cetim, as cortinas de crivo e rendas da Côrte. Num andor, todo florido e coberto pelo rico pálio, especialmente preparado para êsse dia memorável, a imagem da Senhora da Penha vem, cercada pela súplica do povo, arrebatado pela Fé! Todos rezam. Todos pedem a clemência do Céu:— Chuva!

O Sol tudo abrasa!

E o povo reza:— Ave Maria! Salve Rainha!

Chega a procissão à Ladeira do Convento de São Francisco.

Entra a Imagem na igreja. Anuvia-se aquêle céu, antes, límpido, brilhante pela intensidade do Sol.

Chuva!

Chuva! — exclamam, uníssonas, milhares de vozes.

Realizava-se o grande e suspirado milagre.

Lê-se, no "Poema Mariano sôbre a Penha do Espirito Santo":—

XLV

Observa-se, porém, ao pé do monte
Atlântico do céu mais refulgente,
estar viçosa a flor, corrente a fonte,
firme a saúde, a dita permanente;
sem que faça calor, que o dia afronte;
sem que a peste infeliz oprima a gente;
porque dela lhe dá conta o seguro
dêste sacro Sião, cipreste puro

Adiante:—

XLVIII

Chega a Senhora à terra e recebida,
em rico pálio de ouro marchetado.
Da turba acompanhada é conduzida
à Santa casa de Francisco amado;
inda não bem ao templo é recolhida
já todo o céu de nuvens carregado,
encobrindo do sol a formosura,
transforma o claro dia em noite escura.

XLIX

Apenas entra a Virgem, quando os ares
as nuvens vomitando sôbre a terra,

parece com dilúvio, que nos mares
quer a água vingar do fogo a guerra.
Os verdes papagaios, nos pomares,
os barbados bugios, pela serra,
e, nos charcos, as rãs, cheias de glória,
estão cantando os vivas da vitória.

No mesmo ano (1769), registrou-se, a 1.º de Agôsto, na Vila da Vitória, impressionante fenômeno sísmico:— a terra estremeceu, como se estivesse a revirar-se, para esmagar a população que repousava do labor diurno.

Sacudido pelo fragor de uma descarga elétrica, na Penha, o povo de Vila Velha foi prêsa de incrível pavor, porque, segundo a imprensa vitoriense, todos que se encontravam no Convento e os habitantes da Vila cairam de bruços no chão... Calcularam que se tivesse desmoronado a montanha magnífica.

Repetiam-se os trovões, enquanto o solo tremia e aquela eminência de onde, até então, se irradiava um fluido de Paz, agora parecia oscilar, oscilar, desde a base!

Domingos de Caldas, assim relata:—

XXXIII

Inda em sessenta e nove, o sol girava,
visitando o Leão, que atroz rugia,
tendo no augusto mês, que começava,
uma só vez mostrado a luz do dia;
Morfeu os doces laços apertava;
o mar, o vento, o céu adormecia,
quando a terra, com grito assás ingente,
desperta os animais e acorda a gente.

XXXIV

Principia o tremor, no monte e vale;
aumenta a confusão da morte o susto;
pedra e tronco não há, que não se abale,
sendo o dano maior no mais robusto.
Agora só o assombro é bem que fale,
e se emudeça a voz no espanto justo,
vendo ficar cessando o infausto indício,
constante a pedra, imóvel o edifício.

Foi o primeiro raio caído, na Penha. Daí em diante, sucederam-se outros. O de 1843 deixou uma depressão nos ladrilhos da sacristia. Nenhum, porém jamais atingiu a sagrada imagem da Virgem Maria, apesar dos seu adornos de ouro, prata e pedras preciosas. É certo, portanto, o que diz o poeta:—

XXXVIII

Muitos com raro assombro têm passado
por entre a Virgem Mãe e o seu Menino;
outros têm, não sem dano, procurado
ao Senhor — Ecce Homo — autor divino.
Olha triste mortal, quão descuidado
continuas teu louco desatino,
sem ver que, quando a si Deus se condena,
mostra de tua culpa a sua pena.

XXXIX

Vê que nem sua Mãe já se reserva,
a qual do nosso dano ressentida,
no raio que a conhece e que a preserva,
golpe não encontrou, e está ferida;
Por seus rogos repara, atento observa,
que a Onipotência quis ser ofendida
mostrando no infalível do castigo
custar nosso perdão o seu perigo.

A 10 de Outubro de 1864, um furacão destruiu a Casa dos Romeiros. Acabaram-se as festas profanas, ruidosas, ali.

XII

Sob a direção de Frei Francisco de Jesus Camargo, (1774 — 1777), iniciou-se na Penha, um período de melhoramentos: — reforma do calçamento da ladeira, construção de muros e da capela do Bom Jesus, reconstrução da Casa dos Romeiros, etc. Lê-se, ainda, no portão, à beira mar, a data de 1774, em que foi construído. Já não se encontra, porém, a imagem de São Francisco, no alto. O nicho está vazio.

Apresentava a ladeira 785 metros, por 2 de largura; vãos, destinados aos Passos que os religiosos projetavam estabelecer, com as respectivas cruzes, para memorar-se o Caminho da Cruz, que Jesus percorreu. No fim, estava a Capela do Bom Jesus.

No portão, havia, em baixo, em relêvo, duas figuras de anjos.

Com a redução de vocações, a Província Franciscana da Imaculada Conceição atravessava uma quadra desanimadora. Embora os superiores envidassem esforços para manter a comunidade na Penha, repercutia ali o estado geral da Ordem. Apesar, porém, dessa crise na vida religiosa, em 1802, instituiu-se no Convento um curso de língua indígena, frequentado pelos missionários, a fim de que pudessem trabalhar nas capitanias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. De certo, essa providência devia ter sido tomada, desde o estabelecimento da Ordem no Espírito Santo. Evitaria, talvez, a deliberação absurda firmada pela Câmara da Vila da Vitória que, a 23 de Maio de 1795, proibiu que se falasse a língua geral. Estudando-a, os colonizadores teriam colaborado na confraternização dos nativos com os advindos. Além disso, conservariam uma preciosidade para os estudos indianistas, hoje apreciados e procurados.

Em 1807, Frei Francisco de São Carlos exerceu a Guardiania da Penha. Não é exato que tivesse escrito, alí, o poema "Assunção da Virgem", composição realizada, em 1805, no Convento do Bom Jesus da Ilha. Nota-se mesmo que nem uma referência o poema encerra sôbre o Espírito Santo e seu famoso monumento histórico, — a Penha.

Abusos que se praticavam, na Gruta de Frei Pedro

Palácios conduziram o guardião Frei Mateus de Cristo, a fechá-la, em 1810. Algum tempo depois, fêz-se uma porta de grades.

Em 1818, o Santuário recebeu a visita do grande botânico Augusto de Saint Hilaire. Ali encontrou dez religiosos. No ano seguinte, a guardiania foi confiada a Frei Francisco do Monte Alverne. (23/10/1819 - 20/10/1821)

Ecoou, portanto, naquelas paredes centenárias, a eloquência inconfundível do famoso orador sacro. Da coletânea das suas obras oratórias, destacamos os seguintes trechos do Panegírico de Nossa Senhora da Penha:—

> "Não é debalde que nós veneramos a Maria com a denominação de Senhora da Penha; não é em vão que a piedade tem edificado sôbre o cume das montanhas êstes santuários em que Maria se compraz de ser venerada; era justo que, depois de entornar sôbre seus filhos as riquezas de sua proteção, ela consagrasse êstes troféus, que levassem ao longe a glória de seu nome, e fôssem um testemunho desta bondade, que jamais será destemida. Fazendo pois ver a tôdas as nações o asilo, em que se devem abrigar da cólera celeste, a Virgem selou com sua augusta mediação, e forçou tôdas as gerações a proclamar que, verdadeiramente Maria é sua mãe, é sua corredentora. Transportado de tantas maravilhas, eu ousei patentear os tesouros da grandeza de Maria, debaixo da invocação de Senhora da Penha, com que hoje é venerada: terme-ei abalançado a muito, pretendendo revelar os mistérios do seu amor; mas, eu direi muito pouco, porque o homem não poderá jamais sondar êste abismo de misericórdia.
>
> ———
>
> Monumento de grandeza, e da magnificência de Maria, oh! famosa, oh! célebre Penha, tu és mais eloquente que os mais sublimes elogios! Tu dás a sentir da maneira mais irrecusável a proteção constante e valiosa que Maria oferece à desventura!... Tu nos recordas êsses padrões colossais elevados sôbre as margens do Jordão, a fim de exaltar a glória do Senhor aos olhos da posteridade! quando os nos-

sos netos perguntaram:— Que penha é esta, sôbre que se levanta êste edifício, onde à porfia se depositam os mais expressivos penhores do reconhecimento? **Quid sibi volunt isti lapides**. A voz dos séculos responderá:— Foi a gratidão que consagrou a Maria êste soberbo troféu para que tôdas as idades reconhecessem sua proeminência e valia:— **Idcirco positi sunt lapides isti in monumentum filiorum Irsael usque im aeternum**.

Tantos prodígios, maravilhas tão estupendas não devem merecer à Senhora da Penha o culto e as homenagens consagradas por os povos? Daqui partem estas cadeias que vão domar os furores do Oceano e vencer a raiva dos furacões. Daqui sai êste grito de vitória, que afugenta a morte e arranca seus despojos. Aqui destila o bálsamo saudável, que contém a vida e a saúde; aqui ouvem-se palavras misteriosas, que adormecem as dores, encantam nossos pezares, dissipam nossos terrores e tranquilizam nossos corações. Desgraçados subtraídos às dores e às enfermidades, vítimas escapadas à aflição e aos trabalhos aparecei; e o vosso testamento será mais brilhante do que todos os nossos discursos!...

Sim. oh! Virgem Poderosa, nós desafiamos todos os males e zombamos de todos os acasos, à sombra das palmas que atestam vossos mais belos triunfos. Seguros do vosso amor, nós nos abandonamos às mais lisonjeiras comoções. E que momento para derramardes sôbre nós a torrente dêsses bens sobrenaturais, que desafiam, sem cessar, as mais vivas aclamações! Não são escravos transidos de terror e susto que imploram de rastos vossa piedade maternal; são vossos próprios filhos que, animados de Fé e entusiasmo, vêm lançar sôbre vosso altar o tributo de sua admiração e oferecer vosso altar o tributo de sua admiração e oferecer vosso respeito e as homenagens de que justamente sois credora.

O milagre da chuva, em 1769.

(Quadro de Benedito Calixto)

XIII

Expôsto aos vendavais e de construção antiga, exigia o Convento reparos constantes. Assim na guardiania de Frei Vitorino de Santa Felicidade (1834), sacerdote operoso que ocupou o cargo diversas vêzes, reconstruiu-se a parede interna principal, reformou-se o telhado, parte do monumento de caprichoso perfil que, segundo uma autoridade em relíquias históricas e arquitetônicas, assemelha-se aos vestígios das construções árabes, na Península Ibérica. (24) Janelas foram substituídas, além de outros pequenos consertos no próprio templo, nas senzalas e casa dos romeiros. Em 1849, Frei Vitorino rubricou o primeiro "Livro de Visitas" da Penha, no qual podemos apreciar autógrafos de raro valor e as impressões indeléveis de romeiros de tôdas as categorias sociais.

Degredado para o Espírito Santo, o Pe. Diogo Antônio Feijó residiu alguns meses, em Vitória. (De 27 de julho a 13 de Dezembro de 1842). Ia passar dias na Penha, onde celebrava a Santa Missa. De certo, servia-se de condução, durante muitos anos, usada pelos sacerdotes idosos ou doentes — o burrinho de Nossa Senhora da Penha.

Eleito Guardião, em 1850, Frei João Nepomuceno Valadares transformou a placidez da vida no outeiro. Já vimos que promovera festas esplêndidas, com banquetes e música, atraindo sobretudo os campistas que viajavam, até fretando vapores.

Em 1853 Frei Valadares reconstruiu, a pedra e cal, as senzalas, dispostas em duas filas, que ladeavam uma rua; levantou o telhado, substituiu tôda a obra de talha do Santuário.

Casinhas, além das senzalas e a Casa dos Banquetes, com fogões e fornos, indicavam a previdência dos Guardiães, para agasalhar e manter os romeiros, que afluiam de longe.

Frei Valadares era, portanto, um homem empreendedor. Grangeou, por isso, justamente, simpatia e admiração dos seus conterrâneos, pois descendia de ilustre família da Província. Como Frei José do Patrocínio e Frei Santa Cecí-

lia, administrava os rebanhos e a lavoura, com receita prodigiosa.

Quando, em 1855, a festa coincidiu com o término das obras de restauração do Convento, para que "o mesmo durasse mais duzentos anos" — o Guardião pediu aos convivas, no banquete, que o acompanhassem, no brinde ao Pe. Antunes de Sequeira, agradecendo-lhe o sermão proferido, na Missa. O famoso orador sacro e apreciado repentista respondeu-lhe, com o sonêto:—

Bom ministro do Ser Onipotente,
exímio guardião em grau fecundo
salva-te o astro do dia rubicundo
que hoje surge inda mais resplandecente.

Coroa a Natureza, de contente,
os teus sábios trabalhos, neste mundo;
mas, no outro, um Deus grato, um Deus jucundo
louvores te dará, num trono ingente.

Doze vêzes, o astro luminoso
tua excelsa missão saudou, com glória,
neste dia tão grato e tão bondoso.

Gravado fique sempre, na memória,
o nome Valadares glorioso,
seja êle o farol da nossa história.

Logo, os campistas abraçaram o religioso e o levaram, em triunfo, até Vila Velha.

Vivia o povo sempre temeroso das epidemias que martirizavam, periòdicamente os habitantes de Vitória. Varíola, febre amarela, bubônica!... Em 1856, irrompeu o cólera morbo e alastrou-se ràpidamente. Dizem as crônicas da "Província do Espírito Santo" que passavam pelas ruas oito, doze, dezesseis cadáveres, transportados pelos galés. Aterradas, as famílias gritavam, das janelas! — Misericórdia, meu Deus! Socorrei vosso povo"!

Mas, se o povo é naturalmente religioso, na rotina cotidiana, afervora-se na cadinho do sofrimento. Voltou-se para Nossa Senhora da Penha e, em procissão, trouxe o Menino

Jesus até Vitória e a Serra. No "Correia da Vitória", de 30 de Janeiro de 1856, Frei Valadares convidava o povo para receber a referida imagem, que regressava da Serra e devia permanecer, no Convento de São Francisco, de 1 a 2 de Fevereiro.

No dia 4 do mesmo mês, a coroa de Nossa Senhora da Penha foi, em procissão, até Carapina.

Surgiram, naturalmente, evidências das vibrações poéticas da alma popular, produções que permaneceram aliando a sensibilidade dos seus autores anônimos ao registro da passagem histórica. Temos assim a **Glosa da Coroa**, recolhida em nossas pesquisas folclóricas:—

Nossa Senhora da Penha
não veio, porém, mandou
sua sagrada coroa
e a impidemia passou.

Corre sangue em borbotão,
nas chgas de Jesus Cristo;
pro êrro dos seus ministro,
maior lançada lhe dão.
A Deus pidindo perdão,
mentre castigo num venha,
sendo Mãe do Onipotente,
Ela a nós compaixão tenha,
tenha dó dos inocente,
Nossa Senhora da Penha.

No Santuário, em louvô,
tem seus milagres pintado
e, em cera, representado
aqueles que Ela curô,
pidindo a Nosso Senhô
pro muita bondade e amô,
que a seu povo, em embaraço,
acolhesse, em seu regaço,
pelo santo resplendô
que Ela, não veio mandô.

Houve uma missa cantada
e uma procissão de vela
que parecia de estrela,
cum ladainha entoada,

que foi inté Carapina.
Houve muito sarva boa,
pois que só viu da Senhora
pela bondade divina,
sua sagrada coroa.

Na vila martirizada,
os mais nobres cidadão
acharo o tempo sagrado
de fazê a procissão,
os cujos nome eu num sei,
pru que num pude contá
os que foram acompanhá
prenda que a Virgem mandô,
e quando Ela entrô na igreja,
a impidemia passou.

Respeitamos a linguagem natural do nosso informante, proprietário de um sítio, na Serra, e que, algumas vêzes, chega a Vitória para atender aos seus clientes, com benzições e botica de ervas.

Em 1856, empreendeu-se a restauração do templo. Festa suprema! Vieram de Campos dois vapores. Oito dias de festa! No último, os campistas repetiram a festa da Penha.

E, assim, crescia o entusiasmo. Banquetes e, com o tempo, o jôgo. No "Correio da Vitória", de 25 de Abril de 1857, lemos que a festa da Penha, celebrada, no dia 20, excedeu a tôdas as outras. Um banquete de duzentos convivas!

Urgia portanto uma providência que reprimisse o espírito profano, à sombra do Santuário da Virgem Imaculada. Veremos adiante tal resolução das autoridades eclesiásticas.

Coube a Frei Valadares a honra de receber SS. MM., o Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Dona Tereza Cristina Maria, em visita a Nossa Senhora da Penha, a 28 de Janeiro de 1860. Foram acompanhados de numerosa comitiva e deixaram generosa esmola para o Santuário.

Em 1862, Frei Valadares reconstruiu o frontespício da capela do Bom Jesus. Mas, dois anos após (1864), furiosa tempestade destruiu o alpendre envidraçado e destelhou a casa dos romeiros, ou do jôgo. Diz Gomes Neto que "os vidros e caixilhos do alpendre voavam, em hastilhas, e as telhas da casa dos banquetes giravam, no ar, como andorinhas".

Aquêle operoso Guardião faleceu, em Vitória, a 15 de

Março de 1865, e foi sepultado no Convento de São Francisco. Recebeu a homenagem de um entêrro concorridíssimo. Deixara a Penha, a 8 de Março de 1862, quando o substituiu Frei Teotônio de Santa Humiliana.

Já, nesse tempo, o Convento demonstrava as consequências do Aviso baixado pelo Ministro Nabuco de Araújo, a 19 de Maio de 1855, cassando as licenças para a entrada de noviços nas Ordens religiosas. Por isso, Frei Teotônio viveu solitário na Penha, até Agôsto de 1867, quando se transferiu para o Rio de Janeiro. Durante o seu govêrno, o Santuario sofreu diversos prejuízos, em consequência dos raios caidos, a 27 de Janeiro e 14 de Fevereiro de 1867. Atingiram o zimbório, as paredes e obras de talha.

Frei Teotônio colocou, na Gruta de Frei Pedro Palácios, a seguinte inscrição:—

ECCE PETRI PALACIOS ARCTA HABITATIO PRIMA
QUI DOMINAM A RUPE VEXIT AD ISTA LOCA
MIRUM COENOBIUM CONSTRUXIT VERTICE
RUPIS?
QUO TANDEM DOMINAE TRANSTULIT AFFIGIEM
QUAM MAGNIS MERITIS VITA DECESSIT ONUSTUS
JAM PROMISSA BONIS PRAEMIA COELIUM HABET;

Obiit 1575. Jacet in Conv. S. Francisci Victoriae

F.T.S.H.An. 1864

Tradução:—

Eis de Pedro Palácios a primeira e estreita habitação
O qual trouxe para estes lugares a Senhora da Penha.
Construiu no cume do monte um admirável Convento,
Para onde transferiu, finalmente, a Imagem,
Onerado de grandes merecimentos passou desta vida.
E já possue os prêmios celestes prometidos aos bons.

Morreu em 1575. Jaz no Convento de São Francisco de Vitória.

Frei Teotônio de Santa Humiliana, ano de 1864.

Dois pontos confusos encontramos nessa inscrição. — Frei Pedro Palácios faleceu em 1570 e não construiu o Con-

vento. Fêz apenas a Ermida das Palmeiras, já referida nos primeiros capítulos dêste nosso livro.

Na segunda metade do mesmo Século (XIX) deu-se o naufrágio do **Espadarte**, na costa do Espírito Santo. No auge da tormenta, em pleno mar, a tripulação recorreu a Nossa Senhora da Penha:—

Da Penha, oh, Mãe milagrosa!
Livrai-me desta tormenta!
Tomba o mastro, vôa a vela,
O mar, meu barco arrebenta!

Ao chegar a Vitória, salvo do naufrágio, o capitão do navio relatou o fato ao Pe. Francisco da Fraga Loureiro, que, segundo supõe o Des. Afonso Cláudio de Freitas Rosa, logo improvisou a seguinte glosa:—

Com rumo ao mar inclemente,
Fêz-se de vela o **Espadarte**;
Adeus ao nauta que parte,
Diz da praia tôda gente,
Vendo-o postado silente,
Junto à amura perigosa,
Onde põe a mão calosa.
Ronda o vento e do fraguêdo
Sobe a onda no rochedo,
Da Penha, oh, Mãe milagrosa!

O dia se muda em noite,
Desce a chuva de granizo;
No céu é de fogo o friso,
Que o raio traça no açoite,
A quanta sombra se afoite,
Nessa hora laculenta,
Após refrega cruenta,
A buscar a salvação;
Mas, eis, fala o coração:
Livrai-me desta tormenta!

Rija sopra a ventania,
Cresce da onda a montanha,

Cedendo a uma fôrça estranha,
Que ela em vão contraria,
Redobra a bordo a agonia,
Com tão rugir da procela:
Não fulge uma só estrêla,
Que um só lampejo derrame;
O raio rompe o cordame,
Tomba o mastro, vôa a vela!

Colhido pelo revez,
Que o ameaça tragar
O marinheiro a rezar,
De joelhos, no convez,
Se lança. Da cruz o sinal fêz,
E, enquanto a alma adormenta,
Amaina e cessa a tormenta.
Então, de olhos para os céus,
Exclama:— Entrego-me a Deus!
— O mar meu barco arrebenta!

Entrada da ladeira da Penha. Vista interna do portão construído em 1774.

XIV

Extinguiu-se a guardiania da Penha, em Agôsto de 1867, com a retirada de Frei Teotônio de Santa Humiliana, cuja permanência no Convento, além de solitária, foi abalada pelos raios atrás referidos. Conta-nos Gomes Neto que, pelas oito horas da noite de 27 de Janeiro, nuvens pejadas de eletricidade, arrebanhadas desde o sudoeste por vento violentíssimo, ao passarem pela povoação, resolveram-se em chuva grossa, acompanhada de coriscos. Daí a pouco, viu-se o zigue-zague chamejante descer sôbre a igreja da Penha e, tão forte foi o estrondo que, no Convento e na Vila, todos cairam de joelhos, encomendando-se à misericórdia do Altíssimo. Verificou-se, mais ou menos, o horroroso drama de 1769, de modo que se pudesse imaginar as inquietações dos antepassados.

A 14 de Fevereiro seguinte, registrou-se novo cataclismo. Além de vento sul e granizo — a chuva de pedras temerosa para os antigos, um raio doudejou sôbre a cúpula do Santuário e muito danificou o zimbório.

Resolveu a Ordem dos Frades Menores nomear Frei João do Amor Divino Costa, administrador da Penha e do Convento de São Francisco. Realizou-se a posse, a 20 de Setembro do mesmo ano de 1867.

Uma de suas proveitosas iniciativas foi a de trazer da Côrte, em 1874, o escultor José Fernandes Pereira que, durante quatro anos, trabalhou na Penha. O zimbório, os retábulos, capitéis, etc. atestam ainda os primores da sua arte louvada, justamente pela autoridade do Prof. Robert Smith e admirada por todos que visitam o Santuário: "os enfeites de um rococó popular que ornam a talha do interior da igreja do convento, os estuques do portal, que verdadeira capa de missal antigo, encerram a longa escadaria que desce do monte". (25).

Além desa providência, em favor da ornamentação interna do Santuário, Frei João mandou fazer o assoalho, em

estilo mosaico, trabalho concluído em 1879, quando se levantou o alpendre atual, que, "avançando, projeta ao espaço, por assim dizer a sobriedade das linhas retas e formas sólidas das paredes das fachadas. — É um exemplo raríssimo de elemento outrora comum na arquitetura colonial do Nordeste do Brasil". E para maior riqueza do templo, conseguiu que o pintor Vitor Meyrelles, consagrado autor de valiosas telas, orgulho do patrimônio histórico e artístico nacional, viesse pintar os retábulos. Dez magníficas produções do seu pincel retratavam a história do Santuário. Existem, atualmente, quatro, apenas.

No mesmo ano de 1879, o Sr. Bispo do Rio de Janeiro, pelo Decreto de 14 de Abril, proibiu as festas de Nossa Senhora da Penha, fora do Santuário. Evitava-se dêsse modo, a dispersão de esmolas e outras contribuições dos fiéis. Convergindo para aquêle templo auxiliariam sua conservação e asseguravam a permanência do sacerdote ali.

Faltava, porém, na vida secular daquele monumento histórico e sagrado, o registro da honrosa presença da Autoridade Diocesana. Pertencendo à diocese do Rio de Janeiro, a Província do Espírito Santo recebia, de tempos, em tempos, visitadores delegados pelo Bispo Diocesano. Na história da Penha não consta que os antecessores de Dom Pedro Maria de Lacerda ali tivessem chegado. Mas, vencendo inúmeros empecilhos de uma viagem complicada e sem confôrto, naquele tempo, S. Ex., em 1880, percorreu tôdas as paróquias da Terra Capixaba e, a 3 de Julho, subiu a ladeira da Penha para visitar a excelsa Padroeira do Espírito Santo. No Livro de Visitas firmou o seguinte autógrafo:—

> Achando-me em Visita Episcopal nesta Província do Espírito Santo, vim da Cidade da Vitória a êste Santuário de Nossa Senhora da Penha, no dia 3 de Julho de 1880; e, aqui, como os Padres que me acompanharam e o povo, cantei as ladainhas de N. Senhora. E, depois de percorrer o Convento, fui ao púlpito e fiz um discurso sôbre o amor da SS. Virgem Maria aos homens, filhos, seus adotivos, e sôbre a eficácia de sua valiosa proteção. Humildemente, peço a esta carinhosa Mãe e poderosa advogada que me valha em tôdas as minhas necessidades, sobretudo espirituais, e na hora da minha morte, não me falte com o seu poderoso auxílio. Salve-me eu, que o mais menos importa. Amem. Ouvi-me oh! boa

Mãe, oh! clemente, oh! piedosa, doce sempre Virgem Maria, Senhora da Penha. Amem. Penha, aos 3 de Julho de 1880, sábado, às três horas e 15 minutos da tarde. Pedro. Bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro".

Consequência talvez da visita diocesana, logo em 1881, foi o Santuário distinguido pelo Santo Padre Leão XIII, com indulgências concedidas aos fiéis que o visitassem e, arrependidos dos seus pecados, rezassem em intenção da Igreja. Segundo o Decreto de 6 de Dezembro dêsse ano, as indulgências eram de quarenta dias, em qualquer dia do ano; de sessenta dias, aos sábados, e de cem dias, no dia da festa.

Em romarias piedosas, continuava aquêle desfile ininterrupto, em alternativa singular, de tôdas as condições sociais; ora, um pobre, se abalando de paragens distantes, vinha, apoiado no seu bastão nodoso, trazer a humildade do seu óbolo a Nossa Senhora da Penha; ora, arribavam personagens importantes, famílias inteiras, atraídas pelo mesmo fanal. Assim, a 29 de Agôsto de 1893, ali estêve o então Presidente de Minas Gerais, Dr. Afonso Augusto Moreira Pena, acompanhado de ilustre comitiva, na qual se distinguiam o Dr. José de Melo Carvalho Muniz Freire, Presidente do Espírito Santo, e o Senador Costa Sena.

Viera S. Ex. a Vitória, para, de acôrdo com a Lei mineira, n.º 56, de 18 de Julho do mesmo ano, promover a união econômica entre os dois Estados.

Vila Velha engalanou-se, a fim de acolher o Chefe do Executivo mineiro e respectivo séquito, transportados na lancha "Santa Cruz", até o Cais da Penha. E não faltaram poesias, músicas e flores.

Ali, estavam os habitantes da Vila, precedidos naturalmente pelo vigário Antunes de Siqueira e pelo Major Barbosa Brandão, herói da guerra do Paraguai. Foi o ínclito Presidente mineiro saudado pela graciosa senhorinha Arlinda Quitiba:—

Vieste, agrégio varão,
nossas plagas visitar?
Colhêr a alegre impressão
nos risos dêste lugar?

A natureza garbosa,
em almo dia se ostenta,
revelando pressurosa
doçuras que experimenta!...

Acharás nos corações,
ternos e doces afagos;
do povo, nobres brasões,
da sua gente pressagos!

Esta vila tão pequena
por ti hoje engrandecida
oferece vista amena
nesta hora tão subida!

Venham estreitos abraços
Confirmar nossa amizade;
pois dêsses amigos laços
depende a felicidade!

Minas e Espírito Santo,
ligados pelo progresso,
vestirão o rico manto
do mais festivo sucesso!

Soou a hora ditosa
do nosso engrandecimento!
Vitória, és bem venturosa,
com Minas, tens incremento!...

Na ausência do Administrador franciscano, sempre no Rio, à porta do Santuário, revestido dos paramentos festivos, estava o Rmo. Pe. Manuel Bermudes de Oliveira.

Após rezar, perante o trono da Virgem Imaculada, S. Exa. depositou no altor as flores que lhe ofereceram, em Vila Velha, e assistiu à Santa Missa celebrada pelo mesmo sacerdote. — Serviu de acólito o jovem Afonso Pena Júnior.

No livro de Visitas, instituído por Frei Vitorino de Santa Felicidade, encontramos êstes autógrafos:—

> "No dia 29 de Agôsto de 1893, em minha excursão à Capital do Espírito Santo, no desempenho de dar execução à Lei Mineira n.º 56, de 18 de Julho do mesmo ano, para promover a união econômica en-

tre Espírito Santo e Minas Gerais, subi à Igreja de Nossa Senhora da Penha, onde vim prestar homenagem de adoração e respeito à Rainha dos Céus, objeto de culto especial do povo espírito-santense. Foi profunda a emoção que senti ao entoar o Sacerdote o canto **Magnificat**, que minha Mãe me ensinou a rezar, desde a mais tenra infância!

Deus há de abençoar os dois povos do Espírito Santo e Minas Gerais. Convento de Nossa Senhora da Penha, 29 de Agôsto de 1893.

Afonso Augusto Moreira Penna

Afonso Penna Júnior

Salve suntuosa maravilha, erguida no píncaro destas encantadas montanhas, pela fé ardente e pelo fervor de nossos antepassados! Salve, misterioso farol, que iluminas ao mesmo tempo os olhos e os corações daqueles que, zombando da fúria dos oceanos, exclamam, ao avistar-te, Ave Maris Stella!

Penha, 29 de Agôsto de 1893

Joaquim C. Sena

Passou-se algum tempo e, a 26 de Agôsto de 1894, em Visita Pastoral às paróquias de sua diocese, o Sr. Bispo do Rio de Janeiro, Dom Francisco Rego Maia, subiu igualmenmente a encosta percorrida sempre, sucessivamente, pelos devotos de Nossa Senhora da Penha.

Vista aérea do Convento da Penha.

(Vêem-se a Casa dos Romeiros, a estrada de rodagem e as ruínas das senzalas)

XV

Aproximava-se a era da renovação espiritual do Espírito Santo, pela criação de sua própria Diocese. E, na marcha infalível do tempo, a 15 de Novembro de 1895, a Santa Se desmembrava do Bispado do Rio de Janeiro todo o território do Espírito Santo e a Freguesia de São Miguel do Veado.

Eleito Bispo do Espírito Santo, Dom João Batista Corrêe Néri chegou a Vitória, no dia 18 de Maio de 1897, para assumir a direção da Diocese, no dia 23, festa máxima do Estado, porque recorda o desembarque, em Vila Velha, do primeiro donatário Vasco Fernandes Coutinho.

No dia 26, S. Exa., acompanhado de Monsenhor Jerônimo Marti. Secretário do Bispado, e do Pe. Tomaz Aristóteles Guizan, sacerdote espírito-santense, foi à Penha. Verificando o abandono daquele relicário inestimável, porque o Administrador franciscano residia no Rio de Janeiro e sòmente aqui vinha para a festa, na segunda-feira da Pascoela, resolveu pedir à Santa Sé que transferisse para a Mitra o Convento e o Santuário. Disso tratou, quando, em 1898, foi ao Rio de Janeiro e a São Paulo, esmolar para a Diocese. Atendido, recebeu o Rescrito da Internunciatura Apostólica, datado de 18 de Dezembro do mesmo ano (1898), autorizando-o a tomar posse da Penha e do Convento de São Francisco, em Vitória. Por isso, ao regressar ao Espírito Santo, em 1899, S. Exa., munido das instruções dadas pelo Sr. Internuncio, dirigiu-se a Vila Velha, no dia 14 de Março, e em presença das testemunhas Ovídio dos Santos, substituto do Juiz Seccional, Adrião Nunes, Despachante da Alfândega, e clerigos José Blanco y Gonzales, Samuel Fragoso e Joaquim Mamede da Silva Leite, recebeu as chaves do Convento, que estavam em poder do sacristão João Ramires. Nomeou, em seguida, encarregado do Santuário o seminarista Joaquim Mamede, e mandou proceder ao arrolamento de tudo que encontrou:— móveis, paramentos, alfaias, jóias, etc.

No dia 15, transferiu para lá o Seminário Diocesano, estabelecido no Carmo. Durou apenas um ano.

O seminarista Joaquim Mamede, posteriormente bispo

de Pouso Alegre, ordenou-se, em Vitória, no dia 8 de Janeiro de 1900.

Para o cargo de primeiro capelão da Penha, Dom João Néri, no dia 18 de Março, designou Monsenhor João André Casella, o piedoso ancião que, em 1877, se transferira da América do Norte para o Brasil, conduzido pelo ideal de exercer o apostolado entre os silvícolas.

Restabelecido o serviço religioso e aberto o Santuário, diáriamente, das seis às dezoito horas, reanimou-se a vida litúrgica ali e, no dia 10 de Abril seguinte, realizou-se a grande festa da Penha, precedida de novena, e com solene Pontifical, — o primeiro celebrado naquele templo.

Daí em diante, a festa querida do povo capixaba não mais lhe faltou. Anualmente, na segunda-feira já referida, movimentam-se o clero e o povo, sobem a ladeira ou se transportam de automóvel, pela estrada de rodagem, para a comemoração tradicional.

Em princípios dêste Século e durante muitos anos, a orquestra da Penha atuava sob a regência da Sra. Lavínia Veloso. Eram cantadas, nas festas do Santuário as seguintes estrofes:—

Nossa Senhora da Penha,
poderosa intercessora,
diante do vosso Filho,
patrocinai-nos, Senhora.

Nossa Senhora da Penha,
livrai-nos de todo o mal,
assim como fostes livre
do pecado original.

Nossa Senhora da Penha,
atendei nossos clamores;
consolai todos que sofrem,
socorrei os pecadores.

Cada estrofe era bisada, no côro, pela orquestra. O povo a repetia, em tom diferente.

Uma das providências tomadas pela nova administração da Penha foi a de instalar pára-raios, que protegessem o

Santuário dos efeitos desastrosos das centelhas atmosféricas. Isso porque, na madrugada de 8 de Janeiro de 1900, uma descarga poderosa, ali, se verificou e os prejuízos foram vultosos:— paramentos queimados, rombos nas paredes, peças danificadas, etc. Encarregou-se da instalação o Sr. José de Sousa Pacheco; ofereceu gratuitamente seus préstimos. Em Agôsto seguinte, já se achavam instalados três aparelhos, conforme o exigiu a posição do monumento.

Dom João Néri deixou a Diocese do Espírito Santo, em principios de 1901, e foi substituído pelo primeiro bispo espírito-santense, Dom Fernando de Sousa Monteiro, que dedicou sua Pastoral de saudação aos seus diocesanos à "Devoção ao Divino Espírito Santo e a Nossa Senhora da Penha".

Chegou S. Exa. a Vitória, no dia 3 de Março de 1902, e, no dia 9, tomou posse da Diocese. Voltou-se logo para o Santuário querido e incentivou romarias, de modo a despertar, nos seus filhos espirituais, fervorosa confiança na Virgem Imaculada. Por isso, além dêsse movimento piedoso, em Vitória, a 11 de Maio de 1903, vieram de Santa Leopoldina, Santa Isabel, Viana e Araçatiba, romeiros que se reuniram em Vila Velha. Os de Santa Leopoldina partiram da Barra de Mangaraí, em duas lanchas, às seis horas, e chegaram às dezessete, em Vila Velha. Eram em número de cem. No dia seguinte, Dom Fernando celebrou o santo sacrifício da Missa e distribuiu a Sagrada Comunhão a todos, assistidos pelos vigários das respetivas paróquias.

Cantaram os romeiros:—

A Nossa Senhora da Penha

Conduze da procela
os teus, bondosa Mãe,
à secular capela
para onde o bote vai.
Estrêla Tu és, nas trevas,
ao pôrto todos levas,
Maria, Maria,
oh! vem nos ajudar!

Sim, vê-nos em perigo,
boa Mãe de todos nós!
Concede-nos abrigo
que suplicamos nós!

Bendize nossas penas,
trabalhos e novenas!
Maria, Maria,
oh! vem nos ajudar!

Dá-nos, oh! Mãe querida,
um belo proceder;
saindo desta vida,
a graça de Te ver!
Aqui, sê nossa guia,
no Céu, nossa alegria!
Maria, Maria,
oh! vem nos ajudar!

Mas, aquelas esculturas finíssimas, em vez de conservadas em sua pureza xilóide, estavam caiadas grosseiramente, e os altares revestidos de uma camada de gêsso o que abalou tristemente o fino senso artístico de Dom Fernando. Resolveu, então, S. Ex. contratar o artista francês Augusto Roner para raspar, envernizar e dourar tudo, conforme o estilo da obra. Mestre Augusto trabalhou ativamente, na Penha, na Catedral e noutros imóveis do Bispado, durante quatro anos.

Em 1908, considerando as dificuldades da Igreja, para conservar aquêle monumento histórico, pois o alpendre ameaçava ruir, os deputados estaduais votaram a Lei n.º 30 pela qual o Estado concorreria com 20:000$000, de auxílio às obras ali necessárias. Surgiu, porém, uma voz contrária, baseada na fé republicana e convicções positivistas. O deputado Antônio Ataíde combateu calorosamente o Projeto. A Lei foi vetada pelo então Presidente do Estado, Dr. Jerônimo de Sousa Monteiro, sob fundamento de que a Igreja estava separada do Estado.

Apesar, porém, de tôdas as dificuldades, numa diocese paupérrima, Dom Fernando prosseguiu no seu objetivo. Por isso, em 1909, contratado pelo segundo capelão da Penha, Cônego João Maria Cochard, substituto de Monsenhor Casella, falecido a 21 de Julho de 1908, — o marcineiro Pinin foi consertar o piso, e algumas peças do Convento e do Santuário. O alpendre sofreu os necessários reparos.

Em 1910, o Comendador Cícero Bastos, fervoroso devoto de Nossa Senhora da Penha, ofereceu o mármore para completar o altar mor. Claudicam alguns articulistas capixabas, quando afirmam que o altar antigo, artístico, foi su-

bstituído pelo atual. Assistimos aos entendimentos relativos ao trabalho. O Comendador completou o mármore. Existiam peças dêsse material, revestidas de gêsso, como, por exemplo, as colunas laterais. Veio de São Paulo o Sr. Rigon Umberto, hábil marmorista, que estudou o estilo da obra e completou-a, conforme o Comendador Cícero Bastos anunciara ao Sr. Bispo, em carta de 24 de Abril daquele ano, desejoso de que a bênção do altar reformado se realizasse a 8 de Setembro, Natividade de Nossa Senhora. (26)

Verificou-se, então, que a imagem de Nossa Senhora da Penha não tinha cabeleira. Um lenço de linho, muito velho e fino, envolvia-lhe a cabeça. Minha Mãe, que se encarregava de preparar a imagem para as festas, não vascilou; tomou de uma tesoura bem afiada e zás!... Lá se foram minhas duas tranças!... Chegavam-me quase à bainha do vestido, terminadas com lacinhos de fita. Perante minha tristeza de perder as tranças queridas, uma babá consolou-me: "Não chore, minha **fia**. Nossa Senhora da Penha lhe dará boa cabeça". E, assim, enviadas para o Rio, minhas tranças foram transformadas em cachos negros da cabeleira de Nossa Senhora.

Tratou o capelão da Penha de instalar a luz elétrica, no Convento e na ladeira, empreendimento confiado ao Eng. Joaquim Carrão. Êsse trabalho, logo executado, concluiu-se a 7 de Setembro.

Em consequência do movimento progressivo, em tôrno da Penha, surgiu, naturalmente, a idéia de uma estrada de rodagem, que ladeasse a encosta; mas Dom Fernando discordou — "Ali não é lugar de passeio. Quem vai à Penha deve ter Fé bastante para o sacrifício da escalada". De certo, ninguém cortaria uma árvore daquela mata belíssima, rica em orquídeas e lianas perfumosas, cuja conservação merecia os melhores cuidados do Sr. Bispo. Sim, aquelas árvores eram sagradas; testemunharam o desfilar constante da piedade e do sacrifício, arrostados, ladeira acima, pelos devotos da Virgem, na ânsia de confôrto espiritual, de uma prece fervorosa perante o trono da Augusta Senhora. E as visitas às celas e outras dependências do Convento instruiam os peregrinos sôbre a vida e o espírito cristão daqueles que nos deram, com o Santuário e o Convento da Penha, um relicário de Arte, um monumento da Fé, um escrínio da História, no Espírito Santo. Desde o mobiliário rústico, utiliza-

do, ainda pelos sucessores de Pedro Palácios, até a cozinha primitiva, tudo conduzia os peregrinos à recordação do passado.

Com tôda a magnificência da Liturgia, a 8 de Setembro de 1910, benzeu-se o altar. Notava-se primorosa ornamentação, no Santuário. Combinava-se a iluminação elétrica profusa como entusiasmo do povo e a superioridade da orquestra regida pela Sra. Lavínia Veloso.

Para o sermão dêsse dia, veio de São Paulo o nomeado orador sacro, Cônego João Batista de Carvalho, vigário de Tatuí.

XVI

— Nossa Senhora da Penha é a Padroeira do Espírito Santo.

— Por que?

Já escrevemos, em capítulo anterior que a Bula de Urbano VIII, de 23 de março de 1630, proclamava a Virgem Maria, sob o título da Penha, — a protetora da terra espírito santense. Por isso, a 26 de Janeiro de 1908, em tôdas as paróquias da Diocese, realizou-se um plebiscito, a fim de auscultar-se a vontade do povo, em relação ao documento pontifício. Mas, o resultado foi de verdadeira eleição, confirmando-se espontâneamente a confiança dos capixabas na intercessão de Nossa Senhora da Penha, sôbre os destinos da sua Diocese. Enviado para Roma, o resultado, com expressiva mensagem de Dom Fernando Monteiro, recebeu, a 27 de Novembro de 1912, o seguinte despacho.

N.º 117 s, c,
1912

DO ESPÍRITO SANTO NO BRASIL

Desde os tempos mais remotos os fiéis cristãos da Diocese do Espírito Santo acompanham com grande carinho o exercício da devoção à Santíssima Virgem Mãe de Deus, sob o título popular — da Penha, cuja imagem pintada num quadro de madeira, foi primeiramente exposta à veneração pública, no ano de 1558, e, em seguida, colocada no templo sôbre um alto monte (situado à entrada do pôrto de Vitória) generosamente construído e dedicado à Imaculada Mãe de Deus, sob o título da Penha da Cidade da Vitória, que é a sede episcopal da célebre Diocese. Por motivo dessa insigne piedade, como a Diocese do Espírito Santo ainda não gozasse de um celeste Patrono, o clero e o povo reiem-

bram o decreto de Urbano VIII, de 23 de Março de 1630, escolhendo a Santíssima Virgem Maria, sob o título da Penha, como sua principal Protetora junto a Deus e apelam com suplicantes votos, para que o Rmo. Sr. Dom Fernando de Souza Monteiro, Bispo do Espírito Santo, consiga essa confirmação apostólica do Santíssimo Padre Pio X. Por conseguinte essa súplica, sendo dêste modo exposta ao abaixo assinado — Cardial Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, por sua suprema autoridade constituiu e declarou a Santíssima Virgem Maria. sob o título popular — da Penha, principal Padroeira de tôda a diocese do Espírito Santo, no Brasil: com todos os privilégios e honras, atribuídas à mesma Padroeira, que competem, por direito, aos principais patronos; assinado na festa da mesma Santíssima Virgem Maria da Penha, segunda-feira da oitava da Páscoa; conforme entrou em voga o memorável costume de celebrar a mesma festa, no mesmo lugar.

A não ser que se mande o contrário.

Dia 27 de Novembro de 1912

Card. Martinelli, Prefeito

as) **Pedro Lafontaine**

Correram assim os anos, durante os quais, além da bênção festiva do altar, outras solenidades, principalmente as tradicionais da segunda-feira, acima referida, atraiam os devotos de Nossa Senhora ao convento lendário. Nenhuma personagem importante chegava à capital do Espírito Santo e omitia uma visita à Penha. Assim, ali estiveram a 16 de Maio de 1911, a escritora Júlia Lopes de Almeida e seu filho Afonso de Almeida, acompanhados de senhoras e cavalheiros da sociedade vitoriense.

Surgiu, porém, uma nota dissonante, uma passagem de apreensões na vida secular do Santuário querido. Em Setembro de 1911, Dom Fernando teve notícia de que, por ordem do então Ministro da Justiça, fôra requerido, no Rio de Janeiro, o sequestro dos bens (convento e igreja) dos franciscanos. Constituiu logo o Dr. Thiers Veloso, advogado, pa-

ra impedir que tal medida fôsse executada, no Espírito Santo. Requerido o interdito, no Juízo Federal, foi deferido. E assim, por essa providência, oportunamente executada, deixou de ser cumprida a Precatória vinda do Rio de Janeiro, datada de 4 de Setembro, para o sequestro.

Realizou-se a audiência do Juiz Federal, a 21 de Setembro de 1911, em Vitória.

No mesmo ano, Dom Fernando instituiu a Associação de Nossa Senhora da Penha, para o Seminário Diocesano, entao planejado. Os associados concorriam com 100 réis mensais (um tostão, como se dizia). E com os tostõezinhos de Nossa Senhora da Penha, reunidos às economias particulares de S. Exa. e algumas dádivas espontâneas de benfeitores da Diocese, em 1914, a reserva para o Seminário orçava em 35:000$000. A morte de Dom Fernando, em 1916, impediu a realização dessa obra.

Em 1913, Dom Fernando mandou fazer "Lembranças da Penha" — terços, medalhas, cruzes com fotografia do altar e do Convento, binóculos minúsculos e estampas, etc.. Introduziu o emprêgo das placas de mármore, para registro das graças alcançadas, e aprovou o "Ato de Consagração", impreso nas estampas de Nossa Senhora da Penha:—

> Ó Senhora minha, ó minha Mãe! Eu me ofereço todo a Vós; e, em prova de minha devoção para convosco, Vos consagro, neste dia, os meus olhos, os meus ouvidos, a minha bôca, o meu coração e todo o meu ser; e, porque assim sou vosso, ó incomparável Mãe, guardai-me e defendei-me como uma cousa e uma propriedade vossa. Amém".
>
> (100 dias de indul.)
>
> Vitória, 15-8-1913.
>
> Fernando, Bispo do Espírito Santo, c.m.

Tendo o Cônego João Maria Cochard viajado à Europa, a fim de realizar a visita canônica ao Santo Padre, em nome do Sr. Bispo, a capelania da Penha foi confiada ao Pe. Luís Cláudio de Freitas Rosa. Passou depois ao vigário da Capital que destacava sempre um sacerdote, seu auxiliar, para atender ao serviço religioso, no Santuário. Assim, o Pe. Elias Tomasi muito concorreu para a conservação do templo e.

cumprindo as determinações do Sr. Bispo, manteve ali o marcineiro Pinin, sempre trabalhando, até que, no dia 15 de Janeiro de 1916, foi nomeado para o cargo de capelão efetivo o Pe. José Ludwin.

Dom Fernando faleceu, a 23 de Março de 1916.

Após dois anos administrada pelo Superior dos Lazaristas, Pe. Francisco Pimenta, a diocese recebeu o terceiro bispo, Dom Benedito Paulo Alves Sousa, em Maio de 1918. S. Ex. mandou adaptar o Convento para retiro do clero, substituindo o mobiliário antigo pelo moderno, mais confortável. Foram igualmente, reformados e mobiliados de modo condigno o refeitório e os cômodos reservados ao Sr. Bispo.

Auxiliado pelo Sr. Antônio Ribeiro, fervoroso devoto de Nossa Senhora da Penha, que se prontificou a fazer a caiação externa do Santuário, e tendo recebido contribuições espontâneas diversas, o capelão Pe. Ludwin empreendeu o consêrto geral do edifício, inclusive a pintura interna.

A 21 de Abril de 1919, Dom Benedito aprovou os estatutos da Associação de Nossa Senhora da Penha, para a obra das Vocações Eclesiásticas, em projeto. Simultâneamente, concedeu ao templo o título de "Episcopal Santuário de Nossa Senhora da Penha".

Continuando no cargo de capelão da Penha, o Pe. Ludwin, em 1920, reconstruiu a Casa dos Romeiros (antigamente, dos banquetes e do jôgo). Venceu a lenda segundo a qual morreria o sacerdote que tentasse reerguê-la, e cairiam vítimas de desastres os operários empregados na obra.

Inaugurou-se a Casa dos Romeiros, a 14 de Abril do mesmo ano. Atualmente, no segundo pavimento dessa casa, encontra-se o "Museu dos Milagres", sala onde se veem os ex-votos que atestam graças alcançadas pelos fiéis, mediante a intercessão da Virgem Maria.

Devemos, por isso, fazer, aqui, uma referência às "Promessas" e outras fórmulas de súplicas a Nossa Senhora da Penha. Ansiosos de alcançar um favor do Céu, pela intercessão de sua querida Protetora, os devotos se comprometem de agradecer-lhe de um modo especial:— oferecendo esmolas ao Santuário, mandando celebrar missas, varrendo a ladeira, subindo a ladeira, com uma vela acesa (Que luta com o vento!), ou rezando o têrço, etc. Há muitas outras promessas: bordar toalhas para o altar, acender velas no Santuário, subir de joelhos parte da ladeira, oferecer peças de cera (braços, pernas, cabeça, coração, etc.), ou tranças amarradinhas com laços de fitas, porque "se fêz promessa" de não cortar o ca-

belo, até determinada idade geralmente quinze anos.

Quanta gente sobe descalça tôda a ladeira?

Antigamente, havia até o heroísmo de pessoas que subiam, de joelho, os sete lanços da ladeira.

A poesia popular não falha:

"De rastos subi a Penha
E à Virgem Santa pedi
me curasse esta maldita
cegueira de amor por ti.

Uma variante:

Subi o monte da Penha
e de rastos lhe pedi
Me curasse esta maldita
cegueira de amor por ti:

Sòmente quem vai sempre à Penha pode presenciar o poder da Fé expresso no semblante e atestado no sacrifício dos romeiros.

Algumas pessoas "escrevem a Nossa Senhora da Penha", formulando seus pedidos.

A construção de uma casa para residência do capelão, no "Morrinho", ao pé do Monte, provocou uma questão levantada pelo Prefeito de Vila Velha, Dr. Antônio Francisco Ataíde, a 16 de Setembro de 1920. Debatido o caso, na imprensa, venceu finalmente a causa da Igreja, em 1922.

Para render homenagem aos Chefes espirituais do Estado, o mesmo capelão inaugurou solenemente, a 5 de Abril de 1921, os retratos de Dom João Batista Corrêa Neri, Dom Fernando de Sousa Monteiro e Dom Benedito Alves de Sousa, no salão contíguo ao Santuário.

No ano seguinte, Dom Henrique Gasparri, Núncio Apostólico, visitou a Penha. S. Ex. estêve no Espírito Santo, em excursão, pelas colônias italianas.

Fundado o Orfanato Cristo Rei, sob a direção do Pe. Leandro del Uomo, publicou-se, em Vitória, em 1925, "O Santuário da Penha", jornal católico, impresso nas oficinas do mesmo educandário e destinado à divulgação da história e dos milagres de Nossa Senhora da Penha.

Mas, um fato doloroso abalou o povo capixaba, em 1925. "Roubaram as jóias de Nossa Senhora da Penha!" — foi a exclamação pungente de todos, logo ao circular a notícia de que, no dia 4 de Outubro, mãos criminosas tiraram a preciosa coroa de ouro e pedras raras, oferta do Condestável Torquatro de Araújo Malta, em troca da que veio da Europa, com a imagem, e era de prata. Além da coroa, jóias valiosas e o manto da Virgem foram sacrilegalmente retirados. Anéis da platina, brilhantes e ouro!... Broches raríssimos, estilo antigo... E, na fúria de arrancarem anéis, pulseiras e cordões de ouro, os assaltantes quebraram o braço da imagem!

Pela manhã, quando chegou ao templo, a fim de preparar o altar para a missa, o sacristão quedou-se horrorizado, como se fôra prêsa de perturbação mental — o Santuário estava arrombado! A imagem despida do manto e das jóias inestimáveis, com o braço quebrado, parecia irradir profunda tristeza! Desvairado, o homem correu a espalhar a dolorosa nova. Logo, formou-se uma romaria, que se prosternou contrita, perante a imagem querida.

Por iniciativa da Sra. Maria Vieira, reuniu-se, na Cidade do Cachoeiro de Itapemirim, uma comissão de pessoas piedosas que, em nome do povo sulino, ofereceu à Nossa Senhora outra coroa de ouro maciço, em 1925.

Passados alguns anos, porém, outro assalto criminoso verificou-se, naquele santuário embalsamado pela ternura da assistência maternal da Augusta Senhora da Penha. A 2 de Abril de 1947, novamente, foi a coroa roubada, por indivíduos inescrupulosos, dentre os quais um ex-zelador do Santuário. Badalaram os sinos!... Afirmaram algumas pessoas da Vila Velha que, alta noite, ouviram o sinal suave do campanário da Penha. Era, — diz o povo, um aviso de Nossa Senhora. Entretanto, o guardião, residente no Convento, nada percebera.

Desta vez, os criminosos foram presos e a coroa encontrada, já em pedaços, além de os cordões de ouro e outras jóias. Posteriormente, pela iniciativa do dr. Antônio de Oliveira Pantoja e do sr. João V. Simões, reconstitui-se a coroa.

Finalmente, nas comemorações do Quarto Centenário de Vitória, em 1951, as senhoras capixabas promoveram uma subscrição popular para a solene coroação de Nossa Senhora da Penha. Valiosas coroas de ouro e pedras preciosas foram adquiridas para Nossa Senhora da Penha e o Menino Jesus, conforme veremos adiante.

O altar de Nossa Senhora da Penha.

XVII

Fatos importantes, na vida histórica do Convento da Penha, foram, de certo, as visitas dos Presidentes da República, Drs. Artur da Silva Bernardes, Getúlio Vargas e General Eurico Gaspar Dutra.

A 27 de Junho de 1926, o transatlântico "Pará" ancorou na Cidade do Espírito Santo (Vila Velha), conduzindo o presidente Artur Bernardes e grande comitiva, em romaria ao Convento da Penha, onde assistiram à Santa Missa. Regressaram logo todos ao Rio de Janeiro.

Passaram-se alguns anos e, a 23 de Agôsto de 1933, o Dr. Getúlio Vargas veio render sua homenagem à excelsa Padroeira do Espírito Santo.

Finalmente, a 10 de Setembro de 1949, o General Eurico Gaspar Dutra ajoelha-se, perante o trono de Nossa Senhora da Penha. Acompanharam-no pessoas destacadas do Govêrno, dentre as quais os Ministros Clemente Mariani e Clovis Pestana.

Seria demasiado extensa a relação de tôdas as visitas de jornalistas, historiadores, diplomatas, etc. que têm palmilhado a encosta sombreada pela floresta primitiva, onde se ocultara o primeiro anacoreta do Brasil. No Oitavo Congresso Brasileiro de Geografia, por exemplo, realizado em Vitória, em Novembro de 1926, seus membros, acompanhados pelos Srs. Bispos Dom Benedito Alves de Souza e Dom Emanuel Gomes de Oliveira, foram, no dia 28, visitar o Convento da Penha, completando assim os objetivos do importante certâmen.

Fonte inspiradora dos artistas, sejam pintores, musicistas ou poetas, destaca-se o Outeiro da Penha como símbolo máximo da Terra Capixaba. Figura, por isso, justamente, no sêlo e nas Armas do Espírito Santo e no Ex-Libris do seu Instituto Histórico e Geográfico.

Levino Fânzeres exaltava-o, nos prodígios de sua palheta; Álvaro Conde retrata-o, nas finuras do seu pincel; Be-

nedito Calixto perpetuou suas lendas e seus milagres, em quatro valiosas telas inauguradas em 1927; Vitor Meireles deixou, nos retábulos do Santuário, os registros das passagens iniciais do monumento.

Avultava, no Espírito Santo, o número de veículos, em consequência do desenvolvimento da rêde rodoviária e dos serviços urbanos, em Vitória. Assinalava-se o govêrno do Dr. Florentino Avidos como renovador da Cidade:— abriam-se novas ruas, alargavam-se outras, surgiam bairros encantadores, construiam-se edifícios públicos e grupos residenciais. Ligada a Ilha ao Continente, através da ponte que, de Vitória alcança a Ilha do Príncipe e, daí, São Torquato, facilitando a viagem rápida a Vila Velha, pela estrada de rodagem, o Govêrno julgou oportuno a construção de um complemento de acesso ao Santuário da Penha. A 28 de Junho de 1928, ao término do período presidencial, o Dr. Florentino Avidos inaugurou êsse trecho que, ladeando a encosta, vai da Rua Pedro Palácios ao Campinho, na base do rochedo.

Desde então, surgiu a moda de ir à Penha, de automóvel. Sendo essa estrada mais suave, para os pedestres, a ladeira ficou, mais ou menos abandonada. Procuram-na entretanto os romeiros penitentes, que, na maioria, sobem-na, descalços.

A 2 de Fevereiro de 1942, os sacerdotes franciscanos, por determinação de Santa Sé, reassumiram a direção do Santuário da Penha e restabeleceram a vida claustral no Convento, sendo o primeiro guardião Frei Luis Wamb. Intensificou-se a assistência espiritual aos romeiros, em consequência do número de sacerdotes.

Auferiram depois o Govêrno e o Santuário os benefícios que o Govêrno Federal dispensa aos monumentos antigos e históricos, mediante o Serviço do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional. Em Junho de 1945, o Sr. André Carloni iniciou a restauração do Convento, nos seguintes pontos:— madeiramento e cobertura do telhado; cozinha, inclusive a tôrre da chaminé; vários detalhes arquitetônicos internos e externos do Convento e do Santuário; o portão localizado à beira-mar muros laterais da ladeira, pintura geral. Êsse trabalho, concluído em Julho de 1946, custou, ao referido Serviço, a importância de Cr$ 129 924,10.

Preparava-se a Diocese para comemorar suas bodas de ouro, em 1945. Celebravam-se, em tôdas as paróquias, tríduos e novenas de ação de graças pela assistência divina derramada sôbre o Espírito Santo, no tempo decorrido. Imponente Semana Eucarística assinalou o ano de 1944. Mas, de certo, voltar-se-ia para a extremecida Padroeira da diocese o apogeu dos fervorosos louvores, que deviam assinalar a data festiva. Por isso, na maior artéria da Cidade, armou-se o belíssimo altar-monumento, representando o rochedo incomparável, encimado pelo disco alvo da Eucaristia. Ali, naquele cenário, perante o qual se ajoelhava uma assistência jamais registrada, em Vitória, — peregrinos de todo o Brasil, arcebispos, bispos, sacerdotes, vindos de todos os Estados, associações religiosas etc., cumpriu-se o elevado programa do Congresso Eucarístico Nacional de 1945.

Transportado festivamente de Vila Velha, o quadro da Virgem, relíquia dileta de Pedro Palácios, foi colocado, em triunfo, no altar, a fim de presidir aos atos do Congresso. E o povo exultou, na recepção gloriosa do painel histórico e lendário. Sua alma crente e forte vibrou nas emoções mais profundas e ternas, porque, na simplicidade daquele retábulo sempre admirado e querido, surgia a evocação da sua história pontilhada de lutas e vitórias, com a sinceridade e o brio de evoluir, no conjunto da vida nacional, desde a Capitania até a Província e o Estado, envolto sempre na proteção da Virgem SS. da Penha, — o seu refúgio, no pungir das horas amargas, e o seu fulgor imperecível, na felicidade dos momentos gloriosos.

Música! Fogos! Vivas! Hinos sublimes!...

Uníssonas, milhares de vozes exclamaram:— Viva Nossa Senhora da Penha!

XVIII

Aproximavam-se as comemorações de outra efeméride extraordinária da terra espírito-santense, — o Quarto Centenário da fundação desta Cidade, primitivamente, Vila Nova, depois Vila da Vitória e, finalmente, Cidade da Vitória.

Projetou-se um programa festivo de trinta dias, estendido portanto a todo o mês de Setembro de 1951, embora dados históricos indicassem o dia 2 de Abril, como o certo, da passagem de real importância, na evolução social e histórica do lugar. Justificava-se, porém, o fato pela supremacia da tradição, ligada à vitória dos colonizadores sôbre os silvícolas e consequente consolidação da vida administrativa, na Ilha de Duarte de Lemos.

Voltou-se, muito justamente, o pensamento das autoridades civis e religiosas para Nossa Senhora da Penha, — a Padroeira do Espírito Santo, e uma viagem triunfal da estátua que, desde 1570, representa a jóia mais preciosa do nosso relicário histórico, foi incluída, em destaque, no programa comemorativo.

Assim, pela terceira vêz, Nossa Senhora da Penha veio à Cidade da Vitória, conduzida pela Fé e pelo Amor do povo capixaba. Dia inesquecível! À tarde, enquanto espocavam os fogos, repicavam os sinos e vibravam, no ar, as exclamações jubilosas do povo, surgia, ao longe do Penedo, o barco embandeirado, festivo, capitânea da procissão marítima, portadora da imagem. Delírio da multidão apinhada em todos os cais, praças, ruas marginais e outros pontos acessíveis à visão do grandioso espetáculo de Amor e Confiança!...

Viva Nossa Senhora da Penha!...

E o barco avança lentamente e belo!...

Lanchas rápidas singram a baía, em todos os sentidos.

Evoluções graciosas! Bandas de música rompem marchas, que eletrizam o entusiasmo da multidão! Vozes se elevam! Hinos a Nossa Senhora da Penha!

Ela vem. E o povo comprime-se para recebê-la, no cais fronteiro à Praça 8 de Setmbro.

Brotam ali e aqui, lágrimas de júbilo, de gratidão, de todos as vibrações, nos recônditos do coração humano!

Forma-se a procissão até a catedral. Procissão comovente e bela, nunca presenciada, em Vitória, acompanha o carro-monumento.

Durante uma novena de preces, Nosa Senhora da Penha recebeu no primeiro templo do Estado, a visita contínua do seu povo estremecido. Velhos, moços, pobres, ricos, doentes e crianças, em desfile ininterrupto, foram prestar-lhe suas homenagens. Quanta gente, impossibilitada de subir a montanha, em Vila Velha, hauriu o confôrto inefável de **ver Nossa Senhora da Penha**.

No dia 8, realizou-se a coroação da imagem, na Praça da Catedral. Houve, em seguida, a procissão pela Cidade.

Finalmente, o regresso de Nossa Senhora ao seu templo tradicional, no rochedo, assinalou o apogêu das comemorações relativas ao Quarto Centenário de Vitória. Um adeus comovido do povo acompanhou o carro até a ponte, até a estrada, até longe, muito longe!...

Cessaram, então, os Vivas!... porque a saudade, na despedida, repontava e diluia-se, nas lágrimas que brotavam em milhares de órbitas. "Que pena! Ela vai-se embora"!... era a exclamação geral.

Sim. Nossa Senhora da Penha regressou ao seu templo sagrado; mas, o sentimento puro e sincero do seu povo guardará imperecível a recordação daqueles dias venturosos da sua visita; e as gerações futuras hão de ler sempre, com enlêvo, êste sonêto inspirado naquele dia de deslumbramento e de Fé: —

A VISITA DE NOSSA SENHORA DA PENHA A VITÓRIA

Augusto Lins

Quando chegastes, os que em Vós confiam
À Virgem Milagrosa ovacionavam,
Foguetes, entre nuvens, espocavam,
Lábios e olhares, sem querer, sorriam...

Festas de igual fulgor jamais haviam
Constado, entre as que as crônicas narravam,
Os habitantes da Ilha vos saudavam,
Muitos, em Vós, a Hóspede Insigne viam.

Então, horas de dor já nos rondavam
E um oceano de prantos escondiam.
Quando voltastes, novamente atroavam

Foguetes no ar e bombas estrugiam,
Mas, só preces, que os lábios balbuciavam,
E adeuses, entre as lágrimas, se ouviam...

1) — Elpídio Pimentel — Diário da Manhã. 28-4-1919.
2) — Alberto Pimentel — História do Culto de Nossa Senhora em Portugal.
3) — Pe. Colunga. Ntra. Sra. de la Peña de Francia
4) — Idem. Idem.
5) — Alberto Pimentel. Hist. de Nossa Senhoa em Portugal.
6) — Idem. Idem.
7) — Norbertino Bahiense — O Convento da Penha.
8) — Gomes Neto — Artigo na imprensa capixaba.
9) — Fernão Cardim — Tratados da Terra e Gente do Brasil.
10) — Gomes Neto — As Maravilhas da Penha.
— César Marques — Dicionário Histórico, Geográfico e Estatístico da Província do Espírito Santo.
11) — Sermão proferido, em Vitória, nas festas do IV Centenário, 1951.
12) — Biografia de Frei Pedro Palácios. Por XXX
13) — Fernão Cardim — Tratados...
14) — Idem. Idem.
15) — Frei Basílio Rower. Páginas de História Franciscana no Brasil.
16) — Basílio Daemon — A Província do Espírito Santo.
— Gomes Neto. As Maravilhas da Penha.
17) — Idem. Idem.
18) — Biografia de Frei Pedro Palácios. XXX
19) — Simão de Vasconcelos. Vida do Venerável Pe. José de Anchieta.
20) — Frei Basílio — Páginas...
21) — Gomes Neto — As Maravilhas de Penha.
22) — Frei Basílio — Páginas...
23) — Idem. Idem.
24) — N. Bahiense — o Convento da Penha.
25) — Idem. Idem.
26) — Documento do arquivo de Dom Fernando de Sousa Monteiro
27) — Frei Agostinho de Santa Maria. — Santuário Mariano.
28) — Dom Fernando de Sousa Monteiro. — Carta Pastoral. (1902)
29) — Larousse — Grand dictionnaire.

SEGUNDA PARTE

POESIAS

O Santuário da Penha. Ao lado, a Casa dos Romeiros.

A PENHA

No píncaro do monte, o templo se alevanta
conservando no seio a Imagem sacrossanta
da Imaculada Mãe dos náufragos aflitos
dêsses a quem o Céu jamais foi surdo aos gritos,
quando em horas de dor, de angústia ou de perigo,
nos braços maternais da Cruz acham abrigo.

É belo, e é solene o prisco monumento,
exposto dia e noite aos gorgolões do vento
na solidão do monte, ao frio das alturas,
perto do Criador... longe das criaturas!

A um lado, o mar, bufando, em convulsões tamanhas,
que chega a borrifar d'espumas as montanhas...
Outras vêzes, opiado em sonolência mansa,
fazendo recordar as lendas que, em criança,
a gente ouve no lar; de um príncipe que dorme,
aos beijos de uma fada... ou um gigante enorme,
forte como Sansão, grande como Golias,
perdendo lentamente a ação, as energias,
do veneno subtil dos sensuais abraços
das Dalilas do mal! Onfales, que nuns laços
astuciosos, fatais, enredam os amantes:
chegando a escravizar os Hércules possantes!...

. . . . . .

Aí flutua, à flor das ondas agitadas,
verdejante porção de ilhotas arejadas,
onde floresce o galho, e amadurece o fruto
entre a vegetação do solo nunca enxuto.
Doutra banda enroscado em curvas caprichosas,
o Rio da Costa deixa as águas buliçosas,
lamber lascivamente a margem verdejante
da planície que vai à povoação distante.
da Barra do Jucu;
aí, a horas mortas,

quando os ventos do Sul batem às amplas portas
daquelas solidões um murmurio instantâneo
cavernoso abafado, extenso subterrâneo,
soa sinistramente, em pleno Mar das Éguas,
ecoando confuso além de quatro léguas...

. . . . . .

Que riquezas, ó povo, escondem essas terras,
desde a planície verde até as negras serras!
E dormes indolente, em meio disso tudo,
como aos sons de uma orquestra um triste surdo-mudo!...
Ou o índio que adora o astro que dislumbra,
sem a idéia do Ser que o segue na penumbra...
Faltam-te bracos? Não! Quereis um grande exemplo,
um estímulo eterno?

Entra naquele templo,

Na solene nudez daquele edifício em ruinas,
ainda ecoa o som das músicas divinas...
das orquestras do Céu!... Como que a Providência
deu aquêle silêncio a mística eloquência
da linguagem subtil das coisas silenciosas...

— Conversam, entre si, pelo perfume, as rosas!
Os ecos pelos sons... Os sois pelos lampejos...
Os prismas pela côr, as rolas pelos beijos,
a almas pelo olhar... Em fim, o som, a côr,
o perfume, o lampejo... é todo um verbo — Amar!
Foi êsse sentimento — eterno e imutável
quem levantou tão alto a crença inabalável
de um obscuro asceta!

O Amor! — o amor Divino!...

Vasado no crisol de um rígido destino;
amor, que tem no olhar azul do firmamento,
enquanto sangra os pés momento por momento
nas sarsas do caminho aspérrimo, tortuoso,
de lágrimas molhado, um córrego lodoso.

Por êle os crentes vão, seguindo a lentos passos,
pedir amparo à Cruz que a todos abre os braços!

Oh! crença de meus pais! Oh táboa salvadora
dos náufragos da vida! Oh! luz núncio da aurora,
que há de raiar depois da noite da mortalha...
Espalha sôbre mim os teus clarões! Espalha
sôbre a minha cabeça a convicção que é,
para as chagas morais — o bálsamo da fé!

Múcio Teixeira.

O QUADRO

Poético... Ideal... Estrêlas pontilhavam
o pálio azul safira desta terra. A brisa
ao impelir, de manso, a barca que deslisa,
cicia brandamente. A tiritar pescavam

praieiros, na restinga ou no alto mar. Cuidavam
tenazes, enfrentar a vida rude. Frisa
a face da baía, quase sempre lisa,
veloz gaivota ou garça. As aves pipilavam

alegreemnte. A fim de esquadrinhar a praia
risonha, — onde a gemer o vagalhão desmaia
saiu da furna o frei, ao despontar da aurora.

Depois galgou o monte a pesquisar... e, atento,
de assombro cheio, — olhando o pico, no momento...
entre as palmeiras viu — O Quadro da Senhora!...

Orminda Escobar Gomes

O CONVENTO DA PENHA

Alcandorado e belo, exposto ao raio e ao vento,
sentinela da barra, em perfil singular,
destaca-se, no espaço, o lendário Convento,
o trono de Maria entre a planície e o mar.

Peregrino, contempla o augusto monumento
da terra capixaba. Alí, vive a rezar,
em hosanas de glória, ou rudez do tormento,
o coração de um povo! Oh! sim, vem meditar —

O sonho de Frei Pedro, — o monge do painel,
perdido na montanha, à sombra das palmeiras,
inspira um florilégio, em poemas e prosa.

O artista o registrou, num primor de pincel,
e a Fé, tão superior aos cumes e às trincheiras,
conduz as multidões à Virgem Poderosa!...

Maria Stella de Novaes

1953

PEDRO PALÁCIOS

Ave, condor da fé, que aos píncaros supremos
Elevastes, a arder na religiosa unção,
A igreja espiritual que aos homens diz — amemos!
E o símbolo maior de nossa Religião!

Turíbulo de amor todo ideal aí temos,
Circundado da luz de santa emanação,
Marco eterno apontando a todos os extremos
Os caminhos da paz, do amor, da redenção...

Suprema encarnação de um gênio de bondade,
Que a tantos corações dando luz e piedade,
Como a um povo de Deus o seu povo conduz..

Frei Pedro, o bom, o santo, o taumaturgo ousado,
Foi de fato entre nós o mais iluminado,
Porque o servo mais pobre e humilde de Jesus!

Cachoeiro, 21 de janeiro 1953

Solimar de Oliveira

O CONVENTO DA PENHA

Templo de Fé que o braço humano ergueu
Sôbre a escarpada rocha de granito!
Tens acima de ti todo o Infinito
E, a teus pés. rola o mar, — escravo teu.

Pedro Palácios quando pretendeu
Que tu fôsses, no alto, o lar bendito
Da Senhora da Penha, olhou, contrito,
A imponência do Céu e prometeu

Afagar-te o frescor do vento uivante,
Adornar-te a floresta verdejante
E embalar-te a sonata vesperal

Da passarada que, transpondo a brenha,
Em doce reverência à Mãe da Penha,
Entoa a litania nemoral.

Carlos Dias Miranda Cunha

O CONVENTO DA PENHA

Elevo o olhar... Além, no cimo majestoso,
Ninho de paz e fé, entre íngremes ladeiras,
Branca, impávida, eterna, ao meu olhar ditoso,
Ereta se desenha a Ermida das Palmeiras...

Depois, Pedro Palácios cisma entre as ligeiras
Nuvens voando ao sol de um céu cristão glorioso...
— Ó céus! Ó tradição! Ó almas brasileiras!
Erguei-vos a sonhar, neste penhasco umbroso!

E por aqui, no afã de conquistas e glória,
— O pensamento ideando a existência futura,
Passam as gerações para os degraus da história...

Náufragos, a sonhar tudo que a vida embrenha,
Que ainda um raio de fé, que abrase a terra escura,
Vos venha iluminar do Convento da Penha!

Solimar de Oliveira

O CONVENTO DA PENHA DA VITÓRIA

Altiva sentinela, sempre alerta,
confortando, em borrasca, o timoneiro
e ensinando o caminho ao pegureiro,
na senda escura desta vida incerta.

Oh! Se da aurora o arrebol primeiro
a Natureza a ti, curvante, oferta,
recebe uma saudade que desperta,
no peito meu, afeto derradeiro.

Permite a quem os vagalhões da sorte
a nau da vida faz vagar, sem norte,
em negra noite, por um mar de abrolhos,

ao teu pôrto voltando, em mar ameno,
a fitar-te, em olhar puro e sereno,
na terra capixaba, feche os olhos!

A. Barroso

Rio. Fevereiro de 1921

A INFINITA BONDADE

Nasceu Frei Pedro na Espanha
E trouxe, com amor fiel,
De Portugal um painel
Para o Brasil proteger.

No cimo desta montanha
Que lhe foi logo apontada
Quando uma voz encantada
Apenas soube dizer:

— Inda que triste pareça,
O mar tem luz e cantores,
Enquanto tenho só flores
Para enfeitar o Pagé
Quisera ter na cabeça
Uma grinalda de lábios
Para cantar, sem ressábios
Tôdas as glórias da Fé.

Subiu Frei Pedro a montanha,
Às mãos do grato destino.
Era, afinal, peregrino!

Ao contornar o alcantil,
Ouviu duns índios estranha
Exclamação, sem receio...
Sabido foi que êle veio
Santificar o Brasil.

Ergueu das pedras limosas
Ermida Santa e modesta
E quiz fazer uma festa
Para acender o fervor.
Co'o templo cheio de rosas
Coroou Frei Pedro a cidade,
Ligando o povo à bondade,
Da Mãe de Nosso Senhor.

José Elesbão de Castro.

HINO A NOSSA SENHORA DA PENHA

Não podemos contar como flores
Dos vergeis desta vida sombria
Os pequenos e grandes favores
Que nos vêm de Jesus, por Maria.

CÔRO

De Maria o Painel que nos trouxe
Dalém-mar leigo irmão franciscano
Reproduz o sorriso mais doce
Para o imenso Brasil Mariano.

Quem periga, sem dúvidas, venha,
Do lugar mais agreste ou mais belo.
Pedir graças à Virgem da Penha,
No seu trono pequeno e singelo.

Co'o fervor dos devotos doutrora,
Na alvorada da Pátria querida
Imploremos a Nossa Senhora
Mais vitórias, mais luz e mais vida.

José Elesbão de Castro

O CONVENTO DA PENHA

Beija o horizonte ao longe, o mar azul
No cume do rochedo, alto e escarpado,
Aos olhos de quem vem do norte ou sul,
Depara-se um pontinho esbranquiçado

O pequenino bloco níveo cresce,
À medida que a nave se aproxima,
À pouco e pouco, o verde resplandece,
E o vetusto mosteiro a rocha encima.

Enlevado, contempla o viajor
O monumento — guarda da cidade,
Cujas lendas encantam sua história;

Símbolo augusto de Beleza e Amor,
Beijando o Céu, — padrão da Cristandade
Ergue-se, alto, o Convento de Vitória.

Lauro Carvalho

Do livro "Rimas de Outro Tempo"
Editôra "A Noite" — 1952

NOSSA SENHORA DA PENHA

De Frei Palácios, a visão sublime
incrustou no penhasco o monumento,
onde Nossa Senhora do Convento,
nossas desgraças tôdas desoprime.

No manto branco que a pureza exprime
— Coração maternal, bendito alento —
Mãe da Penha recolhe o sofrimento
e qualquer dor, por mais cruel, suprime.

Por isso, vamos, nesse olhar tão doce,
pedir a luz do Céu, como se fôsse
a tranquila esperança de uma esmola;

E o coração de Mãe, que o nosso aperta
abre da Santa as mãos, em rica oferta,
no milagre estupendo que consola.

Ernesto Guimarães

CONVENTO DA PENHA

À Professôra

Maria Stela de Novaes

Para galgar-lhe o cume, calco velhas sendas,
— traços vivos da Fé que o tempo não contesta;
o seu lagedo antigo, aos meus passos, empresta
um som que é murmurar de preces e de lendas

E a voz de quem se foi que, em cantos e oferendas,
nas lajes, ainda ecoa, em triste som que atesta,
à sombra secular do teto da floresta,
a dor que ali passou, em trágicas contendas...

Mas, em chegando ao cimo e vendo o Santuário
da Virgem, que se alça, augusto, extraordinário,
a espíritualizar a crista de granito,

da mente se me vão espectros do passado
e extático, submisso, humilde e prosternado,
venero a Mãe de Deus, nas plagas do infinito.

Hilário S. Soneghet

CONVENTO DA PENHA

(Poesia das Ondas)

Na solidão claustral da cela fria,
o Frei Pedro Palácios adormece
e sonha ver a imagem de Maria,
entre as estrêlas, murmurando a prece.

E desde aquela noite, noite e dia,
do belo sonho nunca mais se esquece,
pois aos olhos do monge, Ela sorria,
num sorriso de amor que não fenece.

Dizem cronistas que, afrontando escolhos,
o santo monge escala a penedia,
tendo as luzes divinas nos seus olhos.

Perante as ondas, o Convento, ao longe,
Vemos, agora, a imagem de Maria
— divino sonho do poeta monge...

Paulo Freitas

EU VIM ME DESPEDIR

Daqui olhando o espaço e a Costa em fora,
É tão maravilhoso o que diviso,
Que creio ser assim o Paraíso,
Nem posso de outra forma o imaginar!

Por isso penso que Nossa Senhora,
Fugindo do sopé, quis de improviso
Aparecer aqui, deixando o aviso
Da sua escolha para vir morar.

Sôbre esta penha, sinto o pensamento
Arrebatado pela voz do vento,
E meus sentidos já não são mais meus.

Ao pé da rocha, se distende o mar...
Meus olhos descem para o contemplar,
Minh'alma sobe, para estar com Deus

Virginia Tamanini.

ROSÁRIO DE MARIA

(CANTIGAS E PRECES NO SANTUÁRIO DA PENHA)

Ave Maria... Uma estrêla,
trêmulamente, aparece.
Vibra, em tôda Natureza,
harmonia de uma prece,

Ave Maria... Saudade,
na tarde serena e fria,
tecendo, com finos dedos,
mantos de melancolia.

Maria... Teu nome é triste
e me traz tanta alegria...
luz distante dos teus olhos
os meus olhos alumia.

No Santuário da Penha,
vivo a rezar, noite e dia,
em ti pensando e escrevendo
o meu livro de poesia.

Livro de versos — rosário
que rezarei, com fervor:
em cada trova, uma conta
contando histórias de amor...

Maria da Penha — estrêla
que ilumina os navegantes;
nas ondas do mar, cintilam
teus lindos olhos distantes.

Lindas luzes dos teus olhos,
eu jamais hei de esquecê-las:
são teus olhos que cintilam
no rosário das estrêlas.

Maria — canção perdida,
nas ondas tristes do mar,
cantiga que a gente canta
com vontade de chorar...

O mar profundo tem vozes
e tem soluços também;
vive a fazer, no infinito,
eternas queixas de alguém.

Em minhas trovas, Maria
saudade sòmente existe,

porque saudade é alegria
de quem vive sempre triste.

Maria — estrêla das ondas...
que meus olhos alumia...
O mar murmura uma prece,
beijando os pés de Maria...

Maria — estrêla distante
e pálida a cintilar;
um beijo do céu nas ondas
que são soluços do mar.

Paulo Freitas

Do Livro Poesia das Ondas

NO CONVENTO DA PENHA

Linda manhã de abril. Do alto dessa montanha,
em que se ostenta o altar da soberana Santa,
na infinita amplidão, que de esplendor se banha,
contemplo, sôbre o mar, o sol que se levanta.

E o meu olhar panteista, ofuscado, acompanha,
a ascenção do astro ideal que a Natureza encanta,
e delirio, vivendo uma emoção tamanha,
ante esta cena augusta e de beleza tanta!

O mar canta e se embala e a floresta suspira...
o céu é de ouro e opala e de prata e safira,
um tesouro de encanto, uma imensa beleza...

Artistas, que viveis neste mundo a cismar,
ide ver, da montanha, o sol a despontar,
e adorar, no esplendor, a própria Natureza!

Batista Campos

TU ÉS PENHA, O LÍRIO SANTO!

O teu incenso
Ó Lírio Santo,
Perfuma os ares,
Dês que se evola
De teus altares.
Se perfumasse
A minha esmola
E meus cantares,
Prazer imenso,
Em vêz de espanto,
Eu sentiria.

O teu incenso,
Ó Lírio Santo,
Perfuma a prece
Dum peregrino
Que se engrandece
Em teu altar
Tão pequenino,
O qual merece

Um beijo intenso,
Depois do canto
Da romaria.

O teu incenso,
Ó Lírio Santo,
Perfuma a terra
O mar, os rios,
A duna, a serra...
Se bem o aspiram
Os gênios pios
Que vão à guerra,
Com alto senso
Dizem, no entanto —
Ave Maria!

José Elesbão de Castro

CANÇÃO DAS VIOLETAS

— Ei-las em canção escrita nas "Alterosas".

Almas humildes e puras
Como os rosais de Jessé
Sorrindo para as alturas,
São as violetas da Penha,
Onde vibrou minha fé.

Vozes humildes, mas francas
Como as dos anjos de Deus,
Cantando nas nuvens brancas,
São as violetas da Penha,
Que fica perto dos céus.

Versos humildes e pobres,
Qual de Frei Pedro o burel,
A despertar almas nobres,
São as violetas da Penha,
Onde rebrilha o Painel.

Sonhos humildes e calmos
Como os da infância cristã

Divinizada nos salmos
São as violetas da Penha
Bela ao romper da manhã.

Preces humildes e santas
Como as palavras de Job,
A padecer dores tantas,
São as violetas da Penha
Onde ninguém sente dó.

Hinos humildes e lindos
Como os do santo Natal,
De lábios célicos vindos,
São as violetas da Penha
Tão forte quanto imortal.

Votos humildes e amigos
De São Francisco de Assis,
A proteger seus mendigos,
São as violetas da Penha,
Onde o romeiro é feliz.

Risos humildes e castos
Como os de Cristo Jesus
Nos horizontes mais vastos
São as violetas da Penha

Que espalha graças e luz.

Nuvens humildes de incenso,
Beijando os santos do altar
E perfumando o meu lenço,
São as violetas da Penha
Onde o redil deve estar.

Dobres por virgem modesta,
Humilde, crente e gentil,
Repique em dias de festa
São as violetas da Penha
Do meu devoto Brasil.

José Elesbão de Castro

(Contribuição para a Quinzena de Arte Capixaba)
Setembro de 1947

A NOSSA SENHORA DA PENHA

Virgem Senhora da Penha,
dai-me vossa proteção
que eu vos dou meu coração,
em pagamento.

Do vosso esbelto Convento,
de mim não vos esqueçais,
porque sou um dos mortais
que vos adora.

Vós sois, oh! Virgem Senhora,
de minha alma o lenitivo
só em vós, com fé, eu vivo
esperançado.

Por vosso Filho adorado,
meu soberano Jesus,
não me negueis vossa luz,
por piedade!

Por vossa santa vontade,
de mim o mal afastai!

E de sofrer me livrai,
Mãe Poderosa!

Vossa graça preciosa
só tem sido o meu alento,
quando do **fado** sedento
sou perseguido.

Vós me tendes socorrido,
do Céu excelsa Princesa!
Do inimigo a fereza
me livrai,

A vida me conservai,
por vosso imenso poder;
assim me haveis de valer,
por caridade!

Nesta minha longa idade,
Vós me haveis de guiar,
para a glória eu alcançar,
Amém, Jesus!

Luís B. dos Santos
(O Estado, 24-3-1907)

HINO OFICIAL DO PRIMEIRO CONGRESSO MARIANO DE VITÓRIA

2 a 9 de Setembro de 1951

Voz ardente vibrou varonil,
em hosanas de pura alegria,
para unir, nesta terra gentil,
os devotos de Virgem Maria.

Estribilho:— Nesta terra de Vitória
nós havemos de firmar
a bandeira de Maria:—
Nossa Mãe, há de reinar! (bis)

Nossas vozes aclamam com glória
tua imagem, ó Virgem sem par!
Os triunfos de outrora, a vitória
poderás também hoje nos dar.

À Senhora da Penha juramos:—
defender, com bravura e fervor,
nossa Igreja divina que herdamos
de Jesus, nosso Deus e Senhor.

HINO A NOSSA SENHORA DA PENHA

Corações jubilosos cantemos,
à Rainha da terra e dos céus!
Tôda pura sois Vós, ó Maria!
Salve Virgem Mãe, Santa, de Deus.
Acolhei-nos com meiga bondade,
nesse manto, estrelado de anil!
De Jesus vosso filho divino
Alcançai, sem cessar, graças mil!

Estribilho:— Nossa Senhora da Penha querida,
do Paraíso Vós sois linda flor!
Dos mortais excelsa honra e glória,
aceitai nosso afeto e fervor!

Contemplai quanto mal nos crucia,
quantas almas aos pés do Senhor,
estendei vossos olhos piedosos
aos pequenos, aos lares, à dor!
E movei vossa destra potente;
cessem ódios, fazei-nos irmãos;
socorrei-nos. na angústia suprema,
ó auxílio, sem par, dos Cristãos!

Nesta terra, Vós fostes aurora
refungente e feliz de dois sóis
Frei Palácios, Anchieta! São Mestres,
filhos vossos, são nossos heróis.
Gratos nós suplicamos, em prece!
Santidade tão grande exaltai.
Do Evangelho de Cristo os arautos,
Ó Rainha do Clero, aumentai.

Vosso trono, na rocha firmado,
onde morrem as ondas do mar,
simboliza os triunfos da Igreja
na firmeza da pedra angular.
Protegei o Romano Pontífice
sêde sempre seu guia e fanal,
conduzí-o, por vossa clemência
Ó Mãe terna, à mansão celestial.

O Brasil é imenso e grandioso,
Seu verdor é esperança no azul...
Caridade é seu ouro esplendente
Fé proclama o Cruzeiro do Sul.
Abençoai nossa Pátria querida
num porvir de progresso e de luz
dai-lhe a paz, que aqui sois soberana,
Ó velai pela — Terra da Cruz!

HINO A NOSSA SENHORA DA PENHA

Salve, salve, Senhora da Penha,
Eis o hino de todo o Brasil;
Canta o Anjo, no Céu, e na brenha,
O repete o pastor ao redil.

C Ô R O

Já no céu no Brasil se desenha,
Cintilante cruzeiro de luz;
São as graças da Virgem da Penha,
Que nos manda seu filho — Jesus

Canta-o a ave, na densa floresta,
Em murmurios, a fonte o bendiz,
E, nas horas amenas da sesta,
Meiga rôla o descanta feliz.

Entre as flores, és branca Açucena,
Entre os anjos, Rainha sem par,
As estrêlas são teu diadema,
Nossos peitos serão teu altar.

És dos pobres a Mãe carinhosa,
Dos aflitos brilhante farol,

E, dos órfãos, ó Cândida Rosa,
És um manto de místico sol.

E, no mar, muitas vêzes, também,
Quando a sorte se mostra ao revez,
Para todos os nautas, ó Mãe,
A mais viva esperança tu és.

Aqui, vimos, real Mensageira,
Arca santa de paz e do amor,
Da pureza e do bem pioneira,
A teus pés, nossas preces depor.

São as vozes de quem necessita
Proteção lá na Côrte dos Céus;
Tu que és cheia de graça infinita
Nossa Pátria encaminha pr'a Deus.

Brasileiros, à rocha sagrada,
Que se eleva, em formoso vergel,
Ver da Penha a Rainha Adorada
Vinde todos, correi a tropel

Padre José Maria da Rocha

A ERMIDA DAS PALMEIRAS

Meu coração manda versos,
Quando não faz oração,
Aos passarinhos diversos
Que trinam bem no portão

O lado esquerdo do qual,
Antigo nicho domina,
Servindo, assim, de fanal
Aquêle que peregrina.

Do baço vidro através,
Tão linda como a alvorada,
Tem a cidade a seus pés
A Virgem-Mãe venerada.

Do meu Brasil grande e bom
Não há cristão que não tenha
Já conseguido algum dom
E muitas graças da Penha.

Maria, — nome bendito
Dos séculos na sucessão,

Enche de mais o infinito
E cabe nesta canção.

Ó Santa Ermida sem par,
Cheia de flores e cantos,
Tens o poder de estancar
Tôdas as dores e prantos!

José Elesbão de Castro.

RAINHA DOS CÉUS, EU VENHO...

Rainha dos Céus, eu venho
neste Convento, vos ver;
a minha fé aumentai
pra firmemente eu vos crer.

Com muita satisfação,
subi a grande calçada
desta Penha destinada
para vossa habitação,
e onde o meu coração
empregado sempre tenho,
e bem assim no desenho
de vossa querida imagem,
p'ra vos render homenagem,
Rainha dos Céus, eu venho.

Neste dia venturoso,
de vosso nome bendito,
todo o cristão vem contrito
a êste templo pomposo,
de cujo adro mimoso,
vejo a Santa, com prazer

seus lindos olhos volver
sôbre tôda a criatura
que vem aqui, Virgem Pura,
neste Convento, vos ver.

Vós sois, Senhora, o escudo
dêste humílimo cristão,
que vos tem no coração,
que vos ama sôbre tudo...
Do inimigo sanhudo,
e dêle me afastai,
Mãe de Deus amabilíssima.
Na vossa graça santíssima,
a minha fé aumentai.

Com grande contentamento,
que outro jamais sentiu,
a minha alma aqui subiu,
neste soberbo Convento,
de maravilha um portento.
Sois, oh! Virgem Sacro Ser
que fará resplandecer
êste belo paraíso.
P'ra firmemente eu vos crer,

Luís B. dos Santos

O Comércio, 28-5-92)

NUESTRA SEÑORA DE LA PEÑA

Entre albores de blanca eucaristía,
símbolo secular de cal y canto,
elevando hacia Dios, el signo santo
de católica fé, firme vigía

Nuestra Señora de la Peña, es guía,
áncora en la zozobra y el quebranto
del místico fervor, pintado manto
de Verónica, en luz de epifanía.

Del Atlántico mar, monte emergido.
Em humilde convento convertido,
por tus siete saetas peregrinas

subem los fieles, de Jacob la escala.
Atrio de la esperanza, nube y ala,
a Dios almas errantes, encaminas.

Carlos Maria de Vallejo

Vitória, Espírito Santo, 1943...

O FRADE

Na solidão claustral da cela triste,
sempre contando as contas do rosário,
o Frei Pedro Palácios meditava,
humildemente, lendo o breviário.

Nos ofícios divinos sempre austero,
o confessor dos homens era visto,
pelas suas virtudes, como sendo
o mais perfeito imitador de Cristo.

Invocando deidades soberanas,
longe dos vícios e paixões mundanas,
o bom frade rezava noite e dia.

Mas, — quantas vêzes! — de alma ajoelhada,
êle sentiu, nos olhos de Maria,
os lindos olhos da mulher amada...

Paulo Freitas

Do Livro **Poesia das Ondas**

FREI PEDRO PALÁCIOS

Dois de Maio. Na Ermida das Palmeiras,
Silêncio e treva agora. E a noite desce;
Foram-se as alegrias passageiras,
Núncios de imenso amor que o mundo aquece...

Agora, pelas íngremas ladeiras,
Ninguém o vê, nem se ouve mais a prece...
Que êle fazia, em vibrações fagueiras,
Em prol da raça forte que floresce...

E indistinto rumor que se levanta
Fende o silêncio atroz da velha Ermida,
E a dor sacode a nave secular...

E uma voz que soluça na garganta...
— E Frei Pedro Palácios, já sem vida,
Tomba, beijando ainda o santo altar!...

Solimar de Oliveira

O CONVENTO DA PENHA

Para quem vem por terra, ou chega pelo mar,
O espetáculo é o mesmo e é o mesmo o encantamento:
Como um gesto do céu, surge diante do olhar,
Num recorte de rocha, o estranho monumento.

O forasteiro fica um instante a cismar
Nos desígnos de Deus, que ao Homem deu talento
Para criar uma obra assim tão singular,
Dando um sôpro divino ao seu humano intento.

Ante tanto esplendor, não há quem se contenha.
E o Convento da Penha!... É o Convento da Penha!...
Ajoelha-se o crente e persigna-se o incréu...

E, enquanto os lábios vão murmurando uma prece,
No tôpo da montanha, o Convento parece
Uma bandeira branca a nos mostrar o Céu!

Athayr Gagnin

CONVENTO DA PENHA

Qual descuidada gaivota
Pousada num alcantil,
Da Penha o bravo perfil
Veio, em miragem devota,
Obra de época remota,
Em que a Fé realizava
Prodígios e levantava
Ciclópicos monumentos.
Do crente, os tristes lamentos
Inda hoje acolhe piedosa
Transformando a dolorosa
E atribulada aflição
Em esperança radiosa,
Bâlsamo do coração!

Reinaldo De La Paz.

15-3-34

O SONHO DE FREI PEDRO PALÁCIOS

Junto ao mar, na vastidão agreste
Aos beijos de aura trêmula e risonha,
Pedro Palácios, que tão mal se veste,
Dorme ao relento, sôbre a areia, e sonha:—

"Nossa Senhora, um templo, onde vos ponha,
Hei de fazer". E, do alto, a voz celeste:
"Glória ao céu, não no que o dever imponha,
Mas, no que pela Fé se manifeste".

Nisto, um clarão do monte além transborda,
E eis que êle vê a Virgem lá num templo,
Mas, sente o mar beijar-lhe os pés... E acorda.

Desde então, olhos fitos na colina
Pedro Palácios compreendeu, no exemplo,
Fazer o templo, por missão divina.

Ruy Côrtes

O CONVENTO DA PENHA

Entre as vagas do céu, entre as vagas do oceano,
Brilha a ermida branquinha, alvejada, de luar,
Como é linda, meu Deus, entre as vagas do oceano
E os mistérios do céu e os mistérios do mar

Quanta paz irradia êsse velho convento,
Milagrosa visão de alegria e quietude,
Beijado pelo mar, beijado pelo vento,
Batido pelo sol, sôbre uma pedra rude...

A natureza, rindo, o contorna e o moldura,
Em cortinas de espuma e tapetes de flores,
E há querubins tocando os carrilhões da altura
E gaivotas de luz e conchas multicores.

O Convento da Penha, ermida solitária,
Dilata o coração, para enchê-lo de Deus!
Sua história é tão linda, é a história lendária
Que o mar vai repetindo aos pássaros dos Céus.

Banhada em claridade, a Pátria despertava,
Ao toque de cristal de angélico clarim!...
A Pátria alegre pura, ao sol de ouro, lembrava
Uma criança ingênua a brincar num jardim!

E chegou Frei Palácio, o humilde franciscano,
De alma boa e inocente, alma plena de luz!
Coração de cordeiro, alvo, simples e humano,
Que, entre os lírios, guardava o divino Jesus.

E o bom frade sonhou, sonhou que a Virgem Pura
Lhe pedia uma esmola, entre as ondas e os céus,
Entre os jardins da terra, os jardins da altura,
Novo arco-iris de luz, entre os homens e Deus.

E uma ermida brotou das mãos santas do frade,
Sôbre o rochedo negro... ante a fúria do mar.
Rumo às praias do azul, sôbre as ondas de jade
Frei Palácios partiu... para não mais voltar.

Frei Palácios partiu, mas, ficou, no rochedo,
Espelho de sua alma, aquela igreja branca...
E, junto dela, o mar rola de manso, a medo...
E, junto dela, o vento a sua fúria estanca.

E, junto dela, um dia, a sanha dos corsários
Quebrou-se fragorosa, entre as ondas do mar...
Não sabiam vencer os combates lendários
Contra as névoas do céu, de que modo lutar?

Não podiam lutar contra os anjos da altura,
Cujas setas de chama eram dardos de luz;
E perdeu-se. no oceano, aquela nave escura.
Aquela nau de sangue, inimiga da Cruz...

Hoje, brilha mais puro o Convento da Penha,
Diamante que ilumina a face de Vitória!
E, hoje, canta mais alto o carrilhão da Penha.
E rola, pelo azul, o seu canto de glória!

E, hoje, brilha mais claro o Convento da Penha
E acende os corações, na chama do fervor.
E, hoje, brilha mais vivo o Convento da Penha
Ardendo à luz do sol, como um lume de amor!

E, hoje, brilha mais doce o Convento da Penha,
Quando a noite se embuça, em velórios de luar.
E, hoje, brilha mais doce o Convento da Penha,
Perdido na distância... entre a bruma do mar!...

Marysol de Araujo

VILA VELHA

Noite... a cidade... o morro... numa prece,
sobe aos céus, um murmúrio, a voz do mar.
O Convento, lá no alto, até parece
mãos brancas assim postas a rezar!.

Geraldo Costa Alves

VISITA AO CONVENTO

Entre alamedas quietas e floridas,
ouvindo a orquestração da Natureza,
eu vou galgando as íngremas subidas,
pensando em Deus, autor de tal beleza.

Chego, afinal. As preces comovidas,
elevam-se com doce singeleza
e eu sinto, em mim, ruir, diminuídas,
as ilusões vaidosas de grandeza!

Daqui, tão grande o mar, o céu azul,
tão forte o vento vindo lá do Sul,
que majestosa e doce Solidão...

Virgem da Penha! Guarda-me em teu manto,
dá-me esperança e fé, seca o meu pranto,
no teu divino amor, no teu perdão...

Leonor Pereira

1953

O MILAGRE DO SINO

Velho e trêmulo e cansado,
Frei Pedro Palácios,
o humilde franciscano
que, ao serviço de Deus, viveu sempre a lidar,
naquele dia, fatigado,
saiu a passear...
Doente embora,
quis, uma vez ainda,
na magia daquela hora,
naquela tarde linda,
ver a paisagem conhecida.
Pela última vez olhou...
E era aquêle um olhar de despedida,
olhar do último adeus.
Olhou o mar... Olhou a terra... Olhou os céus...
Olhou a floresta, sempre viridente...
Olhou a Vila-Velha tão querida,
lá na planície, em baixo, se espalhando...
E advinhou que, no futuro,
Vitória que atrás da linha
azul e cinza escuro
do horizonte se escondia, —
Vitória cresceria,
sob a proteção da Virgem
e das bênçãos de Deus...
Terra do Amor,
Terra da Poesia,
Vitória grande seria!...

. . . . . .

Frei Pedro Palácios,
que foi Bondade e foi Amor,
pôs-se naquele instante a cismar...
Lembrou o passado labor,
as canseiras de doze anos,
em que, feliz, a predicar,
esquecendo o revés e os desenganos,
trouxe à proteção da Igreja
a alma do gentio...
E lembrou os Milagres da Virgem:
a água que manou da ressequida pedra,
a água — fonte da graça e da vida
da pobre, humilde Ermida...
E lembrou as Palmeirinhas,
tão sòzinhas,
lá no cimo do rochedo,
os flabelos ao vento, a farfalhar...
E a Imagem da Virgem Santa
que teimava em lá ficar...
.....
Depois de olhar aquela tarde linda,
sentindo-se mais fraco ainda,
dirigiu-se Frei Pedro à Capelinha
que inda hoje em ruína lá está,
Capela.
outrora tão bela,
construída em louvor de São Francisco
Tinha as mãos trêmulas...
Estavam trêmulas, cansadas,
aquelas santas mãos
que, no santo labor, ajudaram a carrear
as pedras para erguer a Ermida das Palmeiras...
Estavam quase frias
as mãos
divinas..
que, em gestos que iluminam,
a todos mostravam o Caminho da Fé,

piedosas mãos que se juntaram em oração
ou que se alçaram aos Céus,
pedindo Proteção, agradecendo a Deus...
Caindo ante o altar, ajoelhado,
sentiu chegar o último alento...
Reclinou-se sôbre a ara, beijando-a...
Chamou pela Santa, sua Protetora;
pôs a mão
direita sôbre o Coração...
Com lábios trementes,
balbuciou uma prece, e sòzinho morreu.
.....
Blém! Blém! Blém!
Naquele mesmo momento,
o sino da Ermida
começou a badalar!...
Blém! Blém! Blém!
Não! Não eram lufadas do vento
que assim faziam o sino badalar...
Invisíveis mãos certo o tangiam...
Blém! Blém! Blém!
Mais um Milagre da Virgem
a anunciar
a morte do Santo!
Blém! Blém! Blém!
Era um toque tão dorido,
tão pungente...
como se o bronze tivesse
alma como a gente...
De perto, então, todos acorreram, o susto
no olhar. transidos pelo mêdo...
Todos olhavam a pobre Ermida,
indagando o segrêdo.
Blém! Blém! Blém!
Continuava o sino a badalar...
Frei Pedro estava morto ante o altar.
.....

Blém! Blém! Blém!
Naquele instante, lá em baixo,
bramia
o mar, de encapeladas ondas.
Bramia
o mar, cuja fúria, um dia,
Bramia
Êle aplacara com o seu manto
e batia contra as pedras,
revolvendo-se na areia...
Rugia o mar como as paixões humanas;
rugia como a Vida enganadora...
Mas, para Êle, o Santo,
era chegada a Paz,
era chegada a Recompensa:
Como visão de Glória,
entre siderações, brilhava o Céu!

Geraldo Costa Alves

AB EXCELSO

À Profa. Maria Stella de Novaes

Em baixo,à flor do mar, a "Pedra dágua";
em cima, na montanha, a maravilha
do Convento da Penha; em baixo, a mágoa
e a dôr dos que seguiram, um dia, a trilha

do crime e do êrro, os que, de fraga em fraga,
rolaram... (Êste, cheio de ódio, rilha
os dentes; num lampejo, o olhar lhe brilha.
Brilham naquele os olhos rasos dágua!)

Virgem da Penha tão querida, Rosa
Mística de Amor, tem dêles piedade.
Eleva-os a Ti. Seca-lhes o pranto.

E sôbre êles estende, ó Mãe radiosa,
doce e pura, num gesto de bondade,
a sombra protetora de teu manto!

Geraldo Costa Alves

29-6-1954

A LENDA DAS PALMEIRAS

Que insondável mistério! Certo dia,
não encontraram a imagem que de Espanha
viera. Em meio à indiada tão bravia,
na terra a que aportara, tão extranha,

a Imagem era o consôlo, era a alegria
de Frei Pedro Palácios. Que tamanha
ansiedade em todos! À porfia,
põem-se em busca, na praia, na montanha...

Em cada rosto, a inquietação se espelha.
Procuram aqui, ali, em Vila-Velha;
correm de novo às regiões vizinhas.

Após tanta procura e sobressalto,
eis que a Imagem aparece lá, bem no alto
da montanha, entre duas palmeirinhas!

Geraldo Costa Alves

CONVENTO DA PENHA

Não há uma só vez, um só momento,
No meu passeio à Capital do Estado,
Que não me sinta absorto e admirado,
Quando subo as ladeiras do Convento!

Há sempre suave brisa e meigo vento,
Naquele mato belo e embalsamado
De um aroma subtil e delicado!
— Tudo ali me deleita o pensamento.

Prossigo na subida do penedo,
Que a Santa escolheu para morada,
Donde se avistam o Céu, a Terra e o Mar!

No alto, por cuja escada eu subo a medo,
Sinto a minh'alma alegre e confortada,
Quando me curvo reverente a orar!

Heitor Braga

28-4-1925

O SANTUÁRIO

Dezembro. A pino, o Sol o alvo Santuário banha,
Alvo, qual hóstia aos céus erguida em verde altar.
Frei Palácios, admiro a tua fé tamanha,
E como te ouço ainda aos íncolas pregar.

Subo a escarpa e me quedo, à grimpa da montanha.
Pela amplidão sem fim, pasmado, estendo o olhar...
Oh! bendita essa fôrça inteligente e estranha
Que fêz o céu, e fêz a terra, e fêz o mar!

Em baixo, ao palpitar da vida, que seduz,
Labuta e goza, arqueja e canta a turba humana,
Quais vermes fervilhando à volúpia da luz.

Ouço preces... e eu tinha um coração incréu!
Alvoroçada, canta a alma, outrora profana,
Afastada do mundo e mais perto do Céu!

Teixeira Leite

"Vida Capixaba" 30-12-1926

LOAS A NOSSA SENHORA DA PENHA

1

Devotos corramos
À Mãe de Jesus,
No seu Santuário
Que é graça, que é luz.

Côro:—

Mãe Santa de Deus,
É nossa também,
Protege-nos sempre
E na morte. Amém.

2

Frei Pedro Palácios
À vila chegou
E ao bem dessas almas
Com fé se entregou.

3

O humilde eremita,
Em santa porfia,
Modesto oratório
Consagra a Maria.

4

Da rude capela
Subia oração;
Do trono divino,
Descia o perdão.

5

Aos pobres, aos ricos,
A Lei do Senhor
O apóstolo santo
Pregava, com ardor.

6

E os índios ferozes,
Sem mais rebeldia,
Adoram a Cristo,
Amando a Maria

7

Um náufrago invoca
A Estrêla do Mar
E a encontra, nas palmas
Da rocha, a abençoar.

8

A excelsa Senhora,
Com grande doçura,
É vista, por vêzes,
Da rocha, na altura.

9

Compreende, Frei Pedro,
Da Virgem, o querer,
E o seu Santuário
Vai, lá no alto, erguer.

10

É, dos peregrinos,
Materno solar,
O templo onde alcançam
Favores, sem par.

11

Mãos ímpias tentaram
A igreja invadir;
Mas, justo castigo
As veio punir.

12

Em hoste aguerrida,
Armaram-se os céus,
Fugindo vencidos
Culpados e réus.

13

Perdera Vitória,
Na sêca, o vigor,
As plantas, as vidas,
Sem viço, sem côr.

14

Apenas, no templo,
Entrou o andor,
Cai chuva abundante,
Que abranda o calor.

15

Por suma bondade
Da Mãe celestial,
De água aparece
Um manancial.

16

Decanta o milagre
Fiel tradição
Das palmas do monte,
Que altivas, lá, estão.

17

Anchieta querido
Do nosso Brasil,
Da Virgem recebe,
Alí, bençãos mil.

18

Senhora da Penha
Desdobra o teu manto,
Guardando êste povo
Do Espírito Santo.

———X———

Só aqui, nêste convento,

Existem minh'alma e vida.

Prazeres contentamento,

Momentos só de ventura,

Acha tôda a criatura

Só aqui nêste convento.

Onde vive a paz contida

Nesta morada querida,

Onde há só prazeres belos,

Existem os meus desvelos,

Existem minh'alma e vida.

PRECE À VIRGEM DA PENHA

Virgem da Penha, ornato de Vitória,
É o teu convento branco de luar!
O teu convento um resplendor de glória
Derrama docemente, sôbre o mar.

Não tem seu vulto a palidez marmórea
Das areias de prata a cintilar?
Não deixa impressa, em ouro, na memória,
Tôda a grandeza mística do mar?...

Virgem da Penha, ornato de Vitória
É o teu convento branco de luar...
Há querubins ouvindo a sua história.

No reino das estrêlas, a sonhar...
E há corações, vivendo a sua história,
Contada, há tantos anos, pelo mar.

Marysol de Araujo.

"A Gazeta", 9 de Setembro de 1931.

DESSA PENHA ONDE ESTAIS

Dessa Penha onde estais,
Virgem Santa Imaculada,
protegei o vosso servo
de quem sois advogada.

Só a vossa proteção,
Rainha dos Céus, imploro,
porque vos amo e adoro,
de todo o meu coração.

Livrai-me, por compaixão,
dêsses perversos mortais.
Senhora, não permitais
que me falte a vossa luz.
Valei-me, Mãe de Jesus,
Dessa Penha onde estais.

Pela vossa piedade,
por vosso imenso poder,
não me deixeis padecer.
Escudo da humanidade,
vossa santa Majestade

que tem o Céu, por morada,
e onde estais assentada,
junto ao Deus Onipotente,
sêde comigo indulgente,
Virgem Santa Imaculada.

Nêste mundo corruptor,
só por Vós, sou protegido,
não obstante haver sido
um ingrato pecador.
Mas, mesmo assim, com fervor,
confiante, em Vós, me elevo,
e, na lembrança, conservo
o vosso nome infinito.
Por vosso Filho bendito,
protegei o vosso servo.

Senhora, em Vós confiado,
eu estou constantemente
Porque vos trago presente,
meu sumo Bem adorado,
da peste serei livrado,
por Vós, oh, Virgem sagrada,
que sois, no mundo, invocada,
com pureza e com fervor,
pelo maior pecador,
de quem sois advogada.

Luís Barbosa dos Santos.

19-6-1886.

FUI AO CONVENTO DA PENHA

Fui ao Convento da Penha,
ver minha Mãe tão querida,
agora, posso dizer
que já fui ao Céu, em vida.

A minha fé me levou
a ver êste monumento,
pois trago, no pensamento,
a Virgem que Deus formou
a qual, do Céu, transportou,
para que, do mundo tenha
compaixão de nós, e venha
o seu amparo nos dar.
Para seu manto beijar,
fui ao Convento da Penha.

Vi uma estrêle brilhante,
que, alí, alumiava.
Era a Virgem que estava
em seu trono radiante,
de mil graças revestida.

Deu confôrto à minha vida,
à minha alma deu alento,
quando fui para o Convento,
ver minha Mão tão querida.

Já minha Mãe venerei,
pouco tenho a desejar,
pouco me importa deixar
o mundo em que habitei,
pois nele já desfrutei
o mais sublime prazer.
Da Penha, a Virgem ia ver,
com a maior satisfação.
Já lhe dei meu coração,
agora, posso morrer.

Admirei, com espanto,
a original simetria
da morada de Maria,
Espôsa do Espírito Santo.
De beleza e gôsto tanto
era ela enriquecida,
sendo, por mim, aplaudida
sua linda arquitetura.
Gozando dessa ventura,
já entrei no Céu, em vida.

Por seu devoto
Luís Barbosa dos Santos.

15-5-1886

A MORTE DO ASCETA

Dobrava, tristemente, o novo campanário,
despertando, em surprêsa, o índio, o donatário,
o jesuita e o escravo, em noite enluarada.
— Seria um gênio mau? Uma alma atormentada,
a suplicar a prece, em transe doloroso,
naquela solidão? — Seria o frei piedoso,
que, a meditar feliz, sentisse a inspiração
de concitar o povo ao fervor da oração
à Senhora da Penha, — a soberana Guia
da vida espiritual, nesta Capitania?
A plangência, porém, suave, suavemente,
perdia-se, no espaço... E a turba impaciente
aguardava, em silêncio, o dealbar da aurora,
em rude inquirição. O servo não demora
a descer da montanha à Vila incipiente
e dar a triste nova à multidão, que sente
o borbulhar do pranto, ao pungir da saudade,
que repontar parece, à dura realidade:—
perder seu benfeitor, após a linda festa
de uma entronização! Doce lembrança resta
ao povo contristado:— a serena alegria
do santo anacoreta, e sua profecia
de partir, para o Além, assim que a santa Imagem
da sua Protetora acolhesse a homenagem
das almas, na capela, — o mirante do incerto
navegador, ao pôrto ideal, alí perto
predestinado à glória, — o Espírito Santo,
a terra que Anchieta enaltecia tanto.

. . . . . .

E vai a multidão, a subir a montanha,
sentindo, na alma, em pranto, a sensação estranha
de um vácuo, ou mesmo um tom sigular, na folhagem
como se o meio todo, imerso em fria aragem
da madrugada triste, à dor se associasse.
E, lá, na ermida em que se deu o desenlace,
ajoelhado ainda e mãos postas no altar,
Frei Palácios parece, enlevado, a rezar!

Maria Stella de Novaes.

A EPIDEMIA DE 1699

Ano de epidemia. Ano de horrores.
Ante a febre que irrompe, violenta,
de lar em lar, a inquietação aumenta,
quer em Vitória, quer nos arredores.

"Ai. o meu filho"! — pobre mãe lamenta.
E os noivos vêem, mágoas interiores
calando, transformar-se em tristes flores
o brilho das grinaldas. E, sedenta

de vidas, passa Morte... "O Mãe, Senhora
da Penha, tem piedade"! — reza e chora
o povo... Amaina a febre. É certo dia,

maravilham-se os crentes. Num sorriso
que era a Esperança, — dúlcido, impreciso, —
linda, no altar, a Imagem refulgia.

Geraldo Costa Alves.

SAUDAÇÃO À PENHA

Oh, Penha majestosa e sublimada,
Nunca assás maravilha decantada

Do opulento Brasil!

A Filha de Sion, rica e formosa,
Gasalhado dás, nobre e generosa,

Em teu belo alcantil.

Tua linda alcatifa o mar adora
E humilde, a osculando, canta e chora

Em místico bramir;

Chora, sim, não podendo ver-te a face;
Mas, orvalha a cecém, que a teus pés nasce,

E te canta, a sorrir.

A pétrea solidez de que te veste
É um escudo potente que fizeste

Contra a morte fatal;

És famosa e do mundo festejada,
Porque, em tua fulgente cumiada,

Resplandece grã luz,

Que dardeja milagres infinitos,
E o mundo, pondo os olhos nela fitos,

Ela mostra Jesus.

Pe. Eurípedes Pedrinha.

Patí do Alferes, Setembro de 1891

À VIRGEM SENHORA DA PENHA

1

Língua humana, oh, Virgem pura,
Não te pode bem cantar,
Pois que a Deus, té sôbre os anjos,
Aprouve mui te exaltar.

2

De Sião, formosa filha,
De Jessé, és flor mimosa,
Do Universo, soberana,
Do Céu, rainha amorosa.

3

Teu aroma de virtudes
Tôda a Terra deleitou,
Tua alma refulgente
Ao mundo inteiro pasmou.

4

Tôda candura e beleza
Capazes de uma alma ornar,
Em ti tôdas se gruparam,
Para te bem exaltar.

5

Vendo Deus tua pureza,
Tua profunda humildade,

Quís brilhasses mais que o Sol,
Com pasmosa claridade.

6

Ao Paraninfo celeste:
"Eis a serva do Senhor".
E fôste constituida
Mãe do próprio Salvador.

7

Do Padre Eterno és a filha
Mais predileta e amada,
Do Paráclito Divino
És a espôsa extremada.

8

De Deus, és filha, és espôsa,
És Mãe, Virgem Imaculada,
És dos homens protetora,
Poderosa, santa, amada.

9

Favores, mercês e graças,
Às mãos cheias, dispensando,
Mitigando pena e dor,
Todo o aflito consolando.

10

Dos prodígios e milagres,
Que operas, em nosso bem,
Senhora, eu sou testemunha,
Maravilham-me, também.

11

Todo o mundo te decanta,
Consoante predisseste,
Pois és Rainha amorosa,
Luz do mundo te fizeste.

Pe. Eurípedes Pedrinha.

Barra de São Mateus, 18-1.º-1888.

À VIRGEM DA PENHA

Permiti-me deponha a teus pés
Um sonêto, Senhora, que fiz,
É um pobre sonêto, bem sei,
Mas, amor e louvor êle diz.

Não posso te ofertar laurel nenhum prestante,
Nem sei te engrinaldar a fronte refulgente:
Formosa e tão gentil, oh ,Virgem resplendente,
Mal posso lobrigar teu sólio rutilante!

Em tua exaltação, oh, lume deslumbrante!
Perdeu seu brilho o Sol, e Deus munificente
Mostrou seu poderio e fino amor ingente,
A glória e seu valor, o brilho teu ovante:

Excelsa e doce Mãe, rainha gloriosa,
Eu criatura vil, bichinho despresível,
Nenhuma flor posuo, nem vóz melodiosa,

Para alcatifar teus pés, ou te cantar prazível!
Dá-me, porém, uma flor, ou uma vóz sonorosa
Receberás, um dia, um almo mimo plausível.

Estende, Virgem Maria,
Desta Penha alcantilada,
Terno olhar sôbre o Brasil
De quem és Mãe desvelada.

Protege, oh, Mãe dadivosa,
Minha Província formosa,
Faze se torne famosa,
Grande, rica e sublimada.

Pe. Eurípedes Pedrinha.

Pati do Alfares, Setembro de 1891.

NOSSA SENHORA DA PENHA

Todo o povo capixaba
A Maria vem louvar,
Lá no Convento da Penha,
Onde se ergue seu altar.

"Nossa Senhora da Penha!"
"Nossa Senhora da Penha!"
Todo o povo balbucia.
Nas lutas de cada dia.

Nossa Senhora da Penha,
Tôda vestida de glória,
Abençôa todo o povo
Da Cidade da Vitória.

O sino saúda a Vírgem,
Ao badalar, cada dia,
As ondas do mar, na praia,
Vêm cantar a Ave Maria.

A nossa terra foi salva
Da invasão estrangeira,
Pela Senhora da Peuha,
Nossa grande Padroeira.

O nosso Espírito Santo
Venera a Vírgem Maria,
E a sua bênção implora,
Ao romper de cada dia.

Pescador, em alto mar,
Tem o Convento, por guia,
Lá está quem o protege,
— A grande Virgem Maria.

O Convento, Hóstia branca,
Entre o céu e o verde mar!
Foi ali que a Vírgem Santa,
Escolheu p'ra vir morar.

Nossa Senhora da Penha,
Tu és a grande esperança
Dum povo que te venera
E à tua sombra descança.

Sobe a Ladeira da Penha,
Oh, homem, que és bom cristão,
Levando a alma contrita
E puro o teu coração.

Como joia preciosa;
Brilha, à noite, o Convento,
Também, no altar da Virgem,
Brilha a prece fervorosa.

Ailsa Alves Santos.

1958

TERCEIRA PARTE

CRONOLOGIA

CRONOLOGIA

1434 — A 19 de maio, Simon Vela encontra a imagem de Nossa Senhora, na Serra de França, em Salamanca, na Espanha. (Frei Colunga, Ntra. Snra. de la Peña de Francia).

1558 — Frei Pedro Palácios desembarca, em Vila Velha, no Espírito Santo. Vai residir numa cabana, ao pé do rochedo, no morro da Penha. (Frei Basílio Rower. Páginas da História Franciscana no Brasil; Basílio Daemon. A Província do Espírito Santo; Gomes Neto. As Maravilhas da Penha.

1564 — Frei Pedro Palácios constrói a capelinha de São Francisco, no Campinho do Morro da Penha. (Gomes Neto. As Maravilhas da Penha...).

1566 — Início da Ermida das Palmeiras. (Idem. Idem).

1570 — Primeira festa da Penha. (Frei Basílio. Páginas...).

1570 — Morte de Frei Pedro Palácios, a 2 de maio, na capela de São Francisco (Idem. Idem).

1573 — Primeira romaria de sacerdotes jesuítas, salvos do náufragio na foz do Rio Doce. (Serafim Leite. História da Companhia de Jesus no Brasil. T. I.).

1584 — Nova romaria de sacerdotes jesuítas. Viajavam com o Visitador Cristovão de Gouveia. Entre êles estava o Pe. Fernão Cardim. (Fernão Cardim. Tratados da Terra e Gente do Brasil).

1589 — Primeira viagem dos sacerdotes franciscanos ao Espírito Santo. (Frei Basílio. Páginas...; Daemon. A Província...).

1591 — Em janeiro, voltam os sacerdotes franciscanos e se estabelecem em Vitória. (Idem. Idem; Idem. Idem).

1591 — A 6 de dezembro, doação do monte da Penha aos franciscanos pela Governadora Luiza Grimaldi. (Idem. Idem; Idem. Idem.).

1597 — A 9 de Junho, morte do Pe. José de Anchieta. (Diversos autores).

1609 — A 18 de Fevereiro, trasladação dos despojos de Frei Pedro Palácios para o Convento de São Francisco, em Vitória. (Gomes Neto. As maravilhas...; Frei Basílio. Páginas...).

1616 — A 27 de Julho, foi instaurado, em Vitória, o processo de canonização de Frei Pedro Palácios. (Biografia de Frei Pedro Palácios, por XXX; Gomes Neto. As Maravilhas...).

1628 — Visita de Dom Luís de Céspedes Xeria, Governador do Paraguai. (Norbertino Bahiense. O Convento da Penha.

1630 — A 23 de Março, o SS. Padre Urbano VIII expede a Bula concedendo a Nossa Senhora da Penha o título de Protetora da Capitania do Espírito Santo. (Documento do arquivo de Dom Fernando de Souza Monteiro).

1639 — Nomeado Guardião do Convento de São Francisco, Frei Paulo de Santo Antônio iniciou melhoramentos na Penha:— construção da nave, ampliação da sacristia, calçamento da ladeira, etc. (Frei Basílio, Páginas...).

1640 — A visão dos holandeses. (Jaboatão. Novo Orbe Seráfico).

1643 — Início da construção da nave, a 3 de Maio. (Gomes Neto. As Maravilhas...).

1645 — Concluída a nave, a imagem de Nossa Senhora da Penha é colocada no altar mor. (Gomes Neto. As Maravilhas...).

1650 — A Junta reunida na Bahia de Todos os Santos aprova a Planta do cenóbio da Penha. Nomeia Frei Francisco da Madre de Deus superior da casa recém-instituída. 21 de Novembro de 1650. (Frei Basílio. Páginas...).

1651 — Lançamento da pedra fundamental do Convento da Penha, pelo Custódio Frei Sebastião do Espírito Santo. (Gomes Neto. As Maravilhas da Penha; Frei Basílio. Páginas...).

1652 — Construção da Casa dos Romeiros. (Machado de Oliveira. O Convento da Penha).

1652 — Salvador Corrêa de Sá e Benevides concede à Penha uma ordinária anual de 100$000, em vinte e cinco cabeças de gado procedentes da sua fazenda, em Campos dos Goitacases. (Gomes Neto. As Maravilhas...; Frei Basílio. Páginas...).

1653 — O saque do Convento da Penha pelos holandeses. (Gomes Neto. As Maravilhas...; Jaboatão. Novo Orbe...; Machado de Oliveira. O Convento...).

1653 — O Prelado-Mor da Bahia concede a Salvador Corrêa de Sá e Benevides e aos seus descendentes o título de "Padroeiros Venturosos do Convento da Penha". (Frei Basílio. Páginas...).

1653 — Frei Francisco da Madre de Deus é substituído na direção do Convento da Penha, por Frei Nicolau de São Tomé. (Frei Basílio. Páginas...).

1653 — A 6 de Novembro, Dom João IV concede à Penha uma ordinária anual, a pedido de Frei Sebastião do Espírito Santo. (Gomes Neto. As Maravilhas...; Frei Basílio. Páginas...).

1654 — Dona Catarina de Vide vende à Penha o campo de Piratininga, por 5$000. (Idem. Idem; Idem, Idem.).

1659 — Conclusão do primitivo cenóbio da Penha. (Frei Basílio. Páginas...).

1659 — Eleição do primeiro guardião da Penha, Frei Manuel dos Mártires. (Frei Basílio. Páginas...).

1664 — Visita de Martim Francisco Vasques Anes. (Daemon. A província).

1669 — Primeira viagem de Nossa Senhora da Penha a Vitória. (Pe. Serafim Leite. História da Companhia de Jesus no Brasil. T. I.).

1670 — Novas construções na Penha:— corredor inferior, celas com treze janelas para o mar. (Frei Basílio. Páginas...).

1769 — Cai o primeiro raio, na Penha. (Gomes Neto. As Maravilhas...; Domingos Caldas. O Poema Mariano sôbre a Penha).

1769 — O Milagre da chuva. (Idem. Idem; Idem. Idem).

1774 — Ampliação da igreja, com um alpendre. (Machado de Oliveira. O Convento... Frei Basílio. Páginas...).

1802 — Instituido, na Penha, um curso de língua indígena. (Gomes Neto). As Maravilhas...; Daemon. A Província).

1810 — Frei Mateus de Cristo manda fechar a gruta de Frei Pedro Palácios. (Gomes Neto. As Maravilhas...).

1818 — Visita do naturalista Augusto de St. Hilaire. (Frei Basílio. Páginas...; Daemon. A Província).

1819 — Eleito guardião da Penha Frei Francisco do Monte Alverne.

1834 — Primeira eleicão de Frei Vitorino de Santa Felicidade. guardião da Penha.

1842 — O Pe. Diogo Antonio Feijó visita a Penha. (Daemon. A Província).

1844 — A Lei n.º 7. de 12 de novembro dêsse ano, declara de Grande Gala e feriado em tôdas as repartições públicas, o dia da festa da Penha. (Diversos autores).

1849 — Frei Vitorino de Santa Felicidade rubrica o primeiro "Livro de Visitas da Penha".

1850 — Primeira eleição de Frei João Nepomuceno Valadares, guardião da Penha. Ocupou o cargo diversas vêzes. Intensificou as festas, com banquetes e divertimentos. (Jornais da Biblioteca Pública do Espírito Santo).

1853 — Frei Valadares providencia a reconstrução das senzalas e a construção de oito casas de romeiros.

1855 — Restauração geral do Convento.

1856 — Restauração geral do templo. (Jornais da Biblioteca...).

1856 — A coroa de Nossa Senhora da Penha vem até Carapina. (Idem...).

1860 — A 28 de Janeiro, visita de SS. MM. o Sr. Dom Pedro II e a Sra. Da. Teresa Cristina.

1862 — Frei Valadares manda reconstruir o frontespício da capela do Bom Jesus.

1862 — Frei Valadares é substituído por Frei Teotônio de Santa Humiliana.

1864 — Frei Teotônio de Santa Humiliana manda colocar uma inscrição na gruta de Frei Pedro Palácios.

1864 — A 4 de Outubro, furiosa tempestade destrói o alpendre e arrasa a Casa dos Banquetes. (Gomes Neto. As Maravilhas...).

1867 — A 29 de Janeiro e 14 de Fevereiro, caem raios na Penha, causando sérios prejuízos.

1867 — Extinta a guardiania da Penha, é nomeado para administrar a casa Frei João do Amor Divino Costa.

1874 — O escultor José Fernandes Pereira realiza diversos trabalhos no Santuário da Penha.

1879 — Conclusão do assoalho, em estilo mosaico, na capela.

1879 — Construção do novo alpendre.

1879 — Pelo Decreto de 14 de Abril, o Sr. Bispo do Rio de Janeiro proibe as festas da Penha, fora do templo.

1880 — A 3 de Julho, visita de Dom Pedro Maria de Lacerda.

1881 — O SS. Padre Leão XIII concede indulgência à Penha.

1893 — Em excursão à Capital do Espírito Santo, no desempenho de dar execução à Lei mineira n.º 56, de 18 de Julho dêsse ano, para promover a união econômica entre Minas e o Espírito Santo, o Sr. Dr. Afonso Augusto Moreira Pena visita o Santuário da Penha.

1894 — Visita de Dom Francisco Rego Maia, Bispo do Rio de Janeiro.

1897 — Primeira visita de Dom João Batista Corrêa Néri, Bispo do Espírito Santo, a 26 de Maio. . . . .

1898 — Dom João Batista Corrêa Néri pede à Santa Sé o Convento da Penha para a Mitra Diocesana.

1898 — A 18 de Dezembro, Rescrito da Internunciatura Apostólica, no Brasil, transferindo para a Diocese o Santuário da Penha e o Convento de São Francisco.

1899 — A 14 de Março, Dom João Néri toma posse do Convento da Penha, em nome da Diocese.

1899 — Transferência do Seminário Diocesano para o Convento da Penha.

1899 — A 18 de março nomeação de Monsenhor João André Casella para o cargo de capelão da Penha.

1899 — A 10 de Abril, grande festa da Penha. Reinício das festas. Primeiro Pontifical celebrado no Santuário.

1900 — Instalação de pára-raios, na Penha.

1901 — Dom Fernando de Sousa Monteiro, eleito Bispo do Espírito Santo, publica a Carta Pastoral sôbre "A Devoção ao Divino Espírito Santo e a Nossa Senhora da Penha". 13-10-1901.

1903 — A 11 de maio grande romaria dos paroquianos de Santa Leopoldina, Santa Isabel, Viana e Araçatiba.

1904 — Dom Fernando contrata o artista francês Augusto Roner para envernizar e dourar as esculturas da Penha.

1908 — A 26 de Janeiro, o povo espírito-santense elege Nossa Senhora da Penha Padroeira da Diocese, em confirmação da Bula de Urbano VIII.

1908 — Morte de Monsenhor João André Casella, piedoso capelão da Penha.

1909 — O marcineiro Pinin é contratado para diversas reformas na Penha:— assoalho, fôrro, mobília, etc.

1910 — Bênção do altar de mármore. Instalação da luz elétrica na Penha.

1911 — A 16 de Maio, visita de Da. Júlia Lopes de Almeida.

1911 — Em Precatória de 4 de Setembro, o Govêrno Federal determina o sequestro da Penha. Dom Fernando requer um interdito.

1911 — Dom Fernando institue a Associacão de Nossa Senhora da Penha, para o Seminário Diocesano.

1913 — Dom Fernando manda fazer "Lembranças da Penha". Aprova o "Ato de Consagração", impresso nas estampas de Nossa Senhora da Penha.

1916 — A 23 de Março, morte de Dom Fernando de Sousa Monteiro.

1918 — Dom Benedito Alves de Sousa manda adaptar a Penha para retiro do clero.

1919 — Dom Benedito concede à Penha o título de "Episcopal Santuário de Nossa Senhora da Penha".

1920 — O capelão da Penha. Pe. José Ludwin manda reconstruir a Casa dos Romeiros.

1920 — A questão do "Morrinho".

1921 — Inauguração dos retratos dos Srs. iBspos — Dom João Néri, Dom Fernando e Dom Benedito.

1922 — Visita do Sr. Núncio Apostólico, Dom Henrique Gasparri.

1925 — Publica-se em Vitória, "O Santuário da Penha", nas oficinas do Orfanato Cristo-Rei.

1925 — A 4 de Outubro, o roubo das jóias e da coroa de Nossa Senhora da Penha.

1926 — 27 de Junho visita do Presidente da República, Dr. Artur da Silva Bernardes. Em Novembro, visita dos membros do 8.º Congresso Brasileiro de Geografia.

1927 — Inauguração das telas de Benedito Calixto.

1928 — A 28 de Junho, inauguração da estrada de rodagem.

1933 — A 23 de Agôsto, visita do Sr. Dr. Getúlio Vargas

1942 — A 2 de Fevereiro, os sacerdotes franciscanos voltam a residir na Penha.

1945 — Em Setembro o quadro de Nossa Senhora da Penha vem a Vitória, durante o Congresso Eucarístico.

1945 — Em Junho, o construtor André Carloni inicia a restauração do Convento, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em Setembro, o quadro de Nosa Senhora da Penha vem a Vitória, durante o Congresso Eucarístico Nacional.

1947 — Roubo da coroa de Nossa Senhora da Penha, a 2 de Abril.

1949 — Em Setembro, visita do General Eurico Gaspar Dutra.

1951 — A Imagem de Nossa Senhora da Penha vem a Vitória, durante as festas do Quarto Centenário de Vitória.

1953 — A 13 de Maio, a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima vai, em procissão, até o Campinho do morro da Penha.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

— As Maravilhas da Penha **J. J. Gomes da Silva Neto**

— A Terra Goitacá **Alberto Lamego**

— Atividades do Centro Folklórico Luso-Brasileiro
Mariza Lira

— Coleção da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do E. Santo.

— Dicionário Histórico e Geográfico e Estatístico da Província do E. Santo.
César Augusto Marques.

— Dicionário Histórico e Geográfico do Espírito Santo.
F. Eugênio de Assis.

— Documentos do Arquivo de Dom Fernando de Sousa Monteiro.

— Efemérides Brasileiras **Barão do Rio Branco.**

— El culto mariano em España **Fr. Augusto Sanches Peres.**

— História e Estatística da Província do Espírito Santo
José Marcelino Pereira de Vasconcelos.

— História do Culto de Nosa Senhora em Portugal
Alberto Pimentel.

— História do Brasil **Roberto Southey.**

— História do Brasil **Rocha Pombo.**

— História da Colonização Portuguêsa no Brasil.

— História da Companhia de Jesus, no Brasil
Pe. Serafim Leite.

— História Universal **César Cantu.**

— História General del Arte
Version espanhola de **Emilio Gasco Contell.**

— Iconografia Argentina **Alejo B. Gonsalez Gavañn.**

— Imagens do Nordeste **Roger Bastide.**

— Imagerie Phénicienne **Ch. Chemont-Ganneux.**

— Jornais da Biblioteca Pública do E. do Espírito Santo.

— Livro de Visitas do Convento da Penha.

— Memórias Históricas e Documentadas da Prov. do Espírito Santo **José Marcelino Pereira de Vasconcelos.**

— Memórias de um Capixaba.

— Memórias Históricas do Rio de Janeiro
J. S. Azevedo Pizarro.

— Migalhas Folklóricas **Mariza Lira.**

— Convento da Penha na Província do E. Santo
J. J. Machado de Oliveira.

— O Poema Mariano sôbre a Penha do Espírito Santo
Domingos Caldas.

— Província do Espírito Santo **Basílio de Carvalho Daemon.**

— Páginas de História Franciscana no Brasil
Frei Basílio Rower.

— Santuário Mariano **Frei Agostinho de Santa Maria.**

— No Orbe Seráfico Brasileiro — Jaboatão.

ADENDA

SUPERIORES, GUARDIÃES E CAPELÃES DA PENHA

— **Superiores:**

1650 — Frei Francisco da Madre de Deus.
1653 — Frei Nicolau de São Tomé
1657 — Frei Antônio dos Santos.

— **Guardiães:**

1659 — Frei Manuel dos Mártires
1660 — Frei Baltazar das Neves
1662 — Frei Francisco, o Fundão
. . . . . .
1770 — Frei Tomaz de Santa Catarina
1773 — Frei Manuel de Sto. Tomaz
1774 — Frei Francisco de Jesus Camargo
1777 — Frei João da Graça
1779 — Frei Manuel de Sant'Ana Carneiro
1781 a 1784 — Frei Salvador de São Lourenço Justiniano
1784 a 1787 — Frei João de Santo Antônio
1787 — Frei Raimundo Penaforte
1789 — Frei Francisco da Conceição Pinto
1790 — Frei Joaquim de Santa Rosa Congonhas
1792 — Frei Manuel de Sant'Ana Carneiro
1793 — Frei Custódio de São Bernardo Maia
1795 — Frei Francisco da Conceição Valadares
1796 — Frei João de São Francisco Mendonça
1798 — Frei Francisco da Conceição Sant'Iago
1799 — Frei Vitorino de São José Mariano. (Só esteve um mês, no cargo)

1799 — Frei José de Santa Prudenciana Barradas
1801 — Frei Francisco de Santa Emerenciana
1802 — Frei Francisco da Ressureição Graça
1804 — Frei Alexandre de São José Justiniano
1805 — Frei Joaquim de Santa Rosa Congonhas
1807 — Frei Francisco de São Carlos
1808 — Frei Mateus de Cristo
1810 — Frei Lourenço de São Francisco de Paula
1811 — Frei Antônio das Neves
1813 — Frei Lourenço de São Francisco de Paula
1814 — Frei José do Paraiso Nazaré
1816 — Frei José de Santa Felicidade
1818 — Frei Joaquim de São Daniel
1819 — Frei Francisco do Monte Alverne
1821 — Frei Francisco das Chagas
1823 a 1828 — Frei João de Santa Cecília
1828 — Frei Antônio de Santa Mafalda
1830 — Frei João de Santa Cecília (Só esteve três mêses, no cargo)
1830 — Frei Antônio de São Joaquim
1831 a 1834 — Frei Manuel de Santa Fortunata
1834 a 1838 — FreiVitorino de Santa Felicidade
1838 a 1841 — Frei José do Patrocínio
1841 — Frei Gustavo de Santa Cecília
1842 — Frei Vitorino de Santa Felicidade
1847 — Frei Francisco de São Diogo
1849 — Frei Vitorino de Santa Felicidade
1850 — Frei João Nepomuceno Valadares
1852 — Frei João do Espírito Santo
1853 a 1857 — Frei João Nepomuceno Valadares
1857 — Frei João Batista de Santa Rosa
1859 a 1862 — Frei João Nepomuceno Valadares
1862 — Frei Teotônio de Santa Humiliana, até 1867, quando pediu exoneração. Extinto o cargo de Guardião da Penha, foi nomeado Administrador dos Conventos de Vitória e da Penha, Frei João do Amor Divino Costa.

— **Capelães:**

1 — Monsenhor João André Casella
2 — Cônego João Maria Alexandre Cochard
3 — Pe. Luís Cláudio de Freitas Rosa
4 — Pe. José Joaquim Pereira Gomes
5 — Pe. Camilo Loureiro Bento
6 — Pe. José Ludwin

-- **Guardiães:**

1942 — Frei Luís Wand
— Frei Gil Maria
— Frei Valentim Tambosi
— Frei Calixto Fruet
— Frei Alfredo W. Setaro, atual guardião.

ESCRITURA DA GOVERNADORA LUIZA GRIMALDI

"A Governadora Luiza Grinaldi e seu Adjunto Miguel de Azeredo, desta Capitania do Espírito Santo, e oficiais da Vila da Vitória, e assim os da Câmara desta Vila do Espírito Santo da dita Capitania que êste ano de noventa e hum servimos, etc. — Fazemos saber aos que esta Carta de doação virem, que vindo os Muito Reverendos em Cristo Padres Capuchos da Sagrada Religião dos Frades Menores de Seráfico Padre São Francisco da Província de Santo Antônio de Portugal, mandados do Irmão Padre Geral Frei Francisco Gonzaga, e por ordem de Sua Majestade a estas partes do Brasil a edificar casas e Mosteiros para a glória e serviço do Nosso Senhor, e da salvação das almas, e aumento de nossa Santa Fé Católica, com título de Custódia de Santo Antônio do Brasil, sujeita à mesma Província de Santo Antônio do Reino de Portugal, confirmada por hum Breve Apostólico do Papa Sisto V de boa memória; sabendo isto Vasco Fernandes Coutinho, que Deus tenha em sua glória, Capitão e Governador, que então era desta Capitania, movido com santo Zêlo do Serviço do Senhor, e bem comum e aumento espiritual, que com os ditos Religiosos receberia esta Capitania; considerando o fruto que faziam em outras partes, onde já estavam, com sua vida exemplo e doutrina, oração e sacrifícios, mandou pedir ao R. P. Frei Melchior de Santa Catarina, Custódio da sobredita Custódia, e Comissário destas partes, pelo Irmão Padre Geral, que lhe mandasse Religiosos a esta Capitania para nela fazerem casa, e habitarem, para que nós tão bem recebêssemos dêles a mesma doutrina e exemplo, pela muita devoção, que todos temos a esta mesma Sagrada Religião, oferecendo-lhe para a sua morada a casa de Nossa Senhora da Penha, sita no têrmo da Vila do Espírito Santo, por respeito de haver fundado um religioso da sua Ordem, chamado Fr. Pedro, que ali veio com licença de seus Prelados muitos anos, com muito exemplo de vida, e edificação do Povo, e ali acabou virtuosa e santamente, e foi sepultado em uma Ermida e Capela, que a êsse tempo tinha feito, e por sua morte

os moradores desta Capitania, por sua devoção, e por respeito do lugar reformaram e aumentaram, e sustentaram no estado em que hoje está, e sempre com intento e desejo de a entregar aos Religiosos da dita Ordem para nela habitarem, e assim o mandaram pedir a dito Padre Comissário; e pôsto que êle então não pôde mandar Religiosos, para arribarem às Indias, os que vinham do Reino em Companhia do Governador Geral Francisco Giraldes; ordenou Nosso Senhor, como depois mandasse outros para esta Capitania para satisfazer nossos desejos e edificar casa nela, aos quais recebemos com a devoção, e caridade, que a tal Religião devemos; e para melhor nos aproveitarmos de sua Santa conversação, e doutrina, Sacrifícios, ofícios, Orações e mais exercícios, e recebermos proveito espiritual, que dêles pretendemos, lhe damos sítio nesta Vila da Vitória, onde ora estão, e nós com êles não menos edificados, que satisfeitos, e consolados; e desejando nós corresponder da nossa parte, e manifestar a gratificação, que devemos, e a razão que temos de louvar a Nosso Senhor Jesus Cristo pela mercê, que nos fêz satisfazendo de todo os nossos desejos, e devoção com os têrmos sòmente nesta Vila da Vitória, mas tão bem em a casa de N. Senhora da Penha, já dita, por ser lugar mui acomodado, e disposto pada fazerem ali muitos serviços a Nosso Senhor, e para consolação dos devotos, que ali concorrem por devoção da Senhora, e Navegantes, que a ela se vão encomendar, pelo qual juntos nós com o muito R. Francisco Pinto, Vigário desta Vila da Vitória, e ouvidor da vara nesta capitania, nos fomos ao mosteiro do glorioso P. S. Francisco, e com muita instância pedimos aos Muito Religiosos em Cristo Padres Fr. Antônio dos Mártires, e Fr. Antônio das Chagas seu companheiro quisessem receber a dita casa de Nossa Senhora da Penha, e fazerem nela um oratório, pois lhe era tão devida, e pertencente pelas razões atrás declaradas, os quais nos responderam, que êles aceitariam a dita casa por autoridade, que para isso tinham do dito Padre Comissário seu Prelado, da maneira e forma, que êles podiam e segundo sua Regra, e declarações dela, feitas pelos Sumos Pontífices, especialmente Nicolau III e Clemente V. convém saber, uso simples que êles podem ter das coisas oferecidas, e dadas à sua Ordem. Pelo que, de consentimento dos moradores da dita casa de Nossa Senhora que nisto intervieram e procuraram com os ditos Religiosos a tal aceitação, e de comum voto, e parecer de todo o Povo desta Vila da Vitória, que para isso foi junto em câmara, todos os sobreditos juntos, e cada um per si, com todo o direito, ju-

risdição, e ação, com que fazer o podemos, de hoje para sempre damos, e doamos à sobredita Ordem a Custódia dos Frades Menores Capuchos de S. Antônio do Brasil da obediência da Província de S. Antônio do Reino de Portugal da Ordem do Seráfico Padre São Francisco a dita casa, a igreja de Nossa Senhora da Penha. E assim e da maneira, que a êles podem receber, segundo por êles nos foi declarado, com tôda a fábrica do edifício, que nela está feito, assim de casa, como de outra qualquer obra de pedra, cal, tijolo, madeiras; e assim também para mais recolhimento seu, e para que ao diante não sejam molestados, e devassados com lhe fazerem roças ao redor daquele monte, ou com gados, lhe damos todo o chão, e terra desde o pé do dito monte até o cume, que outra pessoa não fôsse primeiro dado. E assim mais tôdas as águas, e fontes que nêle há, e todos os mais bens e coisas à dita Igreja anexas, obrigadas, e pertencentes. Mas, porque os ditos Frades não são capazes por sua Regra da propriedade e domínio de coisa alguma, havemos por bem e queremos que tal propriedade, e domínio de tôdas elas, logo seja traspassado e de feito traspassamos ao Sumo Pontífice da Santa Igreja Romana, como está declarado pels Papas acima ditos, e na forma que dito havemos esta doação por feita, firme, fixa, e valiosa de hoje para sempre, e mandamos deitar, e registrar no livro das doações da Câmara desta Vila da Vitória para em todo o tempo se saber de como lhe foi feito por nós, a qual vai por nós assinada e selada com os selos que entre nós servem. Dada na dita Vila da Vitória aos seis dias do mês de dezembro. Gaspar Carvalho, Tabelião na dita Vila da Vitória, e que ora serve de escrivão da Câmara em ausência do proprietário, a fêz por nosso mandado ano de mil e quinhentos e noventa e um anos. Sobredito tabelião o escrevi. D. Luiza Grimaldi, Miguel de Azeredo, Marcos de Azeredo. Marcos Veloso. Domingos Luís. Francisco Pinto. Gaspar de Paiva. Domingos Rodrigues. Fica registada esta doação no livro dos Registos desta Câmara da Vila da Vitória a fôlhas vinte e quatro e vinte e cinco do dito livro por mim Gaspar de Carvalho tabelião, que serve na dita Câmara, e por verdade assinei hoje vinte de dezembro de mil e quinhentos e noventa e um anos. Gaspar de Carvalho".

AUTO DE POSSE DO CONVENTO E DO SANTUÁRIO DA PENHA

14 de Março de 1899

Aos quatorze de Março do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e noventa e nove, S. Ex. Rma. o Sr. Bispo Diocesano, em presença das testemunhas Ovídio dos Santos, substituto do Juiz Seccional, Adrião Nunes, despachante da Alfândega, e clérigos Samuel Fragoso, Blanco y Gonzales e eu Joaquim Mamede da Silva Leite, escrivão ad hoc. de posse de um Rescrito Pontifício procedente de Internunciatura Apostólica nos E. U. do Brasil, datado de dezoito de dezembro de mil oitoçentos e noventa e oito do teor seguinte, assumiu a jurisdição da Penha.

N.º 927

Internunciatura In
Apostólica Brasilia
NOS DOCTOR JOSEPH MACCHI
Dei et Apostolicae Seis Gratia
Archiepiscopus Thessalonicensis

IInternuntius Apostolicus Et Legatus Extraordinarius. Universis et singulis quorum interesse poterit, praesentium litterarum virtute, notum facinus atque testemus quod. SSmus. Dnus. Nr. Leo, div., prov., P. P. XIII preces Exmi. ac Rmi. Episcopi Sancti Spiritus in Brasilia benigne excipiens, et prae oculis habens sive illarum animarum bonum sive pauperrime illius Dioceseos, incrementum, praehabito etiam favorabili voto Moderatorum Franciscani Ordinis et pleno consensu, unum alterunque Conventum eidem Ordini S. Francisci pertinentium tum nempe qui prope Victoriam prostat et audit de Nossa Senhora da Penha, tum qui in eadem civitate Victoriae extat et titulum sibi praesefert Sancti Fran-

cisci eiusdem Exmi. ac Rmi. Episcopi omnimodae iurisdictioni, tempore Sanctae Sedi beneviso subiecit, ac eius pastorali sollicitudini commodavit una cum Ecclesiis, ipso Sanctuario da Penha, comprehenso, Oratoriis, Coemeteriis, bonis patrimonialibus, praediis, redditibus, iuribus et onerebus adnexis, vel quomodolibet at praefatos Conventus spectantibus, cum libera quoque potestate bona haec omnia admiministrandi, iisque, utendi fruendique in utilitatem quidem suae dioceseos, quavis exceptione remota.

Datum Petropolis dia 18 mensis Decembris an. 1898.

L. I. S.

(Assignado) Joseph, Arciep. Thessalonicensis

Int. Aplicus

M. Sibilia, Auditor".

E não havendo administrador legal no dito Convento exigiu de João Ramires as chaves do Convento e Santuário de Nossa Senhora da Penha e, penetrando nos mesmos declarando tomar dêles posse, em virtude do ato apostólico, e como bispo diocesano, a quem d'ora em diante pertencia a exclusiva e plena jurisdição em tais bens eclesiásticos. Em seguida, mandou proceder ao arrolamento de tudo que encontrou em ditos edifícios. Para constar e produzir todos os efeitos, mandou lavrar êste auto que vai, por S. Ex. Rma. e testemunhas presentes assinado. E eu Joaquim Mamede da Silva Leite, escrivão **ad hoc** o escrevi.

Penha, 14 de Março de 1899

JOÃO NERI, Bispo Diocesano

Ovídio dos Santos

Adrião Nunes Pereira

José Blanco y Gonzales

Desde então, foi encarregado da administração do Convento da Penha o seminarista Joaquim Mamede da Silva Leite, ordenado sacerdote, em Vitória, no ano seguinte. O primeiro capelão da Penha, Monsenhor João André Casella, foi nomeado, a 18 do referido mês de março. Faleceu, em Vitória, a 21 de Julho de 1908.

ÍNDICE

ÍNDICE

PÁG.

Sôbre a primeira edição — Paulo Freitas .....

Prefácio — Dom Francisco de Aquino Corrêa .....

PRIMEIRA PARTE

História e Folclore

Capítulo I — Origem do culto de Nossa Senhora da Penha. O Puy. Romarias célebres. A Romée, Luís XIII, o Marechal Petain, Carlos Magno. A Serra de França, em Salamanca. A descoberta da imagem. Simon Vela 23

Capítulo II — Divulgação do culto a Nossa Senhora da Penha, em Portugal. A igreja da Penha, de Irajá, no Rio de Janeiro. A Protetora de Lisboa. A Protetora dos Navegantes 31

Capítulo III — Frei Pedro Palácios chega ao Espírito Santo. O quadro da Virgem. Lendas. A capela de São Francisco 35

Capítulo IV — A Ermida das Palmeiras. A água. As palmeiras. A imagem de vulto. Lendas. Morte de Frei Pedro Palácios. Nicolau Afonso 41

Capítulo V — A imagem de Nossa Senhora da Penha. Iconologia. 45

PÁG.

Capítulo VI — Romaria dos jesuitas, em 1573. Nova romaria, em 1584. Primeira viagem dos sacerdotes franciscanos à Capitania. Doação da Penha "ao Sumo Pontífice da Santa Igreja Romana". Morte do Pe. José de Anchieta. Transladação dos despojos de Frei Pedro Palacios para Vitória. Processo de sua canonização 49

Capítulo VII — O primeiro milagre, na Penha. A Penha, na vida popular:— casamentos e batizados. As festas. Trovas e glosas 53

Capítulo VIII — A primeira invasão holandesa. A segunda invasão holandesa. O saque do Convento. A profecia de Frei Francisco da Madre de Deus. O milagre da cerração 67

Capítulo IX — A visita de Dom Luís de Céspedes Xeria. Melhoramentos na Penha, efetuados por Frei Paulo de Santo Antônio. Trovas. Decreto de Urbano VIII. Providências para a construção de um convento, na Penha. A Junta reunida, na Bahia, aprova a planta do convento. O enfermeiro das Contas Brancas 73

Capítulo X — A Ordinária de Salvador Corrêa de Sá e Benevides. O campo de Piratininga. A Ordinária do Rei. O primeiro guardião. Trovas. A primeira viagem de Nossa Senhora da Penha a Vitória. Construções, na Penha 77

Capítulo XI — O milagre da chuva. O primeiro raio, na Penha 83

PÁG.

Capítulo XII — Reformas e construções. O curso de língua indígena. Frei Francisco de São Carlos e o Poema "Assunção da Virgem". Saint Hilaire. Frei Francisco do Monte Alverne 87

Capítulo XIII — O "Livro de Visitas". O Pe. Diogo Antônio Feijó. Frei João Nepomuceno Valadares e as festas da Penha. A coroa de Nossa Senhora da Penha, e o Menino Jesus vêm a Vitória. A "Glosa da Coroa". A visita de SS. MM. o Imperador Dom Pedro II e Da. Teresa Cristina Maria. A destruição do alpendre e da Casa dos Romeiros. Morte de Frei Valadares. O naufrágio do "Espadarte". Glosa 9

Capítulo XIV — Os raios. Extinta a guardiania da Penha. Frei João do Amor Divino Costa, administrador da Penha. Trabalhos do escultor João Fernandes Pereira. A visita de Dom Pedro Maria de Lacerda. O Santo Padre Leão XIII concede indulgências à Penha. As visitas do Dr. Afonso Augusto Moreira Pena e de Dom Francisco Rego Maia. 99

Capítulo XV — A Diocese do Espírito Santo. O Rescrito da Internunciatura Apostólica. O Santuário e o Convento da Penha são entregues à Diocese. O Seminário Diocesano. O primeiro capelão da Penha. Os pára-raios. Dom Fernando de Souza Monteiro. Restauração das esculturas. O altar. A luz elétrica. 105

PÁG.

Capítulo XVI — A Padroeira do Espírito Santo. Da. Júlia Lopes de Almeida visita a Penha. A Associação de Nossa Senhora da Penha. As "Lembrancas da Penha". Dom Benedito Paulo Alves de Sousa. Reconstrução da Casa dos Romeiros. As promessas. A "Questão do Morrinho". O roubo, em 1925. Outro roubo, em 1947 111

Capítulo XVII — Visitas dos Presidentes da República. A estrada de rodagem. Os franciscanos voltam a residir na Penha. A restauração do Convento e do Santuário, pelo SPAHN. As Bodas de Ouro da Diocese. O painel de Nossa Senhora da Penha vem a Vitória. 117

Capítulo XVIII — O Quarto Centenário de Vitória. Terceira viagem de Nossa Senhora da Penha a Vitória. Solene coroação da imagem. 121

SEGUNDA PARTE

Poesias

PÁG.

A Penha — Múcio Teixeira 127
O Quadro — Orminda Escobar Gomes 130
O Convento da Penha — Maria Stella de Novaes 131
Pedro Palácios — Solimar de Oliveira 132
O Convento da Penha — Carlos Dias de Miranda Cunha 133
O Convento da Penha — Solimar de Oliveira 134
O Convento da Penha — A Barroso 135
A Infinita Bondade — José Elesbão de Castro 136
Hino a Nossa Senhora da Penha — José Elesbão de Castro 138
O Convento da Penha — Lauro Carvalho 139
Nossa Senhora da Penha — Ernesto Guimarães 140
O Convento da Penha — Hilário Soneghet 141
Convento da Penha — Paulo Freitas 142
Eu vim me despedir — Virgínia Tamanini 143
Rosário de Maria — Paulo Freitas 144
No Convento da Penha — Batista Campos 147
Tu és Penha — José Elesbão de Castro 148
Canção das Violetas — José Elesbão de Castro 150
A Nossa Senhora da Penha — Luís B. dos Santos 153
Hino do Primeiro Congresso Mariano 155
Hino a Nossa Senhora da Penha 156
Hino a Nossa Senhora da Penha — Pe. José Maria da Rocha 158
A Ermida das Palmerias — José Elesbão de Castro 160
Rainha dos Céus, eu venho — Luis B. dos Santos 162
Nuestra Señora de la Peña — Carlos Maria de Vallejo .. 164
O Frade — Paulo Freitas 165
Pedro Palácios — Solimar de Oliveira 166

Pág.

Convento da Penha — Athayr Cagnin 167
Convento da Penha — Reinaldo de la Paz 168
O Sonho de Frei Pedro — Ruy Côrtes 169
O Convento da Penha — Marysol de Araujo 170
Vila Velha — Geraldo Costa Alves 172
Visita ao Convento — Leonor Pereira 173
O Milagre do Sino — Geraldo Costa Alves 174
Ab Excelso — Geraldo Costa Alves 178
A Lenda das Palmeiras — Geraldo Costa Alves 179
O Convento da Penha — Heitor Braga 180
O Santuário — A. Teixeira Leite. 181
Loas a Nossa Senhora da Penha 182
Só aqui, neste Convento 185
Prece à Virgem da Penha — Marysol de Araujo 186
Dessa Penha Onde Estais — Luís B. dos Santos 187
Fui ao Convento da Penha — Luís B. dos Santos 189
A Morte do Asceta — Maria Stella de Novaes 191
E Epidemia de 1699 — Geraldo Costa Alves 193
Saudação à Penha — Pe. Eurípedes Pedrinha 194
A Virgem Senhora da Penha — Pe. Eurípedes Pedrinha 195
A Virgem da Penha — Pe. Eurípedes Pedrinha 198
Nossa Senhora da Penha — Ailsa Alves Santos 200

TERCEIRA PARTE

Cronologia

Cronologia 205
Bibliografia 215

ADENDA

Superiores, Guardiães, Capelães da Penha 219
Escritura da doação da Penha ao Sumo Pontífice da Santa Igreja 223
Auto de Posse da Penha, em 1899 227

ÍNDICE

ERRATA

	Página	Linha	Leia-se
deisou	24	10	deixou
antiqu,ssima	27	17	antiquíssima
Palácios parece,	37	30	Palácios, parece
pesquisas foi	38	17	pesquisas, foi
Campinho	41	3	Campinho.
construi-se	42	10	construiu-se
Aas palmeiras	58	23	As palmeiras
desa	77	24	dessa
poços	83	3	poços,
vaos	87	9	vãos
1853	91	26	1853,
horizonte	139	1	horizonte,
O lado	160	5	Ao lado

UM BISPO MISSIONÁRIO

(Premiado na Academia Brasileira de Letras, em 1952).

"Acreditamos que nunca se escreveu, no Espírito Santo, ainda que se recordem as obras deixadas por Muniz Freire, Afonso Cláudio, Pereira de Vasconcelos e ainda uns poucos autores, com a mesma erudição, uma obra tão espírito-santense como "Um Bispo Missionário"

.....

.....

"O trabalho da Sra. Maria Stella de Novaes, em hora oportuna entregue ao público, é, além de tudo, de uma grande e profunda consistência histórica, que o coloca, sem dúvida, entre os melhores, no gênero, que se tenham escrito, no Espírito Santo e também no Brasil."

Solimar de Oliveira
"A Gazeta", Vitória, 20-11-1953

No patrimônio cultural e moral do Espírito Santo o seu livro é um elemento vivo e nobre que a todos nós, brasileiros e católicos, orgulhece serenamente.

Dr. Luís da Câmara Cascudo
1/1/52

A Sra. Maria Stella de Novaes é autora de quase uma vintena de trabalhos, na sua maioria consagrados à História Natural. Suas monografias sôbre as orquídeas do Espírito Santo constituem obra original, que se não deve esquecer, no cômputo de sua atividade científica.

"Jornal do Comércio." 1952

A história religiosa do Espírito Santo tem, na Sra. Maria Stella de Novaes, cooperadora eficiente e erudita.

Entregando à crítica nacional o bem elaborado "Um Bispo Missionário", *prestou real serviço às letras históricas do país, muito especialmente ao glorioso Estado do Espírito Santo.*

Dr. Apolônio Nóbrega
"Jornal do Brasil"
22/3/1952

BT660.P39 N93
Relicario de um povo : o Santuario da
Princeton Theological Seminary-Speer Library
1 1012 00217 2825

Composto e Impresso nas Oficinas do
Departamento de Imprensa Oficial
Vitória — Esp. Santo